



ACADEMIA MILITAR

A implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu

Autor: Aspirante de Infantaria da GNR Fábio Georges Manso Zuada

Orientador: Major de Infantaria da GNR Reinaldo Saraiva Hermenegildo (Doutor)

Coorientador: Capitão de Infantaria da GNR Gonçalo João Mendes de Brito

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Segurança

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, setembro de 2019



ACADEMIA MILITAR

A implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu

Autor: Aspirante de Infantaria da GNR Fábio Georges Manso Zuada

Orientador: Major de Infantaria da GNR Reinaldo Saraiva Hermenegildo (Doutor)

Coorientador: Capitão de Infantaria da GNR Gonçalo João Mendes de Brito

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Segurança

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, setembro de 2019

EPÍGRAFE

*“When disasters occur or critical situations arise, there is one team that will still be there,
at the borders: the man and the dog”*

Radu Anton

DEDICATÓRIA

À minha família e namorada,
pelo apoio incondicional no decorrer da minha formação.

AGRADECIMENTOS

O Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (RCFTIA) assinala o término de uma das fases do último ano do Curso de Formação de Oficiais da Academia Militar e representa também um dos maiores desafios do meu percurso académico. Este tornou-se um projeto desafiante, intenso e gratificante, e não seria possível de se realizar sem o contributo e colaboração, direta ou indireta, de um conjunto de intervenientes. Por esta razão, importa agradecer o seu especial contributo.

Ao meu orientador, Major de Infantaria da Guarda Nacional Republicana (GNR), Reinaldo Saraiva Hermenegildo, pelas orientações e total disponibilidade em todas as fases da elaboração do RCFTIA, desde a proposta de tema até à entrega final da presente dissertação. Agradecer também pelo rigor e pelas constantes correções que foram fundamentais para encaminhar a investigação no melhor sentido.

Ao meu coorientador, Capitão de Infantaria da GNR Gonçalo João Mendes de Brito, pela sugestão do tema, pelo apoio, total disponibilidade e pelas indicações fornecidas que permitiram delimitar e concentrar o esforço de pesquisa no objetivo final da investigação.

A todos os entrevistados, que de forma pronta, sincera e honesta se disponibilizaram desde o primeiro momento a serem parte ativa na elaboração da presente investigação contribuindo para este efeito, através da partilha do seu conhecimento que resulta da sua vasta experiência de serviço.

Aos meus pais, irmã e avós que sempre estiveram presentes em todos os momentos da minha vida e consequentemente, da minha formação, por toda a força e carinho que sempre demonstraram.

À minha namorada, por ser um exemplo de determinação e persistência e por me ter acompanhado e apoiado em todo o meu percurso.

À Academia Militar e à Escola da Guarda, pela excelência do seu ensino, em especial nos domínios da segurança e defesa, alicerçada numa cultura de valores.

A todos os camaradas do Curso Tenente General de Artilharia e Engenheiro Mor, Luís Serrão Pimentel, no geral, e aos camaradas do vigésimo quarto Curso de Formação de Oficiais da GNR, em particular, pelo companheirismo e por todos os momentos vividos durante os cinco anos da nossa formação.

A todos vós reitero o meu sincero agradecimento.

RESUMO

A Europa enfrenta, nos dias de hoje, um grande desafio em termos de segurança, originado pela forte pressão migratória e pelo crime com dimensão transfronteiriça que se tem feito sentir nas fronteiras externas da União Europeia. Como resposta a esta problemática, desenvolveu um conjunto de medidas, entre elas, a implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu. É com base nesta problemática que surge a presente investigação.

Este trabalho tem como objetivo perceber de que forma, a implementação de programas de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, em operações desenvolvidas pela *Frontex*, contribuiu como uma ferramenta de apoio aos Estados-Membros que colaboram com a *Frontex*, no sentido de desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia, no combate e mitigação da migração ilegal e do crime com dimensão transfronteiriça.

A metodologia utilizada na investigação segue o método hipotético-dedutivo, privilegiando-se uma abordagem qualitativa em que os principais métodos de recolha de dados são, a pesquisa documental e bibliográfica e a realização de entrevistas, que através de um raciocínio de análise, do geral para o particular, permitiram chegar às conclusões.

Assim, foi possível apurar que o programa supramencionado, foi desenvolvido com o objetivo de criar uma cultura europeia de serviços de fronteira da mais alta qualidade possível, com padrões e procedimentos standardizados e com o intuito de promover a socialização, profissionalização, interoperabilidade e a cooperação entre as equipas cinotécnicas destacadas em missões da *Frontex*.

Deste modo, conclui-se que ao implementar, a nível europeu, um sistema de treino e de formação comum estamos a compartilhar valores comuns, o que permitirá empregar equipas cinotécnicas de qualquer país em qualquer lugar da Europa e, consequentemente, conseguiremos aumentar as capacidades, habilidades, eficiência e eficácia no decorrer das operações permitindo desta forma desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia.

PALAVRAS-CHAVE: Treino e formação comum; Equipas cinotécnicas; Cooperação; Fronteiras externas da União Europeia; Migração ilegal.

ABSTRACT

Europe is facing a major security challenge as a consequence of the strong migratory pressure and because of the dimension of cross-border crime that has been observed at the external borders of the European Union. In response to this problem, a specific set of measures was developed, including the implementation of common training programs for canine teams at European level. This research arises from the need to study this problem situation and the measures taken to combat it.

The present paper aims to understand how the implementation of common training programs for canine training teams at European level has contributed as a tool to support Frontex Member States in developing and enhancing operational surveillance capabilities and control of the external borders of the European Union, as well as in combating and mitigating illegal migration and crime with a cross-border dimension.

The methodology used in this research follows the hypothetical-deductive method, favoring a qualitative approach in which the main methods of data collection are the documentary and bibliographic research, as well as the conduction of interviews, which, through a detailed analysis, from general to particular, allowed us to reach conclusions regarding this subject.

In this way, we were able to verify that the above-mentioned program was developed with the aim of creating a European culture of border services of the highest quality, using standardized methods and procedures to promote socialization, professionalism, interoperability and cooperation between the canine teams in Frontex operations.

Finally, we conclude that by implementing a common training system at European level we are sharing common values that will allow the use of canine teams from a random country anywhere in Europe. As a result, we will be able to increase capacities, skills, efficiency and effectiveness in the performance of all operations, and to develop and strengthen the operational capabilities for monitoring and controlling the external borders of the European Union.

KEYWORDS: Common training; Canine teams; Cooperation; External borders of the European Union; Illegal migration

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE DE FÍGURAS	ix
ÍNDICE DE QUADROS	x
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS E ACRÓNIMOS	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO CINOTÉCNICA EUROPEIA	5
1.1. Desafios para a segurança da União Europeia	5
1.2. A Agência Europeia de Fronteiras e Costeira	7
1.3. Contextualização da formação na Agência Europeia de Fronteiras e Costeira	10
1.4. A formação Cinotécnica na Agência Europeia de Fronteiras e Costeira	13
1.4.1. Utilização de binómios nas fronteiras da União Europeia	13
1.4.2. Enquadramento da formação cinotécnica europeia	15
1.4.3. O processo de construção do currículo comum para tratadores cinotécnicos	16
1.4.4. O sistema de carreira das equipas cinotécnicas da Agência <i>Frontex</i>	20
1.4.5. Capacidade operacional dos binómios cinotécnicos europeus	22
1.5. O impacto do projeto <i>Frontex</i> na área cinotécnica a nível global	23
1.6. O papel da Guarda Nacional Republicana no seio da Agência <i>Frontex</i>	25
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS	29
2.1. Método de abordagem da investigação	29
2.2. Modelo de análise	30
2.3. Métodos e técnicas de recolha de dados	31
2.4. Amostragem	32
2.5. Tratamento e análise de dados	33
2.6. Local e data da pesquisa e recolha de dados	34

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS . 35

3.1.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 1	35
3.2.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 2	36
3.3.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 3	37
3.4.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 4	38
3.5.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 5	40
3.6.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 6	41
3.7.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 7	42
3.8.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 8	43
3.9.	Apresentação, análise e discussão da questão n.º 9	45
3.10.	Verificação das Hipóteses de Investigação	46
3.11.	Resposta às Questões Derivadas	48
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES		50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		54
APÊNDICES		I
APÊNDICE A - MODELO DE ANÁLISE DA INVESTIGAÇÃO		II
APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO ENDEREÇADA AO GRUPO UM .		III
APÊNDICE C - GUIÃO DE ENTREVISTA DO GRUPO UM		V
APÊNDICE D - CARTA DE APRESENTAÇÃO ENDEREÇADA AO GRUPO DOIS		VIII
APÊNDICE E - GUIÃO DE ENTREVISTA DO GRUPO DOIS		IX
APÊNDICE F - IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....		X
APÊNDICE G - RELAÇÃO ENTRE QUESTÕES DE ENTREVISTA E AS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO		XI
APÊNDICE H - PARTICIPAÇÃO DOS BINÓMIOS DA GUARDA EM OPERAÇÕES CONJUNTAS NO ÂMBITO <i>FRONTEX</i>		XII
APÊNDICE I - QUADROS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS QUESTÕES DE ENTREVISTA.....		XIV
ANEXOS		XXIX

ANEXO A - NÚMERO DE MIGRANTES IRREGULARES (MI) DETETADOS PELOS BINÓMIOS DO GIC	XXX
---	-----

ÍNDICE DE FÍGURAS

Figura n.º 1 – Placa identificativa do sistema de carreira das equipas cinotécnicas da Agência <i>Frontex</i>	21
Figura n.º 2 – Síntese da capacidade das equipas cinotécnicas europeias	23
Figura n.º 3 – Modelo de análise da investigação	II

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 - Análise da questão n.º 1	35
Quadro n.º 2 - Análise da questão n.º 2	36
Quadro n.º 3 - Guião de entrevista.....	V
Quadro n.º 4 - Questões endereçadas a entidades da Agência <i>Frontex</i>	IX
Quadro n.º 5 - Identificação dos entrevistados	X
Quadro n.º 6 - Relação entre questões de entrevista e as questões de investigação	XI
Quadro n.º 7 - Participação dos binómios da Guarda em operações conjuntas no âmbito <i>Frontex</i>	XII
Quadro n.º 8 - Análise da questão n.º 3	XIV
Quadro n.º 9 - Análise da questão n.º 4	XVI
Quadro n.º 10 - Análise da questão n.º 5	XVIII
Quadro n.º 11 - Análise da questão n.º 6	XX
Quadro n.º 12 - Análise da questão n.º 8	XXII
Quadro n.º 13 - Análise da questão n.º 9	XXVI
Quadro n.º 14 - Número de Migrantes Irregulares (MI) detetados pelos binómios do GIC	XXX

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndices

Apêndice A	Modelo de análise da investigação
Apêndice B	Carta de apresentação endereçada ao grupo um
Apêndice C	Guião de entrevista do grupo um
Apêndice D	Carta de apresentação endereçada ao grupo dois
Apêndice E	Guião de entrevista do grupo dois
Apêndice F	Identificação dos entrevistados
Apêndice G	Relação entre questões de entrevista e as questões de investigação
Apêndice H	Participação dos binómios da guarda em operações conjuntas no âmbito <i>Frontex</i>
Apêndice I	Quadros de análise de conteúdo das questões de entrevista

Anexos

Anexo A	Número de Migrantes Irregulares (MI) detetados pelos binómios do GIC
---------	--

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS E ACRÓNIMOS

AM	Academia Militar
Art.º	Artigo
CCC	Common Core Curriculum
CE	Conselho Europeu
CEPOL	<i>European Union Agency for Law Enforcement Training</i>
Cmdt	Comandante
Comp	Companhia
E	Entrevistado
EUBG	<i>European Union Border Guard</i>
FOA	<i>Flexible Operations Activities</i>
FSS	Forças e Serviços de Segurança
GIC	Grupo de Intervenção Cinotécnico
GNR	Guarda Nacional Republicana
HI	Hipóteses de Investigação
JO	<i>Joint Operation</i>
MI	Migrantes Irregulares
N.º	Número
NEP	Normas de Execução Permanente
OM	Observatório das Migrações
OSCE	<i>Organization for Security and Cooperation in Europe</i>
PESC	Política Externa e de Segurança Comum
Pel	Pelotão
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
RCAAP	Repositório Comum de Acesso Aberto a Portugal
RCFTIA	Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
TUE	Tratado da União Europeia
UCC	Unidade de Controlo Costeiro
UE	União Europeia
UEM	União Económica e Monetária

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, elabora-se no final do último ano, de um período de cinco anos, da Academia Militar (AM), enquadrado na estrutura curricular do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Segurança da Guarda Nacional Republicana, estando subordinado ao tema: “A implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu”.

O tema supramencionado está relacionado com a criação de uma ferramenta de trabalho, designada por currículo comum, através do qual, a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, doravante designada por *Frontex*, apoiada pelos Estados-Membros da União Europeia (UE), define a linguagem, os métodos, as técnicas, os procedimentos e a metodologia de trabalho que deve ser seguida pelos guardas de fronteira com competência na área cinotécnica, sempre que operem no âmbito de operações conjuntas da *Frontex*. O programa surgiu com a necessidade de estabelecer normas semelhantes de intervenção a nível operacional para todas as forças presentes na *Frontex* com competência na área cinotécnica.

Presenciam-se, nos dias que correm, inúmeros problemas ao nível das fronteiras externas da UE, derivados da imigração ilegal e dos crimes transfronteiriços que ocorrem com bastante frequência, pelo que, a resposta deve passar por melhorar e aperfeiçoar o profissionalismo, a eficiência e a eficácia de todos os guardas de fronteiras. Para que se atinja esse nível de profissionalismo e dado que atuam forças de diferentes países na proteção destas mesmas fronteiras, a criação de uma metodologia de trabalho comum é muito importante.

Para além disso, os guardas de fronteira são os primeiros elementos com os quais os migrantes e refugiados se encontram quando atravessam as fronteiras externas da UE pelo que a formação comum assegura um elevado nível de competência e uma forma uniforme de trabalho sempre que estes atravessam as fronteiras.

A presente investigação irá cingir-se à importância da implementação dos *standards* da *Frontex*, na uniformização de procedimentos ao nível do treino e manuseio dos binómios cinotécnicos das equipas cinotécnicas europeias, analisando o papel que os binómios da Guarda têm tido neste âmbito.

A capacidade cinotécnica foi uma das primeiras componentes operacionais para a qual a *Frontex* consolidou os procedimentos, certificação e treino de nível europeu.

Os padrões educacionais são pedras angulares na construção de competências harmonizadas dentro da educação e treino dos guardas de fronteira, pois promovem os princípios de garantia de qualidade para o desenvolvimento e reconhecimento de aprendizagem a nível nacional e europeu.

A elaboração do currículo comum permite demonstrar o compromisso assumido pela *Frontex* de promover e aplicar os mais elevados padrões profissionais e comportamentais durante as atividades operacionais bem como, pretende assegurar que a integridade e o profissionalismo das pessoas destacadas nas atividades operacionais permaneçam inquestionáveis em todas as circunstâncias.

A escolha do tema da presente investigação prende-se com a vontade de o investigador conhecer e compreender, de forma aprofundada, o papel que as unidades cinotécnicas têm desempenhado no controlo e combate à migração ilegal e ao crime com dimensão transfronteiriça nas fronteiras da União. De igual forma, procura compreender o que motivou a criação de programas de treino e formação comuns, no âmbito cinotécnico, e em que medida, a implementação da uniformização dos métodos, técnicas e procedimentos, tem contribuído para melhorar a eficácia dos binómios cinotécnicos dos Estados-Membros da UE.

A pertinência deste tema no âmbito do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Segurança da GNR, fundamenta-se no facto de ser um tema que se encontra na ordem do dia, uma vez que, o elevado número de migrantes que procuram diariamente transpor ilegalmente as fronteiras da União continua a ser uma realidade para as Forças e Serviços de Segurança (FSS) que desempenham tarefas de guarda de fronteira, como é o caso da GNR. Compreender o contributo da Guarda para a garantia da segurança na UE e para a elaboração do currículo comum para tratadores cinotécnicos da UE reveste-se de particular importância no âmbito do mestrado em causa.

Com o intuito de especificar em que sentido aponta o esforço de pesquisa da presente investigação, e para que possam enquadrar-se perfeitamente com a mesma, definiram-se os seguintes objetivos gerais e específicos.

O objetivo geral do presente RCFTIA procura fornecer “uma visão global e abrangente do tema” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 219) e, tem como desígnio, perceber de que forma, a implementação de programas de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, em operações desenvolvidas pela *Frontex*, contribuiu como

uma ferramenta de apoio aos Estados-Membros que colaboram com a *Frontex*, no sentido de desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da UE, no combate e mitigação da migração ilegal e do crime com dimensão transfronteiriça.

Por outro lado, os objetivos específicos, “apresentam um carácter mais concreto” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 219) com o intuito de detalhar os fins que o investigador pretende atingir com o seu estudo.

Assim sendo, como objetivos específicos, pretende-se efetuar uma análise da situação atual nas fronteiras da UE ao nível do fluxo de migrantes e refugiados que pretendem entrar na Europa bem como ao nível dos crimes que se têm vindo a verificar derivado desse mesmo fluxo.

Verificar o que motivou a elaboração de um Currículo Comum de forma a uniformizar o treino e formação de todas as forças e organizações que executam missões no âmbito da *Frontex*, no geral, e a necessidade de criar um Currículo Comum, com o intuito de standardizar as técnicas, procedimentos e metodologias de treino e formação de todas as forças presentes na *Frontex*, com competência na área cinotécnica, em particular.

É também objetivo específico do estudo, verificar o contributo do Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) da GNR, como agente responsável por concorrer para o fim último da Agência *Frontex*, combater a criminalidade grave com dimensão transfronteiriça e garantir um elevado nível de segurança na União, no pleno respeito dos direitos fundamentais, de forma a salvaguardar ao mesmo tempo a livre circulação de pessoas no seu interior.

Após a formulação do objetivo geral e objetivos específicos, formulou-se a Questão Central (QC) que, como refere Quivy & Campenhoudt (2005) funciona como um fio condutor a partir do qual se desenrolará todo o trabalho de investigação e que deve ser tão claro quanto possível, para que, o trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência. Para que o trabalho de investigação tenha pertinência, é de extrema importância que a QC, faça a ponte entre o tema de pesquisa e os objetivos da investigação.

Seguindo o referido anteriormente, a QC definida para orientar o esforço de pesquisa da investigação é a seguinte: “De que forma, a implementação de programas de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, contribui para desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia?”.

Para que se alcancem os objetivos da presente investigação e, de forma a recolher informação suficiente para dar resposta à QC, a estrutura do presente RCFTIA encontra-se dividida em três capítulos, interligados por uma sequência lógica e desenvolvidos em conformidade com as Normas de Execução Permanente (NEP) 522/1^a, 20 de janeiro de 2016 da Academia Militar.

No primeiro capítulo partimos do geral para o particular. Inicialmente abordam-se os principais desafios para a segurança da UE, nos dias de hoje. Seguidamente, abordam-se os motivos que levaram à criação da Agência *Frontex* bem como à necessidade de se estabelecer normas de formação comuns dos guardas de fronteira no geral e das equipas cinotécnicas em particular. Especifica-se também o impacto do projeto *Frontex* na área cinotécnica a nível global e, por último, especifica-se o papel do GIC e da Guarda no desempenho de missões no âmbito da Agência *Frontex*.

No segundo capítulo apresenta-se a metodologia aplicada no presente RCFTIA, onde se especifica, o método da abordagem seguido no decorrer da investigação, o modelo de análise adotado, a caracterização da amostra, bem como, os métodos e as técnicas utilizadas para recolha de dados e para o tratamento e análise dos mesmos. Por último caracteriza-se o contexto de observação, no tempo e no espaço.

O terceiro e último capítulo diz respeito à apresentação, análise e discussão dos resultados sendo este, à semelhança dos anteriores, organizado em subcapítulos. Aqui procedemos à análise e discussão dos dados recolhidos por intermédio das entrevistas realizadas a militares da GNR, Oficiais, Sargentos e Guardas, e a entidades da Agência *Frontex*, correlacionando estes dados com a informação recolhida no capítulo 1. Procede-se também à verificação das hipóteses levantadas e dá-se resposta às questões derivadas.

A presente investigação encerra com as conclusões, onde, são enfatizados os principais aspetos abordados e os principais resultados apurados, dando-se resposta à QC. Posto isto apresentam-se as limitações que surgiram no decorrer investigação bem como possíveis recomendações para investigações futuras relativas à temática em análise.

CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO CINOTÉCNICA EUROPEIA

O presente capítulo tem como objetivo recolher e analisar informação de peritos, de forma enquadrar e compreender o tema em investigação, no âmbito da literatura existente.

Desta forma, e partindo da premissa de que “o desenvolvimento do tema exige a divisão do mesmo em tópicos logicamente correlacionados” (Salvador, 1980, p. 46) o presente capítulo encontra-se dividido em subcapítulos. Iniciamos o capítulo abordando o problema que se vive nos dias de hoje em torno do controlo das fronteiras externas¹ da UE, quanto à imigração ilegal e ao crime transfronteiriço, que foram um dos impulsionadores para a criação de entidades que garantam a segurança das fronteiras externas da UE, como é exemplo a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, que como refere (Hermenegildo, 2017, p. 165) “foi usada como um instrumento de resposta aos fenómenos migratórios”.

Seguidamente, e uma vez que o tema em análise neste RCFTIA diz respeito à implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu, faremos um breve enquadramento desta Agência bem como a importância dada por esta, à formação dos seus guardas de fronteiras². Por fim analisaremos em profundidade o problema que impulsionou a presente investigação, ou seja, a necessidade de implementar programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas ao nível europeu, desde a criação do referido programa até à sua implementação.

1.1. Desafios para a segurança da União Europeia

Nos últimos anos temos assistido a um aumento, sem precedentes, do número de migrantes e refugiados³ que pretendem entrar, através das fronteiras externas, na UE. Desta forma, poderemos afirmar que a imigração não é um fenómeno novo, “a Europa tornou-se

¹ Fronteiras terrestres, inclusive as fronteiras fluviais e as lacustres, as fronteiras marítimas, bem como os aeroportos, portos fluviais, portos marítimos e portos lacustres dos Estados-Membros, desde que não sejam fronteiras internas (Parlamento Europeu e Conselho, 2016a).

² Qualquer agente público afeto, nos termos do direito nacional, quer a um ponto de passagem de fronteira quer ao longo da fronteira ou proximidade imediata desta última, e que execute, missões de controlo fronteiriço (Parlamento Europeu e Conselho, 2016a).

³ Migrantes deslocam-se por iniciativa própria enquanto os refugiados são forçados a deslocar-se por força de conflitos armados, catástrofes naturais, entre outros (Organização Internacional para as Migrações, 2009).

cada vez mais um destino de fluxos migratórios significativos nas últimas décadas” (Lima, Bernabè, Bubbico, Leonardo, & Weiss, 2016, p. 17).

Como podemos verificar pela análise de risco⁴ elaborado e emitido anualmente pela Agência *Frontex* “em 2018, os Estados-Membros comunicaram o maior número de detenções, desde 2015, pela entrada clandestina de pessoas escondidas em comboios, camiões e outros veículos que pretendiam entrar na UE, o que demonstra a persistência da pressão migratória.” (*Frontex*, 2018, p. 16). Através do exemplo anterior, podemos verificar que a imigração para a Europa, “independentemente da forma que assuma, faz parte da realidade atual e, possivelmente, futura” (União Europeia [UE], 2014, p. 3).

O crescimento económico, juntamente com as oportunidades oferecidas por uma sociedade livre e democrática, “geram prosperidade entre os cidadãos na Europa, mas estas oportunidades também implicam riscos, pois os terroristas e outros tipos de criminosos procuram abusar dessas liberdades com fins destrutivos e mal-intencionados” (União Europeia [UE], 2010, p. 11).

Em consequência do supramencionado e segundo Solana (2009) a Europa enfrenta agora novas ameaças que são mais diversificadas, menos visíveis e menos previsíveis como o terrorismo⁵, a proliferação das armas de destruição maciça e a criminalidade organizada⁶. Na mesma linha de pensamento, Léonard (2011) afirma que os fluxos migratórios têm sido associados a vários problemas, incluindo o terrorismo, a criminalidade e a agitação social e como consequência, a questão das migrações tornou-se um tópico importante da política de segurança na Europa. Ou seja, “os assuntos de segurança interna ao nível da UE passaram de um assunto meramente nacional, para um assunto central na agenda da União” derivado “de acontecimentos externos à União, nomeadamente os fenómenos das migrações e do terrorismo” (Hermenegildo, 2017, p. 154).

Lidar com os movimentos migratórios “é hoje um dos principais desafios que enfrentamos em termos de segurança” (Léonard, 2007, p. 5) e “para os cidadãos da União Europeia, a segurança é uma das principais prioridades” (UE, 2010, p. 7) pelo que a resposta a estes fenómenos deve passar por uma “atuação concertada a nível europeu” (Solana, 2009, p. 31) ou seja “uma abordagem à escala da UE” (UE, 2010, p. 15).

⁴ A Análise de Risco foi especificamente concebida para fornecer uma visão geral sobre a situação nas fronteiras da Europa, ajudando a tomar decisões informadas com vista a melhorar a gestão das fronteiras externas e defender a segurança interna da União (*Frontex*, 2018).

⁵ Foram descobertas bases logísticas de células de Al Qaeda no Reino Unido, em Itália, na Alemanha, em Espanha e na Bélgica (Solana, 2009).

⁶ Consiste no tráfico transfronteiriço de droga, mulheres, migrantes clandestinos e armas (Solana, 2009).

Desta forma, os Estados-Membros da UE “contam com as suas próprias estratégias e políticas nacionais em matéria de segurança” (UE, 2010, p. 15). Nesta senda, e segundo Angelescu & Trauner (2018) a UE concebeu uma série de medidas, entre elas, a criação da *Frontex*, uma Agência responsável pela coordenação dos controlos nas fronteiras externas entre as agências responsáveis de cada Estado-Membro. Analisaremos no subcapítulo seguinte a Agência supramencionada.

1.2. A Agência Europeia de Fronteiras e Costeira

A cooperação da UE em matéria de asilo e migração, segundo (Léonard, 2010), começou com o Tratado de Maastricht⁷ em 1993, e a cooperação em matéria de controlo das fronteiras externas dos Estados-Membros da UE desenvolveu-se inicialmente entre alguns Estados-Membros no grupo Schengen⁸ a partir de 1985 e especialmente após a sua entrada em vigor. Neste sentido, a Agência conhecida como *Frontex* “nasceu do acordo de Schengen de 1985, quando cinco Estados europeus (Bélgica, França, Alemanha, Luxemburgo e Holanda) concordaram em abolir suas fronteiras internas” (Fergusson, 2015, p. 29).

O Acordo de Schengen foi “a primeira e mais direta aplicação de um dos princípios fundadores da Comunidade Europeia, estabelecido no Tratado de Roma em 1957: que não deveria haver restrição à livre circulação de mercadorias, serviços, capitais e pessoas” (UE, 1992, p. 12). Segundo Fergusson (2015) a criação de uma fronteira externa única trouxe a necessidade de coordenar a forma como essa fronteira deveria ser gerida.

A necessidade supramencionada aliada à vontade de reforçar a cooperação entre os Estados-Membros da UE, no que diz respeito aos controlos das fronteiras externas, e que levaria finalmente à criação da *Frontex*, foi motivada, segundo (Léonard, 2010), por três factores principais. Em primeiro lugar, como abordámos no subcapítulo anterior, os fluxos migratórios tornaram-se uma questão cada vez mais contenciosa na Europa o que levou os Estados europeus a implementarem determinadas medidas numa tentativa de reduzir o número de migrantes, incluindo o reforço dos controlos nas fronteiras para restringir o acesso de migrantes ao seu território (Collinson, 1993). Em segundo lugar, “em 2004 foram

⁷ Emerge do Conselho Europeu de Maastricht, também conhecido por “Tratado da União Europeia” (TUE), que obteve a concordância dos chefes de Estado e de Governo representados nesse Conselho, e que altera a designação da comunidade, passando a União Europeia, institui a cidadania europeia, a União Económica e Monetária (UEM) e a Política Externa e de Segurança Comum (PESC) (Cunha, 2012).

⁸ Visou materializar uma livre circulação de pessoas e bens no território europeu com a abolição dos controlos nas fronteiras internas (Laureano & Rento, 2014).

manifestadas algumas preocupações quanto à alegada incapacidade dos futuros Estados-Membros para controlarem eficazmente as fronteiras externas da UE” (Léonard, 2010, p. 234). Por último, o reforço dos controlos nas fronteiras externas foi também considerado um importante contributo para a luta contra o terrorismo na sequência dos atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001⁹ (Léonard, 2010). Os atentados na União Europeia “estabeleceram ligações claras entre o terrorismo, a segurança, a migração e as fronteiras” (Neal, 2009, p. 338).

É nesta senda que em 26 de outubro de 2004, o Conselho da União Europeia criou a *Frontex*, uma nova Agência de fronteiras externas para a UE (Neal, 2009) materializada pelo Regulamento (CE) 2007/2004 do Conselho que cria uma Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia, “enquanto núcleo de uma rede constituída pelas redes nacionais” (Bruycker, 2016, p. 561).

Com vista a responder aos desafios migratórios e às potenciais futuras ameaças nas fronteiras externas, assegurar um elevado nível de segurança interna da União era fundamental, pelo que, surgiu a necessidade de as atribuições da Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia fossem alargadas (Parlamento Europeu e Conselho, 2016). Da mesma forma Gaspar (2018) refere que a necessidade de desenvolver a Agência *Frontex* foi impulsionada pelo facto de se ter assistido, nos últimos anos, a um aumento sem precedentes do número de migrantes e refugiados que pretendem entrar na UE.

Essa necessidade levou a que em 2016, o nome da Agência fosse alterado para Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira, pelo Regulamento n.º 2016/1624 do Parlamento Europeu e do Conselho que revoga o Regulamento (CE) n.º 2007/2004 do Conselho, “continuando a ser designada por *Frontex* e permanecendo a mesma pessoa coletiva, dando plena continuidade às suas atividades e procedimentos” (Parlamento Europeu e Conselho, 2016, p. 2). A sua sede encontra-se em Varsóvia, na Polónia e “tem atualmente cerca de 315 funcionários e um orçamento anual de cerca de 250 milhões de euros” (Gaspar, 2018, p. 89).

⁹ Caracterizou-se por uma série de ataques suicidas que ocorreram nos Estados Unidos onde dezanove terroristas sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros, levando-os a colidir, de forma intencional, contra alvos específicos. Dois colidiram com as Torres Gémeas, um com o Pentágono e outro caiu em campo aberto próximo de Shanksville. O ataque provocou cerca de três mil vítimas mortais.

Tendo por base o n.º 1 do art.º 1.º do Regulamento n.º 2016/1624, de 14 de setembro de 2016, a Agência *Frontex* foi criada “para assegurar uma gestão europeia integrada das fronteiras externas com vista a gerir de forma eficiente a passagem das fronteiras externas” (Parlamento Europeu e Conselho, 2016, p. 10). Esta gestão inclui, conforme o descrito nas alíneas a) a k) do regulamento supramencionado, o controlo das fronteiras, operações de busca e salvamento de pessoas em perigo, cooperação entre Estados-Membros, análise de risco para a segurança interna e das ameaças que possam afetar o funcionamento ou a segurança das fronteiras externas, entre outros.

Tendo em conta as atribuições da *Frontex*, por força do artigo (Art.º) 8.º do Regulamento 2016/1624, surgiu a necessidade de estabelecer diferentes tipos de fronteiras, quanto à sua natureza, para que as atribuições referidas anteriormente fossem adequadas ao tipo de fronteira. Desta forma “estas foram classificadas em três tipos, sendo elas, terra, mar e ar, conhecidas pelo controlo de fronteiras como a fronteira verde, azul¹⁰ e branca¹¹, respetivamente” (*Frontex*, 2015, p. 6).

É nestes pontos de passagem da fronteira que a *Frontex* faz muito do seu trabalho assistida pelos Estados-Membros da União Europeia de forma a garantir uma vigilância eficaz das suas fronteiras (*Frontex*, 2015) pelo que a vigilância das fronteiras tem de ser vista como uma estratégia essencial contra o fenómeno da migração e da criminalidade transfronteiriça (Lutterbeck, 2004).

Para que seja garantida essa mesma eficácia é necessário que os seus membros tenham um “padrão harmonizado de trabalho que é sobretudo importante em operações conjuntas” (*Frontex*, 2015a, p. 13). “Uma análise coerente e abrangente dos riscos da segurança das fronteiras externas requer, acima de tudo, a adoção de indicadores comuns” (*Frontex*, 2017, p. 12). Por este motivo, podemos verificar que a formação comum é uma área importante pelo que, nos próximos subcapítulos, desenvolveremos esta vertente no âmbito da *Frontex*. Em primeiro lugar, abordando a temática de um ponto de vista geral no que à formação dos guardas de fronteira diz respeito, e de seguida iremos descrever e analisar

¹⁰ A vigilância das fronteiras verdes ou azuis pode ser realizada por vigilância moderna, tecnologia ou patrulhas humanas.

¹¹ Fronteiras aéreas, está relacionado com o controlo que é conduzido através da monitorização dos passaportes nos aeroportos internacionais.

como se desenvolveu e se desenvolve, nos dias de hoje, o treino e a formação comum dos binómios cinotécnicos¹² da *Frontex*.

1.3. Contextualização da formação na Agência Europeia de Fronteiras e Costeira

A “ideia de formação comum dos guardas de fronteira não é nova. No início da década de 1990, os governos consideravam já, uma possível cooperação ao nível operacional, incluindo o treino comum dos seus guardas de fronteiras” (Horii, 2015, p. 117). Segundo o mesmo autor, a construção de uma área de livre circulação de mercadorias, serviços, capitais e pessoas pela abolição das fronteiras que compõem a área de Schengen, foi um dos primeiros eventos que desencadeou a necessidade da adoção de metodologias de treino e de formação comuns.

O artigo 17.º do Acordo de Schengen de 1985 estipulava já essa adoção de padrões comuns referindo que “as autoridades de polícia aduaneiras esforçar-se-ão previamente por harmonizar, as disposições legislativas e regulamentares, tendo em vista a salvaguarda da segurança e a luta contra a imigração ilegal” (Conselho, 2000, p. 15).

Segundo Horii (2015), o impulso político para a adoção de uma metodologia de treino e formação comum dos guardas de fronteira foi dado pelo Conselho Europeu (CE) de Sevilha em 2002 onde foi referido que uma gestão comum, coerente e eficaz das fronteiras externas dos Estados-Membros aumentaria a segurança nessas mesmas fronteiras (Conselho da União Europeia, 2002). Neste sentido e com o objetivo de combater a imigração ilegal e o crime transfronteiriço, o CE apelou que fossem adotadas, pelos Estados-Membros, um conjunto de medidas. Entre as medidas propostas destaca-se a “definição de um tronco comum para a formação dos guardas de fronteiras e a consolidação da regulamentação europeia em matéria de fronteiras” (Conselho da União Europeia, 2002, p. 9).

O CE está convicto de que o “reforço das ações a nível europeu, combinado com uma melhor coordenação com ações a nível regional e nacional, é essencial para a proteção contra ameaças transnacionais” (Conselho Europeu [CE], 2010, p. 17). Sublinha a necessidade de se reforçar a confiança mútua entre todos os profissionais envolvidos, a nível nacional e da União “que pode ser atingido através do intercâmbio de experiências e boas práticas e através da organização de cursos de formação comum procurando desenvolver uma verdadeira cultura policial europeia” (CE, 2010, p. 18).

¹² Binómios cinotécnicos corresponde a uma equipa constituída pelo militar tratador cinotécnico, e o cão.

O treino, segundo Fergusson (2015), é a base da capacitação e da interoperabilidade onde o objetivo é criar uma cultura europeia de serviços de fronteiras da mais alta qualidade possível, com padrões e procedimentos operacionais harmonizados e que apliquem esses altos padrões igualmente em todo o lado.

Por esta razão, aquando da constituição da *Frontex* em 2004, a “tarefa da formação comum dos guardas de fronteira foi incorporada na sua missão principal” (Horii, 2015, p. 121) definida no artigo 5.º do Regulamento (CE) n.º 2007/2004 onde consta que “a Agência definirá e desenvolverá um tronco comum de formação dos guardas de fronteiras e assegurará ações de formação de nível europeu para os instrutores dos guardas de fronteiras dos Estados-Membros” (Conselho da União Europeia, 2004, p. 4).

Como verificámos no subcapítulo 1.2, o Regulamento (CE) n.º 2007/2004, pela necessidade de alargar as atribuições da *Frontex*, foi revogado pelo Regulamento (UE) n.º 2016/1624, no entanto a Agência permaneceu a mesma pessoa coletiva dando plena continuidade às suas atividades e procedimentos que tinha vindo a desenvolver. Verificamos neste regulamento que, apesar do desfasamento temporal entre ambos os regulamentos, a componente da formação contínua a ser um domínio preponderante no seio da *Frontex*.

Poderemos verificar que no âmbito das suas atribuições, constantes no artigo 8.º do Regulamento (UE) n.º 2016/1624, consta na alínea p) que a Agência exerce, a fim de contribuir para a eficácia, qualidade e uniformização do controlo das fronteiras “o apoio aos Estados-Membros na formação de guardas de fronteira, incluindo o estabelecimento de normas de formação comuns” (Conselho da União Europeia, 2016, p. 14).

Por esta razão, “a *Frontex*, juntamente com os Estados-Membros e outros parceiros, criou o Currículo Comum conhecido como “*Common Core Curriculum (CCC)*” (*Frontex*, 2015, p. 26) e “desde a sua criação, o CCC, tem estado na vanguarda da atividade de todas as Unidades” (Organization for Security and Cooperation in Europe [OSCE], 2010, p. 2).

A criação de um Currículo Comum vai ao encontro das responsabilidades de formação previstas no n.º 5 do artigo 36.º do Regulamento (UE) n.º 2016/1624 onde se pode ler que “a Agência elabora e fixa um tronco comum de formação dos guardas de fronteira e proporciona ações de formação a nível europeu para os instrutores dos guardas de fronteiras nacionais dos Estados-Membros” (Conselho da União Europeia, 2016, p. 32). Refere ainda que este tronco de formação comum procura promover os melhores padrões de qualidade e as boas práticas na aplicação da legislação da União relativa à gestão das fronteiras.

O principal objetivo da Agência, no que diz respeito à formação, “é melhorar o profissionalismo das autoridades responsáveis pela gestão das fronteiras” já que este é “um elemento-chave para garantir uma gestão eficaz das fronteiras” (Jorry, 2007, p. 16).

Esta harmonização “destina-se a garantir que, sempre que atravessam as fronteiras externas da UE, os migrantes se confrontem com normas uniformes de controlo nas fronteiras” (Gaspar, 2018, p. 90) bem como garante que em operações conjuntas, as metas, a terminologia e os métodos sejam os mesmos para todos os membros da União que desempenham uma mesma função (*Frontex*, 2015). Ou seja, possibilita que os guardas de fronteira, de países diferentes, colaborem eficazmente entre si (Gaspar, 2018). Como refere Schmitz (2006) a implementação de uma estrutura de formação comum poderá criar um maior nível de confiança entre os agentes de diferentes forças que participem numa mesma missão, facilitando desta forma, a cooperação entre eles.

O conteúdo do currículo comum abrange uma ampla gama de assuntos basilares que todos os guardas de fronteira devem apreender e dominar, como por exemplo, técnicas de identificação dos sinais da ocorrência de crimes nas fronteiras e os procedimentos corretos para o uso de medidas coercivas contra ameaças (Horii, 2015). Entre os assuntos inclui-se também o “conhecimento dos direitos humanos e a sua aplicação no controlo das fronteiras, o reconhecimento de grupos vulneráveis, a sensibilidade à diversidade cultural e as boas habilidades sociais e de comunicação, entre outros” (*Frontex*, 2015, p. 13).

Existem, no entanto, outras áreas muito específicas pelo que a *Frontex* desenvolveu também outras ferramentas e programas de formação além do currículo básico comum. É exemplo disso o currículo comum para tratadores cinotécnicos¹³ conhecido como “*Common Core Curriculum for service dog handlers*”. Este manual foi amplamente aceite como útil tendo sido rapidamente disseminado e implementado entre os Estados-Membros da UE (Horii, 2015). É sobre a implementação do currículo anteriormente referido que versa a presente investigação pelo que, dedicaremos o próximo subcapítulo para analisar o mesmo detalhadamente.

¹³ Conhecido internacionalmente por “*dog handler*” o tratador cinotécnico é um elemento de uma autoridade nacional competente de um Estado-Membro que executa tarefas de controlo, nas fronteiras externas dos Estados-Membros da UE e dos países associados de Schengen, através do apoio do seu cão de serviço (*Frontex*, 2016).

1.4. A formação Cinotécnica na Agência Europeia de Fronteiras e Costeira

Os primeiros anos, após a fundação da Agência *Frontex*, como refere Fergusson (2015), serviram, em parte, para identificar onde e de que forma é que a organização supramencionada poderia obter valor. Os anos que se seguiram caracterizaram-se por um período de consolidação e de construção de áreas de especialização muito específicas.

Neste sentido, a *Frontex* agrupa especialistas em determinadas áreas como por exemplo, os tratadores cinotécnicos especialistas em utilização de cães de serviço¹⁴ nas fronteiras da União, os especialistas em contrabando e tráfico de pessoas, bem como os técnicos responsáveis pelo desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias, entre outros (*Frontex*, 2015).

A presente secção irá explorar concretamente uma das especialidades acima referida, nomeadamente, a da utilização de cães de serviço nas fronteiras da UE.

1.4.1. Utilização de binómios nas fronteiras da União Europeia

Os grandes avanços a nível tecnológico e a grande importância que se tem dado a estes mesmos avanços, leva-nos a considerar, segundo Fergusson (2015), que o desenvolvimento do treino e da formação de cães, com a finalidade de potenciar as capacidades de vigilância nas fronteiras da União, uma temática pouco provável. A verdade é que o desenvolvimento de uma metodologia de treino e formação de equipas cinotécnicas a nível europeu tem estado, desde 2007, na vanguarda das prioridades da Agência *Frontex* (Crowley, Saltelli, Christine & Hughes, 2011).

O cão “foi a primeira ferramenta usada para realizar tarefas de guarda de fronteira” (*Frontex*, 2009) e os agentes da *Frontex* “sabem que há casos em que um cão, bem treinado, pode superar a tecnologia devido à sua mobilidade e falta de dependência das circunstâncias e do ambiente” (Fergusson, 2015, p. 93).

Durante a operação Minerva¹⁵, por exemplo, “os cães detetaram cento e vinte pessoas escondidas que tinham passado pela tecnologia, sem que tivessem sido detetados por esta” (Fergusson, 2015, p. 93). Alguns aparelhos como os utilizados para detetar a pulsação,

¹⁴ Cão treinado ou em fase de treino com a finalidade de ser utilizado como suporte das ações policiais (Bryson & Christensen, 2000).

¹⁵ Ocorre no sul de Espanha e no norte de África, nomeadamente no porto de Algeiras e Ceuta respetivamente. O objetivo é controlar o fluxo de veículos e de pessoas que se manifesta, maioritariamente, durante os meses de verão, visando gerir a imigração irregular (FRA, 2013).

exigem silêncio para que funcione na sua capacidade total, o que limita a sua eficácia nestes locais bastante movimentados.

O nariz de um cão “é equipado exclusivamente para detetar o mais fraco dos odores possuindo biliões de recetores químicos chamados células olfativas” (Bird, 1996, p. 409). O olfato do cão é também seletivo, ou seja, atribui-lhe a capacidade de cheirar e separar diferentes odores misturados em diferentes proporções (Brito, 2011).

Segundo Brito (2011) o cão, no seu estado natural, utiliza o olfato para obter dados importantes para a sua sobrevivência o que os leva a prestar atenção aos odores que os rodeiam, aos quais associam algo positivo ou negativo. Conseguindo canalizar esta capacidade do cão, “é possível, com recurso a recompensas, treiná-lo para detetar o odor que pretendemos” (Brito, 2011, p. 39).

Para isso, “há um importante trabalho prévio de compreensão do processo de aprendizagem do cão e da forma como ele interpreta e reage aos odores, assim como conhecer o odor propriamente dito¹⁶” (Brito, 2011, p. 40).

Por esta razão, os cães, têm sido uma ferramenta utilizada pelas FSS, de todo o mundo, provando ser um suporte a estas mesmas forças em áreas como a deteção de estupefacientes, explosivos, pessoas, busca e salvamento, venenos, entre outras, garantindo o cumprimento dos objetivos por parte das FSS, em áreas onde a tecnologia não é tão eficaz (Lowy & McAlhany, 2000).

Há muitas vantagens em usar cães, “são altamente móveis, desempenham um forte papel preventivo, são dissuasores psicológicos e têm a capacidade de proteger os guardas de fronteira e outras pessoas, se for ministrada formação específica” (Frontex, 2009, p. 13). Onde quer que seja utilizado, o “cão garante proteção ao seu tratador e liberta-o da execução de tarefas perigosas como procurar em áreas arborizadas, edifícios, becos e lugares escuros e recônditos” (Handy, Harrington & Pittman, 1961, p. 336). São bastante úteis para interseitar pessoas em fuga, encontrar pessoas perdidas, escondidas ou acidentadas em situações de desastre (Handy, Harrington & Pittman, 1961).

Pelo exposto anteriormente, pela qualidade técnica e pelas garantias que os binómios garantem no controlo das fronteiras da UE, estas equipas têm sido bastante solicitadas nos controlos fronteiriços e é também por essa razão que a necessidade de padronizar o treino e

¹⁶ A sua origem, os fatores de transmissão e o seu comportamento no meio ambiente, tendo sempre em consideração que só é possível haver deteção do odor se houver libertação de partículas odoríficas para a atmosfera (Brito, 2011).

a formação destas equipas a nível europeu tem sido uma das prioridades da *Frontex* (Crowley, Saltelli, Christine, & Hughes, 2011). Os cães de serviço e o equipamento técnico complementam-se mutuamente e “caracterizam-se por serem uma forte ferramenta no combate à criminalidade com dimensão transfronteiriça, aumentando assim a eficácia global da vigilância das fronteiras” (*Frontex*, 2009, p. 13).

1.4.2. Enquadramento da formação cinotécnica europeia

Como vimos no subcapítulo 1.1, a crescente tendência da criminalidade transfronteiriça, como resultado da forte pressão migratória sentida nas fronteiras da UE, exigiu que as FSS de segurança da Europa “enfrentassem a necessidade de uma cooperação conjunta” (*Frontex*, 2012, p. 15).

Segundo Fergusson (2015) existem diferenças culturais muito acentuadas dentro da UE na forma como os cães são treinados e na forma como é feito o seu emprego operacional¹⁷. Utilizá-los de forma errada pode “prejudicar profundamente a imagem internacional da UE reconhecida como um lugar onde se defendem os direitos humanos fundamentais” (Fergusson, 2015, p. 94).

Existem diferentes legislações, estruturas, procedimentos e entendimentos no que ao treino das equipas cinotécnicas diz respeito a nível da União Europeia. Por conseguinte a necessidade de desenvolver um padrão comum foi reconhecido pelos Estados-Membros e apoiada pela *Frontex* como um primeiro passo para garantir a cooperação entre todos os agentes que utilizam cães em operações da *Frontex* (*Frontex*, 2009).

No entanto, “a cooperação, mesmo que seja simples e atrativa, não pode ser alcançada, a nível operacional, sem uma compreensão clara dos termos e procedimentos” (*Frontex*, 2012). A “cooperação exige táticas comuns, procedimentos comuns e terminologia comum, ou seja, requer uma linguagem comum, que pode não existir e, portanto, deve ser criada para permitir que as FSS cooperem de uma forma ainda mais eficiente” (*Frontex*, 2009, p. 14).

Em consequência do supramencionado, a Agência *Frontex*, apoiada pelos Estados-Membros da UE, desenvolveu uma ferramenta fundamental. Desenvolveu o currículo

¹⁷ Quando falamos em emprego operacional de cães referimo-nos a um conjunto de leis, regras e regulamentos quanto ao emprego de cães de serviço. As FSS têm regras internas, dependendo das necessidades operacionais (*Frontex*, 2015b).

comum para tratadores cinotécnicos¹⁸ com o objetivo de standardizar e padronizar a formação, os métodos, as técnicas e os procedimentos, das equipas cinotécnicas destacadas em operações conjuntas nas fronteiras da UE (*Frontex*, 2017a).

Esta ferramenta permite que “os peritos nacionais de todos os países associados da União Europeia e de Schengen estabeleçam uma abordagem comum, representando desta forma, uma vantagem crucial na luta contra a criminalidade com dimensão transfronteiriça” (*Frontex*, 2013). Os padrões de treino e formação referidos foram desenvolvidos por uma equipa de trabalho constituída por elementos de pesquisa e por elementos cinotécnicos com vasta experiência operacional, tendo em conta a legislação existente relacionada com os direitos fundamentais do Homem e dos animais (*Frontex*, 2018a).

Segundo Pinto (2011), a “produção de *standards* ou padrões, de procedimentos e de doutrina cinotécnica para os meios cinotécnicos utilizados em missões da *Frontex*, representam o mais ambicioso e completo projeto cinotécnico desenvolvido em todo o mundo” (Pinto, 2011, p. 28).

Os padrões desenvolvidos serão o “alicerce para a formação de equipas cinotécnicas de elite com a finalidade de desempenharem funções nas fronteiras externas da UE” (*Frontex*, 2018a, p. 11) e garante que tenham “um sistema de referência comum de alto nível assegurando a interoperabilidade destas mesmas equipas” (*Frontex*, 2017a, p. 14). Wolf & Schout (2012) referem também que a metodologia comum tem sido muito elogiada pelas partes interessadas que valorizam especialmente os contactos com especialistas em treino cinotécnico de outros Estados-Membros e o espírito de propósito comum.

Segundo (Fergusson, 2015) os padrões estabelecidos são exigentes e as expectativas são altas. Reconhece que existe uma necessidade crescente do emprego de binómios nas fronteiras, no entanto, a quantidade por si só não pode resolver o problema. É necessário qualidade e esse, é o elemento chave da implementação dos padrões de treino da *Frontex*.

1.4.3. O processo de construção do currículo comum para tratadores cinotécnicos

O desenvolvimento e criação do primeiro currículo comum para tratadores cinotécnicos a nível europeu “foi um processo difícil pelo facto de o número de peritos especialistas¹⁹ disponíveis ser limitado e pelo facto de estarmos perante uma iniciativa

¹⁸ A designação internacionalmente conhecida é: *Common Core Curriculum for service dog handlers*.

¹⁹ Especialistas em treino e formação de cães de serviço para desempenho de funções policiais.

pioneira” (*Frontex*, 2015b, p. 16). “Não é um processo simples reunir os especialistas certos dos diversos Estados-Membros num mesmo local” (Wolf & Schout, 2012, p. 8). Segundo o manual de apoio ao curso europeu para tratadores cinotécnicos foi a primeira vez que agências policiais europeias investiram os seus esforços no sentido de serem estabelecidos *standards*²⁰ comuns no treino e manuseio dos meios cinotécnicos.

O facto de os Estados-Membros da UE, como referimos anteriormente, terem implementado e, estarem familiarizados e acostumados aos seus métodos de treino e formação de binómios cinotécnicos contribuiu também para que o desenvolvimento do CCC não fosse uma tarefa fácil (Pinto, 2011). O projeto da *Frontex* avançou de forma mais célere no momento em que os referidos Estados-Membros concluíram que a finalidade do CCC não era alterar o treino de cada uma das forças dos diferentes países, mas sim, criar um padrão e objetivos comuns para a atuação em operações conjuntas da *Frontex* (Pinto, 2011).

A ideia de criar uma harmonização do treino e da formação das equipas cinotécnicas a nível europeu partiu da Letónia (Fergusson, 2015). A iniciativa surgiu em 2006, dois anos após a criação da Agência *Frontex*, em que a polícia de fronteiras da Letónia sugeriu à Agência a possibilidade de ser criado um centro comum de treino cinotécnico a nível europeu. A fim de dar cumprimento à iniciativa proposta pela Letónia foi realizada uma reunião na Áustria onde se concluiu que a criação de um centro de treino europeu era inviável por uma infinidade de motivos, nomeadamente o dispêndio de recursos necessários para transportar os binómios. Acordou-se nesta mesma reunião que se deveriam criar *standards* comuns na área cinotécnica dado que, os mesmos, representariam um valor acrescentado no decorrer de operações conjuntas da *Frontex* (*Frontex*, 2015b).

No ano subsequente, em setembro de 2007, realizou-se uma segunda reunião na Polónia em que foi abordada, pelos especialistas em treino cinotécnico dos Estados-Membros presentes (Áustria, República Checa, Roménia, Eslovénia, Polónia, Lituânia, Letónia e Suíça), a questão da estandardização comum, tendo-se chegado ao consenso de que se iriam desenvolver esforços no sentido de elaborar um projeto inicial (*Frontex*, 2009).

Como referido no ponto 1.4.2. “em toda a UE podemos encontrar diferentes metodologias de treino de cães que derivam das experiências nacionais de cada Estado-Membro, de fatores económico e operacionais, das particularidades geográficas de cada país, entre outros” (*Frontex*, 2009, p. 15). Por esta razão as hipóteses de se alcançar um consenso

²⁰ A harmonização de metas, padrões e políticas entre as agências, incluindo padrões comuns de desempenho (Marenin, 2010).

quanto aos *standards* finais foram estimadas como muito limitadas. Definiu-se na reunião de setembro de 2007 que, para se estabelecer um consenso, deveriam ser criados *standards* mínimos que fossem adaptáveis à realidade de cada Estado-Membro (*Frontex*, 2015b).

Os grandes avanços na elaboração dos referidos *standards* ocorreram no ano de 2008 (*Frontex*, 2009). Em janeiro, ocorreu na Áustria uma reunião em que se juntaram ao projeto a Itália e a Bélgica. Iniciou-se a elaboração do currículo comum para tratadores cinotécnicos e foram efetuados grandes avanços em algumas áreas.

Em março do mesmo ano, foi convocada uma nova reunião, desta vez em Itália. Ao projeto juntou-se um conjunto alargado de Estados-Membros, nomeadamente, a Bulgária, Chipre, Alemanha, Malta, Grécia, Islândia, Dinamarca, Estónia, Portugal, Espanha e a Suécia (*Frontex*, 2015b).

Durante os meses de abril e maio ocorreram duas reuniões, na Itália e na Áustria respetivamente. No final destes dois encontros, estava concluída a versão inicial do primeiro currículo comum para tratadores cinotécnicos da Europa. Este incluía um conjunto de *standards* relacionados com a seleção de tratadores cinotécnicos, com o treino dos tratadores cinotécnicos, com o treino de cães e terminologia específica (*Frontex*, 2015b).

No mês de junho de 2008, na reunião levada a cabo em Oradea na Roménia alguns dos especialistas dos Estados-Membros referiram que a terminologia utilizada era demasiado ambígua pelo que os conceitos seriam dificilmente compreendidos pelos destinatários. Apesar dos debates intensos com vista a alterar o primeiro currículo elaborado, a verdade é que a maioria decidiu que o conceito iria permanecer o mesmo (*Frontex*, 2015b). O CCC foi elaborado com o propósito de ser utilizado pelos instrutores no decorrer das ações de formação de tratadores cinotécnicos, como garantia de que os *standards* europeus eram implementados (*Frontex*, 2017a).

Para demonstrar o grande impacto desta iniciativa pioneira, em agosto de 2008, realizou-se na Roménia uma demonstração cinotécnica de tratadores europeus com um grande impacto na comunicação social²¹. Estiveram presentes 37 equipas cinotécnicas de 28 Estados” (*Frontex*, 2015b, p. 14).

Em janeiro de 2009 o CCC estava pronto para ser entregue para impressão na Comissão Europeia. Neste mesmo ano foram realizados vários *workshops* com o objetivo de

²¹ Consultar https://www.youtube.com/watch?v=B4QBCxYrITI&feature=player_embedded.

traduzir a versão final do CCC nas línguas nacionais dos países envolvidos. Ao todo, o currículo comum foi traduzido para trinta línguas distintas (*Frontex*, 2015b).

O projeto avançou a passos largos e em abril de 2010 em Sibiu, na Roménia, 84 tratadores cinotécnicos, perfazendo um total de 36 equipas, fizeram parte do “*Frontex Interoperability Training for Canine Teams*”. Durante uma semana, os *standards* que se encontravam definidos no CCC foram gravados em suporte de vídeo, com vista a facilitar o entendimento dos conceitos e da terminologia exposta no documento, sendo posteriormente anexados e integrados ao CCC (*Frontex*, 2015b).

Em setembro de 2010, realizou-se em Riga, na Letónia, uma conferência de comandantes das unidades de treino cinotécnico e foram distribuídos, a todos os Estados-Membros participantes a primeira versão do Currículo Comum para tratadores cinotécnicos, tanto na versão inglesa como na língua materna de cada Estado-Membro (*Frontex*, 2015b).

Como referimos anteriormente, o currículo supramencionado tem uma abrangência geral, isto é, aplica-se, numa parte inicial, ao treino e formação de todos os cães independentemente da sua especialidade. Por conseguinte é necessário que o cão seja especializado numa determinada área por exemplo, deteção de odores, uso da força, entre outras. Por existirem especialidades diferentes, surgiu a necessidade de serem criadas ferramentas de apoio a essas mesmas especialidades. Nesse sentido, a partir de dezembro de 2010 e até agosto de 2011, os especialistas de diversos Estados-Membros uniram esforços no sentido de desenvolverem tais ferramentas (*Frontex*, 2009). Desta forma foram criadas as ferramentas de treino para o treino de cães de uso da força, de deteção de odor humano, de deteção de explosivos e de deteção de estupefacientes (*Frontex*, 2015b).

Em setembro de 2011 realizou-se a atualização do CCC com base nas novas ferramentas de treino desenvolvidas e referidas no parágrafo anterior. Após a atualização supramencionada, as ferramentas de treino foram entregues a cada um dos Estados-Membros (*Frontex*, 2015b).

No ano seguinte, em 2012 concentraram-se esforços no sentido de se elaborar um CCC para instrutores cinotécnicos²². Realizou-se na Estónia uma conferência de comandantes das unidades de treino cinotécnico em cooperação com a CEPOL²³ a fim de envolver todas as forças da Europa e evitar que surgissem redes de treino semelhantes por toda a UE (*Frontex*, 2015b).

²² A designação internacionalmente conhecida é: *Common Core Curriculum for Canine Team Instructors*.

²³ *European Union Agency for Law Enforcement Training*.

A conferência anteriormente referida foi o “impulso para se realizar o primeiro curso de instrutores cinotécnicos em março de 2013” (*Frontex*, 2015b).

Com a conclusão do ano de 2013, a *Frontex* tinha à sua disposição um sistema coeso e completo no que ao treino, formação e certificação de equipas cinotécnicas diz respeito. Contudo “a *Frontex* continua a desenvolver todos os esforços no sentido de convocar o conselho anualmente” (*Frontex*, 2015b, p. 13) com vista a “avaliar as necessidades de treino na área cinotécnica, promovendo uma cultura e um sistema de trabalho comum, para tratadores e instrutores cinotécnicos na Europa” (*Frontex*, 2015b, p. 13).

Nos últimos anos a *Frontex* tem organizado diversos cursos de nível tratador e nível instrutor nas diferentes áreas de especialidade com vista a avançar com a uniformização europeia ao nível cinotécnico (Fergusson, 2015).

A *Frontex* está a avançar no sentido de ministrar mais cursos dedicados a atividades operacionais na área cinotécnica e desenvolver soluções inovadoras para uma aprendizagem mais eficaz e eficiente, sendo que recebeu em dezembro de 2017 a credenciação²⁴ de seis cursos na área. Isto “prova que os cursos desenhados pela *Frontex* estão à altura dos mais altos padrões, com um bom equilíbrio entre teoria e prática” (Leggeri, 2018, p. 19).

1.4.4. O sistema de carreira das equipas cinotécnicas da Agência *Frontex*

Segundo Hirsh (2017) o termo “sistema de carreira” pode ser visto como uma sequência de experiências de trabalho ou, como uma sequência de cargos que um indivíduo pode adquirir e ocupar ao longo do tempo numa determinada organização.

Aquando da criação do sistema completo de treino, formação e certificação de equipas cinotécnicas como referimos no ponto 1.4.3. a *Frontex* criou o seu próprio sistema de carreiras para os guardas de fronteira que sejam certificados na área cinotécnica (*Frontex*, 2018a).

Desta forma é possível obter certificação europeia na área cinotécnica a três níveis distintos, o de tratador cinotécnico europeu (*Frontex Dog Handler*), o de instrutor cinotécnico europeu (*Frontex canine team instructors*) e o de assessor cinotécnico europeu (*Frontex canine team assessor*) identificados através da respetiva placa identificativa como consta na figura n.º1.

²⁴ A Agência recebeu credenciação para ministrar cursos com certificado internacionalmente reconhecido.



Figura n.º 1 – Placa identificativa do sistema de carreira das equipas cinotécnicas da Agência Frontex

Fonte: Adaptado de (Frontex, 2015b, p. 20)

O tratador cinotécnico é “um elemento de uma autoridade nacional competente, de um Estado-Membro, que executa tarefas de controlo nas fronteiras externas dos Estados-Membros da UE e dos países associados de Schengen, através do apoio do seu cão de serviço” (Frontex, 2016, p. 25). Este deve ser detentor de três níveis de competência, a competência técnica²⁵, tática²⁶ e de manutenção²⁷.

Por outro lado, o instrutor cinotécnico europeu é o elemento responsável por treinar equipas cinotécnicas numa determinada área de especialidade. Significa portanto que o instrutor tem a aptidão para treinar cães de serviço e para treinar e certificar tratadores cinotécnicos (Frontex, 2015b). A Frontex treina, avalia e certifica, consoante a especialidade, instrutores cinotécnicos de uso da força (uso geral), instrutores cinotécnicos de deteção de substâncias e instrutores cinotécnicos de deteção de odor humano. Estes são nomeados pelo respetivo Estado-Membro para frequentar os cursos de instrutor, referidos anteriormente, e devem ser detentores de um cão de qualidade que lhe confira a capacidade de utilizar o seu cão como exemplo durante as formações (Frontex, 2015b).

Por último, os assessores cinotécnicos europeus são selecionados de entre os instrutores sendo treinados, avaliados e certificados pela Frontex. O assessor é um elemento com a capacidade de treinar, avaliar e certificar os instrutores e as equipas cinotécnicas nas várias especializações. Seguindo a filosofia de treino da Frontex “liderar o treino pela

²⁵ Capacidade de utilizar as capacidades do cão através da avaliação do seu comportamento, conduzi-lo, comandá-lo e cooperar com o cão (Frontex, 2015b).

²⁶ Capacidade de responder corretamente a uma determinada situação baseada nos princípios de segurança, integridade e eficiência nas operações (Frontex, 2015b).

²⁷ Capacidade de manter a aptidão física e mental do cão nos níveis de certificação (Frontex, 2015b).

autoridade do seu próprio exemplo”, à semelhança dos instrutores, os assessores devem ter um cão treinado segundo os padrões do CCC (*Frontex*, 2015b).

A transição de tratador para instrutor e, seguidamente, para assessor cinotécnico europeu, “apenas poderá ser efetuada nível a nível, sendo necessários vários anos de experiência em cada um dos níveis, bem como, comprovados resultados operacionais alcançados, em operações conjuntas, por si ou pelas equipas treinadas por si como instrutor” (*Frontex*, 2015b, p. 20).

1.4.5. Capacidade operacional dos binómios cinotécnicos europeus

As equipas cinotécnicas dos Estados-Membros, projetadas nas fronteiras externas da UE têm, como já referimos, especialidades diferentes. Interessa por essa razão esclarecer qual a missão de cada uma delas. No que respeita ao emprego operacional de cães nas operações conjuntas da *Frontex*, poderão ser projetadas as equipas seguintes: equipas cinotécnicas de uso da força (uso geral), equipas cinotécnicas de deteção de substâncias e equipas cinotécnicas de deteção de odor humano (*Frontex*, 2015b).

As equipas de uso da força ou uso geral, são as equipas com capacidade de buscar e encontrar fontes de odor humano e de fazer uso da força quando necessário operacionalmente, quer seja para deter indivíduos em fuga como para proteger o seu tratador ou outras pessoas (*Frontex*, 2018a). Pelas suas características²⁸ têm sido maioritariamente empenhadas nas fronteiras verdes (*Frontex*, 2015b). A utilização destes binómios é muito importante pois o cão, para além da proteção que confere ao seu tratador, tem uma grande capacidade de dissuasão perante uma possível ameaça (Eden, 1989).

As equipas cinotécnicas de deteção de substâncias são as equipas capazes de buscar e indicar uma fonte de odor²⁹ para a qual estejam treinadas a detetar. Não há diferença no treino de um cão para detetar estupefacientes, explosivos, tabaco, passaportes ou qualquer outro tipo de odor. O processo é o mesmo, apenas mudam as moléculas odoríficas introduzidas no treino do canídeo (Jamieson, Murray, & Baxter, 2017).

Por último, as equipas cinotécnicas de deteção de odor humano são as equipas dotadas de capacidade de buscar e encontrar uma fonte de odor humano. Estas equipas são

²⁸ Capacidade para buscar e reagir em situações de uso da força (ex.: encontrar pessoas perigosas).

²⁹ Estupefacientes, explosivos, vestígios biológicos, tabaco, dinheiro, entre outros. Existe uma múltipla variedade de produtos que podem ser introduzidos na categoria de “deteção de substâncias”, tudo dependerá da evolução do crime transfronteiriço (*Frontex*, 2009).

treinadas apenas para identificar o local de onde imane uma fonte de odor humano e não para reagir em caso de situações de uso da força, ao contrário das equipas de uso geral (*Frontex*, 2015b). Por esta razão estas equipas são empenhadas sobretudo na procura de pessoas³⁰ escondidas em compartimentos de camiões, autocarros, contentores ou em áreas abertas como armazéns, arbustos, entre outros (*Frontex*, 2012).

Como vimos, cada uma das especializações são diferentes entre si, pelo que o treino de cada uma delas é, também ele, diferente. A figura n.º 2 sintetiza o treino específico definido no CCC para cada uma das especialidades.

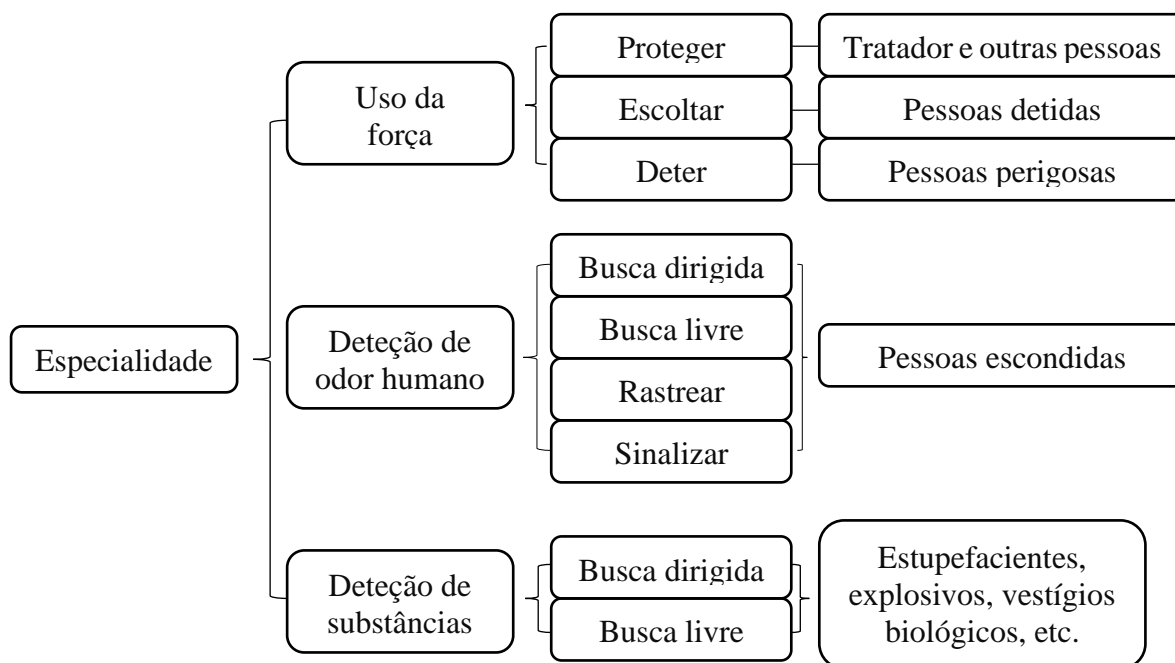


Figura n.º 2 – Síntese da capacidade das equipas cinotécnicas europeias

Fonte: Adaptado de *Frontex* (2009)

Até ao momento, estas são as equipas que têm sido destacadas nas operações conjuntas da *Frontex*, no entanto, dependendo da evolução do crime transfronteiriço, poderemos vir a ver no futuro, outros tipos de equipas cinotécnicas (*Frontex*, 2015b).

1.5. O impacto do projeto *Frontex* na área cinotécnica a nível global

Com o desenvolvimento integral do CCC o projeto alcançou uma determinada maturidade e as autoridades policiais dos Estados-Membros da UE entenderam o que a

³⁰ Pessoas que não representam perigo para o cão ou para os guardas de fronteira, ou vítimas de sequestro ou de tráfico de seres humanos.

Frontex estava a fazer no domínio da formação cinotécnica europeia, e isso é visível pelo facto de o projeto ter iniciado com seis Estados-Membros e após três anos, estavam já, mais de trinta Estados envolvidos (*Frontex*, 2015b).

Segundo Horii (2013) a formação da *Frontex* teve um efeito integrador para o regime de fronteiras externas da UE, porque promoveu a socialização e a profissionalização dos guardas de fronteira a nível europeu.

Por um lado, promoveu a socialização uma vez que a formação proporcionou aos guardas de fronteira de diferentes Estados-Membros a oportunidade de debater e partilhar questões entre si, o que acabou por ter impacto tanto a nível individual como organizacional (Horii, 2013). A nível individual porque os guardas de fronteira passaram a considerar a fronteira de outros Estados-Membros como um problema também da sua responsabilidade. A nível organizacional porque a formação da *Frontex* é entendida como uma oportunidade de os Estados-Membros mostrarem eficazmente os seus compromissos de uma forma visível Horii (2003).

Por outro lado, promoveu a profissionalização dos guardas de fronteira, ou seja, contribuiu para a expansão da comunidade profissional certificada segundo os padrões da *Frontex*³¹ (Horii, 2013).

Horii (2013) refere ainda que a formação na área cinotécnica tem sido um grande sucesso alcançado pela *Frontex* e que se “este sistema de certificação se tornar amplamente aceite no futuro, será uma poderosa ferramenta de combate à criminalidade com dimensão transfronteiriça e isso terá repercussões a nível global” (Horii, 2013, p. 172).

Na opinião de Branson, Cobb, & McGreevy (2012) o modelo de treino e formação definido pela Agência representa aquilo que os melhores cinotécnicos de cada país souberam promover e sistematizar pelo que a sua implementação irá levar à criação de cães de serviço de alto nível e qualidade, o que conduzirá ao sucesso, a longo prazo, da *Frontex* como um todo, melhorando a eficácia dos seus guardas de fronteira no decorrer das operações.

Como poderemos verificar, o projeto da *Frontex* na área cinotécnica tem alcançado muito sucesso e é por esta razão que a unidade de treino da Agência supramencionada “tem recebido inúmeros pedidos de intervenção nesta área tanto por países europeus como por países fora da Europa” (*Frontex*, 2015b, p. 16).

³¹ Proporciona à Agência *Frontex* a garantia daquilo com que pode contar relativamente ao emprego operacional dos meios uma vez que tem ao seu dispor um alargado número de guardas de fronteiras certificados segundo os *standards* definidos por esta Agência (Horii, 2013).

O plano de ação da indústria australiana de cães de serviço, por exemplo, mencionou que o trabalho que tem sido desenvolvido pela Agência *Frontex* na área cinotécnica é um modelo a seguir e que pretendem implementar (*Frontex*, 2015b). Também a Organização Mundial de Alfândegas (*World Customs Organization*³²) convidou a *Frontex* a oferecer os seus conhecimentos e os seus especialistas em treino de cães de serviço com o objetivo de estabelecer centros de treino a nível regional e global (*Frontex*, 2015b).

Marin (2011) refere num dos seus estudos que o trabalho desenvolvido pela Agência tem contribuído de uma forma preponderante para proteção das fronteiras externas que, é essencial para uma gestão mais eficiente da migração. A autora refere ainda que o sucesso do CCC permitirá que a *Frontex* forneça apoio mais rápido e eficiente aos Estados-Membros no controlo das fronteiras.

Segundo o manual de apoio ao curso europeu para tratadores cinotécnicos da *Frontex*, na operação Minerva, em Espanha, que decorre, em Ceuta e Algeciras, com o objetivo de combater a emigração ilegal com origem em Marrocos, “de todas as pessoas detetadas a atravessar ilegalmente as fronteiras europeias, 82% foram detetadas por equipas cinotécnicas” (*Frontex*, 2015b).

Aquilo que descrevemos no presente subcapítulo são alguns dos exemplos que demonstram o impacto que a implementação dos programas de treino e formação das equipas cinotécnicas a nível europeu, por intermédio da Agência *Frontex*, têm tido não apenas a nível europeu mas também global, bem como, ilustra a performance das equipas cinotécnicas destacadas nas operações conjuntas da *Frontex*.

1.6. O papel da Guarda Nacional Republicana no seio da Agência *Frontex*

A Agência *Frontex*, como vimos no subcapítulo 1.3., tem como objetivo reforçar e impulsionar a cooperação entre os guardas de fronteira dos Estados-Membros ao promover o conceito de gestão integrada de fronteiras com o propósito de mitigar as ameaças e riscos à segurança da UE. As bases do sistema de gestão europeia de fronteiras são a implementação de legislação comum e a cooperação operacional entre Estados-Membros (Conselho de Ministros, 2017).

³² Órgão intergovernamental independente cuja missão é melhorar a eficácia e a eficiência das administrações aduaneiras bem como promover a simplificação das normas internacionais e a sua aplicação harmonizada (Tempier, 2016).

Com base nas suas atribuições e competências, a Agência tem solicitado às FSS dos diversos Estados-Membros da UE, um contributo operacional com vista a assegurar a proteção das fronteiras externas da União, procurando limitar as ameaças e riscos à segurança, cada vez mais globais, decorrentes como já vimos, de uma criminalidade além-fronteiras, combatendo direta ou indiretamente o tráfico de seres humanos, imigração ilegal e o terrorismo (Guarda Nacional Republicana [GNR], 2018).

A GNR, no âmbito da Agência *Frontex*, estabelece as suas relações de cooperação através da Unidade de Controlo Costeiro (UCC), que possui os meios marítimos para efetuar as vigilâncias e fiscalizações nas fronteiras marítimas, e da Unidade de Intervenção, mais especificamente por intermédio do Grupo de Intervenção Cinotécnico, que fornece os binómios que são usados para a deteção de indivíduos e substâncias escondidos em locais confinados, nas embarcações, veículos e outros tipos de transporte e locais.

A participação da Guarda no esforço coletivo da *Frontex* enquadra-se no quadro de compromissos estabelecidos pelo Estado Português no TUE, assente nos princípios da solidariedade e cooperação entre os Estados-Membros da UE (GNR, 2018). Como se pode ler no n.º 3 do artigo 4.º do TUE, “em virtude do princípio da cooperação leal, a União e os Estados-Membros respeitam-se e assistem-se mutuamente” (UE, 1992, p. 18) e ainda no n.º 3 do artigo 24.º, onde refere que “os Estados-Membros apoiarão, ativamente e sem reservas, a política externa e de segurança da União, num espírito de lealdade e de solidariedade mútua” (UE, 1992, p. 30).

A sua participação encontra-se também estabelecida e coerente com a estratégia organizacional da Guarda, vertida no documento “Estratégia da Guarda 2020, Uma estratégia de futuro” integrando em simultâneo, os “objetivos estratégicos e operacionais contratualizados com o Ministério da Administração Interna nos Quadros de Avaliação e Responsabilização institucionais” (GNR, 2018, p. 163).

A GNR tem “participado em operações conjuntas no setor terrestre e marítimo através do emprego de recursos humanos e meios técnicos” (s/a, 2017, p. 40). Relativamente aos recursos humanos, destacam-se as equipas cinotécnicas, os peritos em lofoscopia e em deteção de viaturas furtadas e operadores do Centro de Coordenação Nacional do Sistema de Vigilância das Fronteiras, enquanto que, os meios técnicos caracterizam-se por embarcações de alta velocidade, por lanchas de vigilância e interceção, por veículos dotados de câmaras de visão térmica e por viaturas de patrulha (s/a, 2017).

Tem ainda participado, a Guarda através do GIC, em diversas reuniões, ações de formação, seminários e *workshops*, com o intuito de criar doutrina e promover programas e

métodos de formação comuns, a serem seguidos e replicados pelos diversos Estados-Membros da UE (s/a, 2018). Referimo-nos em particular, à construção e elaboração dos programas de treino e formação das equipas cinotécnicas ao nível da UE, alvo da presente investigação.

Atendendo ao supramencionado, a contribuição da Guarda na elaboração dos *standards* presentes no CCC para a área cinotécnica iniciou em 2006, por intermédio do GIC, tendo desde esse momento, cooperado ativamente nas atividades promovidas pela Agência no que aos assuntos cinotécnicos diz respeito, com a nomeação e participação de especialistas nas diferentes áreas de especialidade (Pinto, 2011).

A participação de militares da Guarda no desenrolar do processo de construção do CCC permite por um lado “a projeção da qualidade técnica dos Cinotécnicos Portugueses nos fóruns Cinotécnicos da União Europeia” (Pinto, 2011, p. 36) e por outro lado permite “assimilar ensinamentos e aprendizagens que só são possíveis de obter através desta troca de conhecimentos e experiências, e que muito têm contribuído para a melhoria e aumento da qualidade e eficiência dos meios Cinotécnicos da GNR” (Pinto, 2011, p. 36).

Reforçando o descrito no parágrafo anterior e, segundo o Plano de Atividades da GNR do ano de 2018, a participação da Guarda nos diversos fóruns a nível europeu contribui também para potenciar a ligação com os Estados-Membros da UE, fomentando a partilha de informação e boas práticas de investigação, constituindo-se um objetivo fundamental na luta contra a criminalidade. Permite ainda um conhecimento mais alargado acerca da mobilidade e organização dos grupos criminais de âmbito transnacional (GNR, 2018).

Para além da colaboração na elaboração do CCC, a Guarda tem participado, através do emprego de binómios cinotécnicos, nas missões conjuntas da *Frontex* de combate à criminalidade com dimensão transfronteiriça, desde o ano de 2007. Com base nos Relatórios de Atividade elaborados anualmente pela Guarda Nacional Republicana, elaborou-se o quadro n.º 7, presente no Apêndice H do presente RCFTIA, onde constam as operações conjuntas onde a cinotécnica da Guarda esteve projetada desde o ano de 2007 até ao ano de 2018³³.

Aos militares da Guarda que se encontram projetados no âmbito das operações supramencionadas cumpre, na generalidade delas, executar tarefas de vigilância,

³³ Analisam-se as operações onde a cinotécnica da Guarda esteve projetada desde o ano 2007 por ser o ano em que se iniciou a projeção de forças cinotécnicas no âmbito da *Frontex*, até ao ano 2018 por ser o ano anterior ao da elaboração do presente RCFTIA.

patrulhamento, busca e salvamento nas fronteiras externas, terrestre e marítimas da UE garantindo o controlo e a fluidez do fluxo de veículos e pessoas, acautelando a migração ilegal e o crime transfronteiriço (GNR, 2018).

O resultado operacional da participação dos binómios da Guarda no âmbito das missões referidas no parágrafo anterior constam no quadro n.º 14 do Anexo A. Os dados foram fornecidos pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR. Como podemos verificar, pela análise de ambos os quadros, n.º 7 e n.º 14, os binómios cinotécnicos da Guarda têm participado anualmente nas operações conjuntas da *Frontex* tendo obtido resultados muito positivos, desempenhando desta forma, um importante papel na prevenção e combate à criminalidade transfronteiriça e no apoio às autoridades locais na deteção desses mesmos crimes.

A execução deste tipo de missões contribui para o reforço de uma “estratégia integrada de prevenção internacional e prestígio nacional, no âmbito do Espaço de Liberdade, Segurança e de Justiça da União Europeia, atendendo aos interesses permanentes da segurança nacional” (GNR, 2018, p. 163).

Em todas as participações em ações promovidas pela *Frontex* na área Cinotécnica, nas duas componentes que abordámos, formação e operações conjuntas, o trabalho desenvolvido pelos binómios da GNR “tem sido reconhecido e elogiado por todos os participantes e responsáveis daquela Agência, colocando, assim, a cinotécnica da Guarda num elevado patamar de aceitação no seio da UE” (Pinto, 2011, p. 37).

Atendendo ao descrito no presente subcapítulo e como refere Pinto (2011) podemos afirmar que tecnicamente tanto ao nível do treino e formação como ao nível do emprego operacional dos meios cinotécnicos propriamente ditos, a cinotécnica da Guarda encontra-se na vanguarda, seguindo os mesmos métodos e doutrina utilizados pelas cinotécnicas de referência³⁴ presentes na UE.

Parece evidente que “é uma valência com capacidades ímpares em Portugal e que, consciente dos desafios que se colocam, encara o futuro com a firme vontade de continuar a servir e a dotar a Guarda e o País de uma Cinotécnica moderna, eficaz e eficiente” (Pinto, 2011, p. 31).

³⁴ Alemanha, Suécia, Noruega e Dinamarca (Pinto, 2011).

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS

O seguinte capítulo tem como propósito descrever o procedimento metodológico adotado na elaboração da presente investigação. O procedimento mais não é do que “uma forma de progredir em direção a um objetivo” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 25) com base num método que “é uma formalização particular do procedimento” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 25). O método pode ser também definido como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia permite alcançar o objetivo, conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 83).

Atendendo a que “os métodos e as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 163) nos subcapítulos que se seguem apresentam-se os métodos e as técnicas adotadas tanto na investigação como no processo de recolha de dados. Apresenta-se também a caracterização da amostra, bem como o processo desenvolvido para o tratamento e análise dos dados recolhidos.

O presente relatório científico final do Trabalho de Investigação Aplicada segue as Normas para a Redação de Trabalhos de Investigação da Academia Militar³⁵.

2.1. Método de abordagem da investigação

A investigação caracteriza-se por ser um “processo sistemático e intencionalmente orientado e ajustado tendo em vista inovar ou aumentar o conhecimento num dado domínio” (Ketele & Roegiers, 1993, p. 104), e como refere Barañano (2004) o conhecimento é a matéria-prima da ciência, no entanto, alerta que “a geração de ciência exige a aplicação de um método que garanta a exatidão dos conhecimentos” (Barañano, 2004, p. 22). Os métodos de investigação, como, refere Bisquerra (1989), criam o caminho para alcançar o conhecimento científico, sendo estes o conjunto de procedimentos que servem de base para alcançar os fins da investigação.

Assim, a metodologia adotada na realização deste RCFTIA é uma metodologia qualitativa dado que tem “como objetivo alcançar um entendimento mais profundo e

³⁵ NEP n.º 522/1ª de 20 de janeiro de 2016 – Academia Militar.

subjetivo do objeto de estudo, sem se preocupar com medições e análises estatísticas” (Vilelas, 2009, p. 108).

O método de abordagem adotado é o hipotético-dedutivo de Karl Popper, “que parte de um problema, ao qual se oferece uma espécie de solução provisória, passando-se depois a criticar a solução, com vista à eliminação do erro” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 95). Esta solução provisória materializa-se em hipóteses de investigação (HI) que, como define Quivy & Campenhoudt (2005, p. 136), são “uma proposição provisória que preveem uma relação entre dois termos”, e “que devem ser verificadas”.

2.2. Modelo de análise

No início de uma investigação, como refere Quivy & Campenhoudt (2005), sabemos o que queremos estudar, o problema consiste em saber como abordar a questão. Tendo noção desta realidade e como forma de estruturar e orientar a investigação foi definido um modelo de análise³⁶ com base nas etapas do procedimento propostas por Quivy & Campenhoudt (2005) na sua obra.

Tendo em conta o modelo acima indicado foi necessário definir desde logo a questão central. Esta funciona como um “fio condutor a partir do qual se desenrolará todo o trabalho de investigação e que deve ser tão claro quanto possível, de forma que o trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 251). Desta forma, definiu-se a seguinte questão central: “De que forma, a implementação de programas de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, contribui para desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia?”.

Concebida a questão central e de forma a obter informações suficientes que permitam fundamentar a resposta a esta mesma questão e delimitar a investigação, formularam-se as seguintes questões derivadas (QD): QD.1 – Qual a importância da padronização da formação dos guardas de fronteiras? QD.2 - O que motivou a elaboração de um Currículo Comum de treino e manuseio dos meios cinotécnicos no âmbito da *Frontex*? QD.3 - Qual o contributo da Guarda no geral e do GIC em particular, no combate à criminalidade grave com dimensão transfronteiriça na União?

³⁶ Apêndice A – Modelo de análise.

Decorrente da metodologia utilizada no decorrer da presente investigação é necessário formular hipóteses de investigação que como refere Marconi & Lakatos (2003, p. 128) “são colocações conjecturais de relação entre duas ou mais variáveis” e “devem ser passíveis de mensuração ou potencialmente mensuráveis”.

Desta forma foram levantadas as seguintes hipóteses: HI.1 – Como a criminalidade nas fronteiras da UE tem aumentado gradualmente, então, verificou-se que se tinha de estabelecer normas de intervenção comuns, garantindo a harmonização europeia e a interoperabilidade nas atividades de fronteira; HI.2 – Por existir um elevado número, diversificado, de equipas cinotécnicas no controlo das fronteiras, verificou-se a necessidade de criar um Currículo Comum de treino e maneo dos binómios cinotécnicos, a nível europeu; HI.3 – Por se verificar um elevado fluxo de pessoas a circular diariamente nas fronteiras da UE então surgiu a necessidade de empenhar equipas cinotécnicas com a finalidade de detetar e evitar a prática de determinados ilícitos, como é exemplo o tráfico de pessoas ou droga.

2.3. Métodos e técnicas de recolha de dados

Uma vez aferido o problema de investigação e definidas as hipóteses, “o passo seguinte no processo de investigação tem a ver com a recolha de dados empíricos” (Coutinho, 2014, p. 105). Como refere Marconi & Lakatos (2003) toda a investigação implica necessariamente o levantamento de dados de variadas fontes, independentemente dos métodos ou das técnicas utilizadas. No entanto “é necessário elaborar uma estratégia de recolha de informações” (Ketele & Roegiers, 1993, p. 18). Nesse sentido, os métodos e as técnicas de recolha de dados utilizados no presente RCFTIA, foram determinados com base nas obras de Ketele & Roegiers (1993), Marconi & Lakatos (2003), e Coutinho (2014).

Para a recolha de dados que serviram de base para a redação do capítulo 1, foi utilizada a técnica de documentação indireta, que se subdivide, segundo Marconi & Lakatos (2003), em pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. A característica da pesquisa documental “é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 174) e “pode ser extremamente variada” (Ketele & Roegiers, 1993, p. 37). Recorreu-se a estas fontes através da consulta de documentos escritos e publicados tanto em livros e revistas científicas como em plataformas *online*³⁷. Por outro

³⁷ Especificadas no ponto 2.6. Local e data da pesquisa e recolha de dados.

lado, a pesquisa bibliográfica “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo” em que “a sua finalidade é colocar o investigador em contacto direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 183). Recorreu-se a estas fontes através da consulta de obras literárias de autores que abordaram a temática em estudo nesta investigação.

Quanto à técnica utilizada para a recolha de dados que sustentou a produção escrita do capítulo 3 - Apresentação análise e discussão dos resultados, foi utilizada a técnica de observação, direta e intensiva, que se desdobra, segundo Marconi & Lakatos (2003), em observação e em entrevistas. A observação é “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspetos da realidade” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 190). As entrevistas são uma “poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõem uma interação entre o entrevistado (E) e o investigador” (Coutinho, 2014, p. 141).

Após a elaboração do guião de entrevista³⁸ o mesmo foi endereçado, em conjunto com uma carta de apresentação³⁹, para os destinatários das mesmas, especificados no subcapítulo seguinte. As perguntas do guião de entrevista foram estruturadas com base na questão central, nas questões derivadas e nas hipóteses de investigação, conforme o quadro de relação⁴⁰ elaborado.

As entrevistas realizadas aos Oficiais, Sargentos e Guardas da GNR, decorreram de forma presencial e recorreu-se a um gravador para, posteriormente, transcrever o conteúdo das mesmas para subsequente análise. As entrevistas realizadas a entidades da Agência *Frontex*, foram realizadas via correio eletrónico.

2.4. Amostragem

Como nos refere Quivy & Campenhoudt (2005), não basta saber que tipo de dados é que devem ser recolhidos no decorrer da investigação, “é também preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo. (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 157). Desta forma, é necessário definir-se a amostra do estudo, ou seja, “uma parcela convenientemente selecionada do universo” (Marconi & Lakatos, 2003,

³⁸ Apêndice C - Guião de entrevista do grupo um e Apêndice E – Guião de entrevista do grupo dois.

³⁹ Apêndice B - Carta de apresentação endereçada ao grupo um e Apêndice D – Carta de apresentação endereçada ao grupo 2.

⁴⁰ Apêndice G - Relação entre questões de entrevista e as questões de investigação.

p. 163) constituída por um “conjunto de sujeitos de quem se recolherá dados” (Coutinho, 2014, p. 89).

Desta forma, a amostra da investigação diz respeito a todos os indivíduos⁴¹ a quem foi dirigido o inquérito por entrevista. O mesmo foi direcionado aos militares da Guarda Nacional Republicana, Oficiais, Sargentos e Guardas, do Grupo de Intervenção Cinotécnico, que representam o grupo um⁴² da amostra, com o objetivo de perceber qual é a perspetiva dos militares relativamente à implementação de programas de treino e formação comuns de equipas cinotécnicas a nível europeu. Os militares acima referidos foram selecionados devido ao seu reconhecido conhecimento perante a temática alvo da presente investigação, materializada através de formação e certificação nesta mesma área. A estes, aplicou-se o guião de entrevista constante no apêndice C, constituído por nove questões.

Foi também dirigido a entidades de FSS internacionais, certificadas pela Agência *Frontex*, com o objetivo de analisar a opinião de entidades externas à Guarda e a Portugal, relativamente à implementação dos programas anteriormente referidos. Estas entidades lidam na sua atividade operacional, à semelhança dos militares da Guarda, com as alterações decorrentes da implementação dos referidos programas de treino e formação comum, daí a relevância do seu contributo na presente investigação. As referidas entidades representam o grupo dois⁴³ da amostra. A estes aplicaram-se quatro das nove questões do guião de entrevista anteriormente referido. Por se tratarem de entidades internacionais, surgiu a necessidade de se elaborar um guião em língua inglesa, constante no Apêndice E, o qual foi endereçado, via correio eletrónico, juntamente com uma carta de apresentação⁴⁴.

2.5. Tratamento e análise de dados

Concluída a fase de recolha de dados resultante da aplicação da técnica de observação direta e intensiva (entrevista), como refere Coutinho (2014), a análise e interpretação dos dados torna-se uma tarefa crucial. Como nos refere Quivy & Campenhoudt (2005), a escolha do método de recolha de dados influencia os resultados da investigação, pelo que “os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 185).

⁴¹ Apêndice F – Identificação dos entrevistados.

⁴² Ver apêndice F.

⁴³ Ver apêndice F.

⁴⁴ Apêndice D - Carta de apresentação endereçada ao grupo dois.

As entrevistas “pelo seu carácter aberto e flexível produzem quase sempre uma enorme quantidade de informação que necessita de ser organizada e reduzida” (Coutinho, 2014, p. 216). Utilizou-se o método de análise de conteúdo, adaptado, do proposto por Guerra (2006) uma vez que é “um método que pode ser utilizado, com êxito, sempre que temos de analisar entrevistas” (Coutinho, 2014, p. 217) e como refere Quivy & Campenhoudt (2005), os métodos de entrevista requerem, habitualmente, métodos de análise de conteúdo. Este modelo caracteriza-se pela elaboração de sinopses das respostas dos entrevistados, por constituírem a “síntese dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis, inclusive na linguagem, ao que disseram os entrevistados” (Guerra, 2006, p. 73).

Posteriormente elaboraram-se quadros de análise de conteúdo, agrupando para cada uma das questões, a sinopse da resposta dada, a essa mesma questão, por cada um dos entrevistados, uma vez que, segundo Guerra (2006) permitem não só, identificar o corpus central da entrevista, mas também facilitam a comparação longitudinal das respostas dos entrevistados. Os quadros supramencionados encontram-se no apêndice I⁴⁵.

2.6. Local e data da pesquisa e recolha de dados

O presente Trabalho de Investigação Aplicada foi, maioritariamente redigido, nas instalações da Escola da Guarda em Queluz. No entanto, para o cumprimento de determinadas etapas do desenrolar do RCFTIA, tornou-se necessário recorrer a outros locais.

Assim sendo, a pesquisa bibliográfica referente ao capítulo 1, foi realizada essencialmente, na biblioteca da Escola da Guarda e na biblioteca da Academia Militar. Recorreu-se também à recolha de informação em suporte informático através de diversas plataformas *online*, como o Repositório Científico de Acesso Aberto a Portugal (RCAAP), a CEPOL, a EBSCO, o Observatório das Migrações (OM).

Por outro lado, os dados recolhidos no decorrer das entrevistas, utilizados no capítulo 3 - Apresentação análise e discussão dos resultados, foram realizadas entre o dia 18 março e 4 de abril de 2019, nas instalações do Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR que se encontra na Escola da Guarda em Queluz.

⁴⁵ No presente RCFTIA encontram-se, no apêndice I, a síntese das respostas dos entrevistados. Por motivos de extensão, a transcrição completa das entrevistas não foram integradas neste RCFTIA. A transcrição completa encontra-se na posse do autor e das entidades entrevistadas.

CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como nos refere Marconi & Lakatos (2003), uma vez manipulados e obtidos os resultados, o passo seguinte caracteriza-se pela análise e interpretação dos mesmos, pelo que no decorrer do presente capítulo, são apresentados, analisados e discutidos separadamente, os dados recolhidos através da realização de entrevistas, comparando, posteriormente, com a informação obtida no Capítulo 1 – A formação cinotécnica europeia.

Tendo em conta que “a importância dos dados está, não em si mesmos, mas em proporcionarem respostas à investigação” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 167), no presente capítulo iremos proceder também, à verificação das hipóteses de investigação, bem como daremos resposta às questões derivadas. A resposta à questão central encontra-se nas conclusões do presente RCFTIA.

3.1. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 1

Através da questão n.º 1 pretendemos perceber que tipo de formação cinotécnica ministrada pela GNR, o grupo um, obteve até ao momento da entrevista. Mediante os dados recolhidos no decorrer das entrevistas construiu-se o quadro n.º 1.

Quadro n.º 1 - Análise da questão n.º 1

Cursos ministrados pela GNR	Entrevistados														
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Curso Cinotécnico de Detecção de Droga	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso Cinotécnico da Guardia Civil	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Formação de Operador/Tratador Cinotécnico	-	X	X	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso Cinotécnico de Binómios de Guarda Patrulha	-	X	X	-	-	X	-	-	-	-	X	X	X	X	X
Curso Cinotécnico de Figurância	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso de Intervenção Cinotécnica	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso de Segurança, Intervenção e Busca	-	-	X	-	X	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
Busca e Salvamento/Busca e Socorro	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	X	X
Curso de Detecção de Iscos Envenenados	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso Cinotécnico de Binómios de Intervenção Tática	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Curso de Detecção de Explosivos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-
Curso de Formador Cinotécnico	-	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria

Através da análise dos dados constatamos que, todos os entrevistados do grupo um são detentores de formação cinotécnica em variadas áreas de especialização, ministrada pela GNR. Também todos eles têm vasta experiência quanto ao emprego de binómios

cinotécnicos. Estes dados são importantes na medida em que, garantem que a amostra possui experiência, tanto técnica como operacional no âmbito cinotécnico, garantindo desta forma, serenidade e clareza nas respostas ao guião de entrevista.

3.2. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 2

Através da questão n.º 2 pretendemos perceber que formação cinotécnica obteve o grupo de entrevistados, até ao momento, ministrada pela Agência *Frontex* segundo os *standards* definidos no CCC. Com base nos dados recolhidos no decorrer das entrevistas construiu-se o quadro n.º 2.

Quadro n.º 2 - Análise da questão n.º 2

Cursos ministrados pela <i>Frontex</i>	Entrevistados																			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Curso de instrutor europeu na vertente de uso da força ⁴⁶	-	X	X	X	X	X	X	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X
Curso de tratador europeu na vertente de uso da força ⁴⁷	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Curso de instrutor europeu na vertente de deteção ⁴⁸	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Curso de tratador europeu na vertente de deteção ⁴⁹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-	-	-	-
Curso de tratador europeu na vertente de deteção de odor humano ⁵⁰	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
Assessor cinotécnico europeu ⁵¹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-

Fonte: Elaboração própria

Através da análise dos dados constantes no quadro n.º 2 é possível verificar que no seio da amostra existem entrevistados com formação europeia na área cinotécnica nos três níveis⁵² do sistema de carreira do CCC, que definimos no ponto 1.4.4. - O sistema de carreira das equipas cinotécnicas da Agência *Frontex*.

Verificamos que cinco dos entrevistados frequentaram o curso de tratador cinotécnico europeu, um (E11) na vertente de uso da força, três (E13, E14, E15) na vertente de deteção e um (E12) na vertente de deteção de odor humano.

⁴⁶ *European Course for Canine Team Instructors – General Use.*

⁴⁷ *European Course for Canine Teams – General Use.*

⁴⁸ *European Course for Canine Team Instructors – Product Scent.*

⁴⁹ *European Course for Canine Teams – Product Scent.*

⁵⁰ *European Course for Canine Teams – Human Scent.*

⁵¹ *Frontex canine team assessor.*

⁵² Nível de tratador cinotécnico europeu, instrutor cinotécnico europeu e assessor cinotécnico europeu.

Relativamente ao curso de instrutor europeu constatamos que nove dos entrevistados (E2, E3, E4, E6, E7, E10, E16, E19, E20) frequentaram o curso de instrutor europeu na vertente de uso da força e que dois dos entrevistados (E8, E17) frequentaram o curso de instrutor europeu na vertente de deteção.

Por último, com formação e certificação europeia de assessor cinotécnico europeu temos dois entrevistados (E16, E18).

O entrevistado (E1) não recebeu formação no âmbito da *Frontex*, no entanto, participou na elaboração dos *standards* presentes no CCC na qualidade de perito, juntamente com outros militares.

3.3. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 3

Na questão n.º 3, interrogámos ao grupo um dos entrevistados, qual era, na opinião de cada um, a importância de os militares do GIC adquirirem formação segundo os padrões de treino estabelecidos pela *Frontex* para a área cinotécnica.

O objetivo desta questão foi perceber a importância atribuída por uma unidade cinotécnica da UE, que neste caso em concreto, é o GIC da GNR, à formação cinotécnica implementada pela Agência supramencionada.

Com base nas respostas dadas pelos entrevistados, construiu-se o quadro n.º 8 presente no apêndice I. Verificamos que todos os entrevistados reconhecem que a formação implementada pela Agência não é apenas importante, mas é “essencial” e “fundamental”. Apesar de a opinião ser idêntica para todos os entrevistados, os argumentos para o justificar diferem um pouco entre si. Desta forma identificamos três linhas de argumentação distintas.

Em primeiro lugar, os entrevistados (E1, E2, E4, E5, E6, E10, E11, E12) reconhecem que a importância dos *standards* assenta na premissa de que, existindo uma linguagem comum ao nível do treino, da formação, dos métodos e das técnicas, levará a que os militares possam treinar em conjunto e fazer uma análise detalhada utilizando a mesma linha de pensamento (E2, E7, E10, E11). Permite ainda que os militares se entrem ajudem e evoluam constantemente (E5), colmatando falhas que surjam no decorrer do treino ou da atividade operacional (E6). A formação que era ministrada antes da implementação dos *standards* da *Frontex* “não estava padronizada” (E12) o que “resultava em várias gerações de técnicas que geravam desentendimentos porque não se utilizava o mesmo código” (E1).

Em segundo lugar, é reconhecido pelos entrevistados (E1, E4, E11, E12, E14) que a adoção dos padrões do CCC permitem elevar o nível de qualidade dos binómios cinotécnicos

da Guarda levando a que “a instituição seja reconhecida internacionalmente” (E14) “valorizando desta forma, o GIC e por conseguinte a GNR” (E4). Para (E1) neste momento o GIC tem “acesso direto àquilo que é o conhecimento mais recente, melhor trabalhado e mais estruturado que a *Frontex* produziu” traduzindo-se no aumento do grau de profissionalismo e de rigor da unidade. Estes padrões “obrigam o GIC a evoluir tecnicamente” (E11) levando-o a “dar um salto qualitativo muito grande” (E12) quanto à qualidade do serviço desenvolvido em Portugal que, segundo (E11), melhorou significativamente. A opinião dos entrevistados vai ao encontro do expresso por Jorjy (2007) e por Fergusson (2015) onde referem que o principal objetivo da Agência é melhorar o profissionalismo das autoridades responsáveis pela gestão das fronteiras e criar uma cultura europeia de serviços de fronteiras da mais alta qualidade possível. Como podemos constatar através da opinião dos entrevistados, a *Frontex* tem conseguido cumprir com este objetivo.

Por último é referido pelos entrevistados que a importância reside no facto de permitir ao GIC operar conjuntamente com outras FSS da UE em teatros operacionais internacionais (E2, E3, E6, E8, E9, E11, E12, E13, E15). Os *standards* conferem a capacidade de operar conjuntamente e de atingir os resultados esperados pela Agência *Frontex* na segurança das fronteiras externas da UE (E2, E3). Como vimos anteriormente, Gaspar (2018) e Schmitz (2006) defendem que a implementação de normas comuns criam um maior nível de confiança entre os agentes de diferentes forças que participem numa mesma missão, facilitando a cooperação entre eles. A linguagem técnica comum, os métodos e metodologias de trabalho comuns são identificados por (E8, E9, E11, E12, E13, E15), como fundamentais para que as forças trabalhem efetivamente juntas nas missões internacionais, tal como refere Gaspar (2018), possibilita que todos os membros da UE que desempenham uma mesma função colaborem eficazmente entre si.

3.4. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 4

A questão n.º 4 aplicou-se aos dois grupos de entrevistados e teve como finalidade perceber quais foram as principais dificuldades sentidas na implementação dos *standards* da *Frontex* na área cinotécnica no geral.

Como vimos no capítulo 1, as principais dificuldades encontradas na literatura residiam na falta de peritos especialistas disponíveis (*Frontex*, 2015b), no facto de não ser um processo simples reunir os especialistas dos Estados-Membros num mesmo local pelos custos que isso acarretava (Wolf & Schout, 2012) e por último, pelo facto de os Estados-

Membros possuem os seus próprios métodos de treino e formação, aos quais já estavam familiarizados e acostumados (Pinto, 2011).

Mediante a análise dos dados recolhidos permite-nos constatar que o grupo de entrevistados identificou ainda outras dificuldades. Grande parte reconheceu tal como Pinto (2011) uma grande resistência à mudança (E1, E4, E6, E8, E10, E15, E16, E17, E18) uma vez que “a implementação dos *standards*, representou uma rotura daquilo que já conheciam” (E1) e “quando se tem já um sistema implementado que funciona e com resultados comprovados, (...) os responsáveis por tomar as decisões serão bastante céticos sobre a necessidade de mudança” (E17).

A confrontação entre o sistema de treino a que os militares estavam acostumados com a necessidade de implementar os *standards* da *Frontex* obrigou os militares a “saírem da sua zona de conforto” (E2, E5, E7, E14, E18) provocando a resistência à mudança referida anteriormente.

Uma outra dificuldade apontada pelos entrevistados (E1, E2, E8, E12, E19) está relacionada com a falta de qualidade dos cães para atingir os padrões mínimos de qualidade (E2) que, acaba por condicionar o desempenho do militar (E8) sendo apontado como um dos principais motivos pelo qual alguns militares não concluíram o curso da *Frontex* (E12).

O facto de o curso ser ministrado em língua inglesa é apontado como uma condicionante pelos entrevistados (E6, E11, E12, E19) que como refere (E11) o inglês acabou por criar uma barreira à formação. É referido também por (E5, E8, E13, E14) que os “*standards* são muito exigentes” (E5), “mais do que a exigência que era pedida” (E13).

À semelhança de Wolf & Schout (2012), (E16, E17) salientam que, para além de ser um processo dispendioso, é um processo muito moroso, porque “a burocracia é gigantesca e qualquer mudança leva tempo” (E17).

Apesar das dificuldades identificadas, os entrevistados reconhecem que a estandardização das equipas cinotécnicas é uma mais-valia e os “militares percebem que em traços gerais há mais vantagens do que inconvenientes” (E1), portanto “mostram-se recetivos e otimistas em praticar os novos métodos, aliando ao conhecimento que já tinham, por forma a obter melhores resultados em contexto operacional” (E8). Com o tempo “mais FSS adotarão os padrões da *Frontex*, construindo a unificação” (E20).

A análise efetuada no presente subcapítulo foi elaborada com base nos dados constantes no quadro n.º 9 do Apêndice I do RCFTIA.

3.5. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 5

Através da questão n.º 5 procurámos perceber, junto dos entrevistados, o que a implementação dos *standards* da *Frontex*, trouxe de novo na formação e no modo de trabalhar dos militares. A análise que se segue foi sustentada pelos argumentos dos entrevistados constantes no quadro n.º 10 do Apêndice I.

A opinião dos entrevistados, relativamente a esta questão foi diversa. Um dos aspetos referidos por sete dos entrevistados (E1, E4, E6, E7, E10, E13, E15) é que antes da implementação dos *standards*, “cada um fazia as coisas à sua maneira” (E6) e, neste momento “temos o mesmo código” (E1), “usamos uma linguagem comum” (E7, E10) e “independentemente da especialidade, trabalhamos todos da mesma maneira (...) e só no final, canalizamos o cão para uma determinada área” (E13). Tal como referimos no ponto 1.4.3.⁵³ o CCC tem uma parte geral, que se aplica a todos os cães independentemente da especialidade, e uma parte específica, que se aplica a cada uma das áreas de especialidade em particular (*Frontex*, 2015b; Horii, 2015) indo ao encontro do referido por (E12, E13).

Para além do descrito no parágrafo anterior foi também referido que a implementação dos padrões do CCC “introduziram dinâmica de treino de grupo, espírito auto e hétero crítico no sentido da melhoria coletiva, mais preocupação em atingir os patamares de excelência” (E2), “resultados mais rápidos, problemas mais facilmente identificáveis” (E5), e como refere (E12) “trouxe-nos uma forma de trabalhar mais segura, confiante e sem medos”.

Por último são referidas duas alterações significativas. A primeira, mencionada por (E3), é o facto de a *Frontex* ter fornecido um conjunto de ferramentas que permitiram melhorar significativamente a relação homem-cão. A outra é o facto de “obrigar o militar a pensar o treino antes de o começar” (E6) o que atribuiu aos militares, “autonomia no planeamento” (E5).

Conjugando os argumentos dados pelos entrevistados para esta questão com a opinião de Branson, Cobb, & McGreevy (2012) podemos afirmar que o trabalho desenvolvido pela *Frontex*, como já referimos, permitirá criar equipas cinotécnicas de alto nível e qualidade, conduzindo inevitavelmente à melhoria da eficácia dos seus guardas de fronteira no decorrer das operações em que participem.

⁵³ 1.4.3. O processo de construção do currículo comum para tratadores cinotécnicos.

3.6. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 6

Atendendo ao desenvolvido no subcapítulo 1.6.⁵⁴ a Agência *Frontex*, com base nas suas atribuições e competências, tem solicitado às FSS dos diversos Estados-Membros da UE, um contributo operacional com vista a assegurar a proteção das suas fronteiras externas. A Guarda, por intermédio do GIC é, como referimos, uma das FSS que tem participado ativamente nas ações da *Frontex*, quer no âmbito da formação quer no emprego de binómios nas fronteiras supramencionadas.

Neste sentido, a questão n.º 6 teve como propósito, perceber qual era, na opinião dos entrevistados, a imagem que a *Frontex* tem relativamente ao desempenho dos militares do GIC quer no âmbito da formação quer no emprego dos binómios nas operações conjuntas.

Como podemos verificar pela análise do quadro n.º 10, presente no apêndice I, todos os entrevistados referem que a imagem que a Agência tem da Guarda é muito positiva. A opinião, segundo os mesmos, é fundamentada com base “no *feedback* que é dado pelos responsáveis da *Frontex* e até por membros de outras forças” (E1), no decorrer das ações de formação e das missões internacionais.

No âmbito da formação, os militares são vistos como indivíduos que demonstram “vontade de apreender” (E13), que são realmente empenhados (E3, E4), “determinados e motivados” (E7), “voluntariosos e profissionais” (E11) e, como refere (E3) “vêm em nós alguém realmente dedicado e que gosta deste serviço”.

Quanto ao desempenho dos militares nas missões internacionais, os entrevistados (E6, E8, E11, E12, E13, E14, E15) destacam essencialmente os resultados muito positivos obtidos pelos binómios da Guarda como um dos motivos pelo qual, os cinotécnicos da GNR, têm sido solicitados anualmente para as fronteiras da UE. Tal como refere (E12) “a *Frontex* tem o máximo respeito pelo nosso trabalho” daí “os binómios da Guarda serem solicitados ano após ano” (E8). Consultando os quadros⁵⁵ n.º 7 e n.º 14, constantes no apêndice H e no anexo A, respetivamente, verifica-se que os binómios têm obtido resultados “bastante satisfatórios” (E8). Por esta razão é referido pelos entrevistados que a prestação dos militares, nas missões internacionais, é bastante positiva. Como (E14) refere “dá-me algum gozo pessoal chegar a um determinado teatro de operações e ver que a nossa fama é reconhecida pelo bom sentido”.

⁵⁴ 1.6. O papel da Guarda Nacional Republicana no seio da Agência *Frontex*.

⁵⁵ A análise dos dados pode ser consultada no subcapítulo 1.6. - O papel da Guarda Nacional Republicana no seio da Agência *Frontex*.

Esta imagem positiva que a *Frontex* possui, acerca do trabalho da GNR, tem sido reconhecida (E1). O “centro cinotécnico de Queluz” como é já reconhecido internacionalmente pela *Frontex* coloca o GIC no “centro da Europa em termos de treino cinotécnico” sendo que “faz parte dos centros que, prioritariamente são escolhidos para dar formação a membros de outros Estados-Membros” (E1).

Em suma, à semelhança do referido no subcapítulo 1.6., o trabalho da Guarda tem sido reconhecido e elogiado por todos os participantes e responsáveis da *Frontex*, colocando os binómios da Guarda ao nível das cinotécnicas de referência da UE (Pinto, 2011).

3.7. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 7

A questão n.º 7 teve como objetivo perceber quais as vantagens que representam para a GNR, a participação dos militares do GIC nas ações de formação e nas missões internacionais no âmbito da *Frontex*.

Analisando os argumentos utilizados pelos entrevistados que se encontram agrupados e sintetizados no quadro n.º 11 do apêndice I, pode-se concluir que a opinião é unânime, a participação dos militares no âmbito *Frontex* tem trazido “visibilidade, reputação e reconhecimento” à GNR no geral e ao GIC em particular.

Tal como refere o entrevistado (E1) não podemos olhar para o empenho operacional dos militares da Guarda como uma forma de a *Frontex* “sugar meios ao país, porque deixaríamos de ter militares disponíveis para operar em Portugal” mas sim como uma forma de a GNR “ganhar em termos de imagem externa e de influência em termos de política externa” (E1). É neste âmbito que temos de encarar a projeção de militares para o estrangeiro uma vez que, tal como referenciámos no subcapítulo 1.6., a participação da GNR no esforço coletivo da *Frontex* enquadra-se no quadro dos compromissos estabelecidos pelo Estado Português no TUE.

Reforçando o supramencionado, os entrevistados referem que a “projeção internacional é o caminho para o reconhecimento além-fronteiras” (E5), “dá-nos visibilidade tanto nacional como internacional” (E3, E10), “permite que demonstremos o nosso trabalho, profissionalismo” (E8) e “qualidade dos nossos militares” (E11).

Uma outra vantagem que referimos no capítulo 1, sendo também referida pelos entrevistados, prende-se com o facto de, a participação da Guarda nos diversos fóruns a nível europeu, potenciar a ligação com os Estados-Membros da UE, fomenta a partilha de informação e boas práticas pois “facilita a comunicação entre todas as polícias” (E8), e

permite obter um conhecimento mais alargado acerca da mobilidade e organização dos grupos criminosos ao nível transnacional.

Por último, é também referido que a participação dos binómios levou a que uma série de coisas fossem melhoradas, nomeadamente, os meios, a qualidade de vida dos cães, pela construção de novos canis, o bem-estar dos militares, através da melhoria das instalações e dos locais de treino, entre outros, (E1, E8, E11), levando a que os militares, atualmente, trabalhem mais motivados (E12, E13).

Tal como referido por (E3) “o facto de termos sido chamados para auxiliar nos trabalhos em Moçambique⁵⁶ é fruto da imagem do bom trabalho que temos vindo a desenvolver”.

3.8. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 8

Vimos no capítulo 1 do presente RCFTIA, referido por Crowley, Saltelli, Christine & Hughes (2011) que o desenvolvimento de uma metodologia de treino e formação de equipas cinotécnicas a nível europeu tem estado na vanguarda das prioridades da *Frontex*. Tendo em conta esta afirmação e uma vez que “o cão foi a primeira ferramenta usada para realizar tarefas de guarda de fronteira” (*Frontex*, 2009), através da questão n.º 8, procurou-se apurar junto dos entrevistados quais as vantagens e desvantagens do emprego de binómios cinotécnicos no controlo e combate ao crime com dimensão transfronteiriça.

Como vantagens os entrevistados destacaram, de um modo geral, cinco grandes características. A primeira é a capacidade olfativa do cão, à semelhança do referido por (Bird, 1996; Brito, 2011; Fergusson, 2015), à exceção de (E5, E14), todos os entrevistados fizeram alusão à importância e mais-valia desta capacidade dos cães, tendo referido que “permitem chegar mais rapidamente à fonte de odor e localizar migrantes irregulares, em cenários complexos onde o olho humano não alcança” (E2) porque há “locais que não conseguimos abrir ou ter acesso e, havendo libertação de odor, o cão consegue detetar” (E13). Existem situações “em que se não se fizesse uso do cão, seria impossível detetar a pessoa” (E12) e, como refere (E6), “se não fossem eles não tínhamos nem metade dos resultados que chegamos a ter” e isso deve-se ao facto de “um cão com um elevado nível de formação *Frontex* ser quase infalível em encontrar pessoas ou substâncias” (E19).

⁵⁶ Na sequência do ciclone “Idai”, que se abateu sobre Moçambique, no começo da noite do dia 14 de março de 2019, a GNR projetou para Moçambique binómios de busca e socorro para apoiar as operações de socorro.

Em segundo lugar, destaca-se o efeito dissuasor, onde “em muitas situações basta a sua presença para provocar no adversário comportamentos suspeitos” (E1) ou “impedir que manifestem ou adotem qualquer tipo de comportamento ilícito” (E12). Para além do efeito dissuasor, (E8, E17) referem que, à semelhança de Handy, Harrington & Pittman (1961), conferem confiança ao militar e, se necessário, proteção ao tratador e ao resto da equipa.

Em terceiro lugar, os entrevistados (E1, E2, E3, E8, E20), referem que o cão, para além de “multiplicar a eficácia das operações, poupar tempo e acrescentar capacidades táticas” (E20), permite poupar recursos humanos e financeiros. Humanos porque “o cão substitui vários operadores” (E2) e é muito mais eficaz (E1, E3, E8), e financeiro porque “é muito mais barato que a generalidade dos meios”.

Em quarto lugar, é mencionado por (E8, E16) que é um meio muito menos evasivo dado que “não é necessário, por exemplo desmontar um carro, traz-se o cão e o cão confirma” (E8) nem é necessário “utilizar aparelhos de raio-x” (E16).

Por último é destacado por (E1, E11, E17), à semelhança de Fergusson (2015), que “ainda não existe nenhum meio tecnológico que consiga funcionar de forma tão eficaz como os cães” (E1) ou que “consiga corresponder às qualidades combinadas de uma equipa cinotécnica” (E17).

Por outro lado, ao nível das desvantagens destacam-se três pontos. O primeiro é que, ao projetar meios cinotécnicos para as fronteiras da UE, leva a que, a nível nacional haja uma redução de efetivos (E1, E4, E12, E15). O segundo prende-se com o ambiente das fronteiras que, como referem (E3, E11), não é o melhor pois, por vezes, o meio onde se desenvolve a missão poderá comprometer a saúde do animal e o seu bem-estar. Por último, “os cães são animais e não são capazes de trabalhar muitas horas seguidas, especialmente em dias de calor” (E16) em que “a frequência de trabalho é muito mais curta e o grau de eficácia reduz” (E13).

A “perspetiva esférica e a perceção lógica do tratador combinada com os sentidos aguçados do cão, unidos de maneira única, criam uma ferramenta insubstituível” (E17) manifestando-se, como referimos no ponto 1.4.1.⁵⁷, uma “forte ferramenta no combate à criminalidade transfronteiriça, aumentando assim a eficácia global da vigilância das fronteiras” (*Frontex*, 2009, p. 13)

⁵⁷ 1.4.1. Utilização de binómios nas fronteiras da União Europeia.

A análise da presente questão foi sustentada pelos argumentos dos entrevistados presentes no quadro n.º 12 do apêndice I.

3.9. Apresentação, análise e discussão da questão n.º 9

A análise que se segue fundamenta-se nos argumentos utilizados pelo grupo de entrevistados, presentes no quadro n.º 13, constante no apêndice I.

O objetivo da questão n.º 9 foi o de perceber, com base na experiência dos entrevistados, qual era a opinião destes quanto à uniformização do treino e da formação das equipas cinotécnicas ao nível europeu.

É referido por ambos os grupos, um e dois, que a uniformização supramencionada é “muito importante” e “fundamental” e que se nota efetivamente muitas diferenças, para melhor, relativamente ao antecedente, quando não existia esta standardização.

Grande parte dos entrevistados refere que a vantagem deste sistema deve-se sobretudo ao facto de se falar a mesma linguagem e utilizar as mesmas técnicas e procedimentos. A mesma linguagem torna “a comunicação muito mais rápida e eficaz” (E3) uma vez que “trabalhamos com muitas pessoas diferentes de forças diferentes” (E8). Utilizar as mesmas técnicas e procedimentos “garante que em missões conjuntas, os objetivos, a terminologia, o modo de trabalho seja o mesmo e conseguimos efetivamente trabalhar conjuntamente”. Estes argumentos vão ao encontro do citado por (Schmitz, 2006; Jorry, 2007; Fergusson, 2015; Horii, 2015; Gaspar, 2018) no capítulo 1 do presente RCFTIA.

Outros como (E1, E2, E8, E11, E13, E14, E17, E20), referem que este processo fornece um grande grupo de equipas cinotécnicas disponíveis para serem projetadas nos setores das fronteiras, em qualquer lugar da Europa onde sejam necessários, não importando onde, quando e quais as circunstâncias (E17, E20) não tendo de existir uma preparação prévia (E14) o que confere uma grande segurança a quem decide empenhar os binómios (E2) permitindo obter maior sucesso na condução das operações (E1). Verificamos que este argumento vai ao encontro do referido por Horii (2015) no ponto 1.5.⁵⁸.

Existe, no entanto, uma ressalva destacada por (E1, E9) que se prende com o facto de o crime estar constantemente a evoluir, o “adversário vai adaptar-se, vão surgir novas drogas, novos explosivos, novas técnicas, o que levará a que sejam introduzidos

⁵⁸ 1.5. O impacto do projeto *Frontex* na área cinotécnica a nível global.

melhoramentos que terão de se refletir em todo o processo” (E1), ou seja “será necessário rever periodicamente a aplicabilidade dos *standards*” (E9).

Concluímos citando o referido por (E9) que à semelhança de (Marin, 2012; Branson, Cobb & McGreevy, 2012)⁵⁹ refere que “se cada vez mais os Estados-Membros tiverem capacidade de seguir os padrões da *Frontex* conseguiremos cada vez mais, aumentar a capacidade, habilidade, eficiência e eficácia da Agência *Frontex* no decorrer das suas operações”.

3.10. Verificação das Hipóteses de Investigação

Como referimos no capítulo 2, a metodologia utilizada no presente RCFTIA levou a que fossem elaboradas hipóteses de investigação que, como vimos, “devem ser passíveis de mensuração ou potencialmente mensuráveis” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 128) pelo que iremos proceder à sua verificação neste subcapítulo.

No que concerne à HI.1 – “Como a criminalidade nas fronteiras da UE tem aumentado gradualmente, então, verificou-se que se tinha de estabelecer normas de intervenção comuns, garantindo a harmonização europeia e a interoperabilidade nas atividades de fronteira”, podemos afirmar que, conjugando a informação recolhida no capítulo 1 e no decorrer das entrevistas analisadas no capítulo 3, esta hipótese se encontra parcialmente confirmada.

Confirmamos que o facto de a criminalidade se ter acentuado, nas fronteiras da UE, foi um dos impulsionadores para a adoção de indicadores comuns mas, não foi o único. Vimos que a construção de uma área de livre circulação de mercadorias, serviços, capitais e pessoas pela abolição das fronteiras que compõem a área de Schengen, foi um dos primeiros eventos que desencadeou a adoção de indicadores comuns.

Para além do supramencionado, os fluxos migratórios são hoje, identificados como um dos principais desafios enfrentados pela Europa em termos de segurança sendo, também, um dos fatores que levaram à adoção de indicadores comuns.

Verificamos que, a solução para combater a imigração ilegal e o crime transfronteiriço passa, efetivamente, por uma ação concertada a nível europeu através da definição de um tronco comum para a formação dos guardas de fronteira, materializado na criação do CCC, através da consolidação da regulamentação europeia em matéria de

⁵⁹ Consultar ponto 1.5. O impacto do projeto *Frontex* na área cinotécnica a nível global.

fronteiras e pela harmonização dos métodos de trabalho que são sobretudo importantes, como vimos, em operações conjuntas garantindo desta forma a harmonização europeia e a interoperabilidade nas atividades de fronteira.

Relativamente à HI.2 - “Por existir um elevado número, diversificado, de equipas cinotécnicas no controlo das fronteiras, verificou-se a necessidade de criar um Currículo Comum de treino e maneo dos binómios cinotécnicos, a nível europeu”, esta encontra-se parcialmente confirmada uma vez que, não foi apenas o elevado número de equipas cinotécnicas, diversificadas, que desempenham tarefas de guarda de fronteira que levou à criação do CCC.

No capítulo 1 e 3, verificámos que a criação do CCC para a área cinotécnica foi motivado, para além do referido no parágrafo anterior, pelo facto de existirem diferenças culturais muito acentuadas no interior da UE relativamente à forma como os cães são treinados, bem como, na forma como é feito o seu emprego operacional uma vez que existem diferentes legislações, estruturas, procedimentos e entendimentos no que ao treino das equipas cinotécnicas diz respeito a nível Europeu.

A qualidade técnica e as garantias que as equipas cinotécnicas garantem no controlo das fronteiras da UE levam a que, estas equipas, sejam constantemente solicitadas nos controlos fronteiriços para participar em missões conjuntas com equipas de outros Estados-Membros, sendo necessário existir uma harmonização de procedimentos.

Estes fatores levaram a que a harmonização fosse considerada pelos Estados-Membros da UE, como um primeiro passo para garantir uma cooperação mais eficiente entre todos os agentes que utilizam cães em operações da *Frontex*. Não existindo esta harmonização, teve de ser criada através do CCC.

Por último, no que diz respeito à HI.3 – “Por se verificar um elevado fluxo de pessoas a circular diariamente nas fronteiras da UE, então, surgiu a necessidade de empenhar equipas cinotécnicas com a finalidade de detetar e evitar a prática de determinados ilícitos, como é exemplo o tráfico de pessoas ou droga”, consideramos que esta hipótese foi verificada.

Como vimos, o cão, é dotado de um conjunto de características que lhe são únicas, tais como a capacidade olfativa, a capacidade de dissuasão, ser uma ferramenta menos evasiva, ser muito eficaz, entre outras, que, combinadas com as capacidades do seu tratador, criam uma ferramenta extremamente eficaz no controlo e combate à migração ilegal e ao crime com dimensão transfronteiriça desempenhando um papel preponderante no controlo e garantia da segurança nas fronteiras da UE.

3.11. Resposta às Questões Derivadas

Após verificadas as HI responde-se, de seguida, às QD levantadas no início da investigação com o propósito de obter informações suficientes para fundamentar a resposta à QC e delimitar a investigação. As respostas às QD fundamentam-se nos elementos reunidos no capítulo 1 e no capítulo 3.

Relativamente à QD.1 – “Qual a importância da padronização da formação dos guardas de fronteiras?”, poderemos afirmar que esta padronização, harmonização ou estandardização, tem representado uma mais-valia a todos os níveis, quer no âmbito da melhoria da competência técnica de cada guarda de fronteira individualmente quer ao nível do coletivo, favorecendo a cooperação e interoperabilidade no decorrer de operações conjuntas.

Como vimos, para que fosse possível padronizar a formação e as metodologias de trabalho de todos os guardas de fronteira, houve um grande esforço por parte dos Estados-Membros em reunir o maior e mais qualificado grupo de especialistas à sua disposição. Este esforço levou a que fosse criado o currículo comum que representa o que de melhor, este grupo de especialistas, soube promover e sistematizar pelo que, a sua implementação, levará a que a competência técnica e tática de todos os guardas de fronteira, para além de uniforme, seja da mais alta qualidade possível.

Não só aumenta a qualidade técnica e tática mas também melhora a qualidade do serviço prestado a todos os cidadãos garantindo que sempre que atravessam as fronteiras externas da UE, estes cidadãos se confrontem com um sistema uniforme no controlo destas mesmas fronteiras.

Os benefícios da padronização têm-se vindo a tornar cada vez mais óbvios. Se cada vez mais os Estados-Membros tiverem a capacidade de seguir os padrões da *Frontex*, estaremos a trabalhar para que, cada vez mais, se aumente a capacidade, habilidade, eficiência e eficácia da Agência *Frontex* no decorrer das suas operações.

Quanto à QD.2 – “O que motivou a elaboração de um Currículo Comum de treino e maneo dos meios cinotécnicos no âmbito da *Frontex*?”, como vimos aquando da verificação da HI.2, a elaboração do CCC foi motivado por diversos fatores. Por um lado, as entidades responsáveis pela área cinotécnica dos diferentes Estados-Membros reconheceram que a adoção de uma mesma metodologia, a nível europeu, de treino, formação e emprego operacional das equipas cinotécnicas que desempenham missões no âmbito da *Frontex* nas

fronteiras da UE seria fundamental para promover, facilitar e melhorar a cooperação entre estas equipas e melhorar a qualidade do serviço prestado.

Por outro lado, o facto de existir um elevado número de equipas cinotécnicas de diferentes países a operar num mesmo local, utilizando um conjunto de procedimentos diferentes para uma mesma situação levou a que, a necessidade de elaborar uma ferramenta como o CCC, estivesse na vanguarda das prioridades da Agência, como vimos, desde 2007.

Por último, no que respeita à QD.3 - Qual o contributo da Guarda no geral e do GIC em particular, no combate à criminalidade grave com dimensão transfronteiriça na União?”, consideramos que o contributo tem sido bastante significativo, atendendo ao desenvolvido no subcapítulo 1.6., ao analisado no subcapítulo 3.6. e 3.7. e aos resultados operacionais que constam no quadro n.º 7 do apêndice H e no quadro n.º 14 do Anexo A.

De um modo geral, a Guarda, tem participado ativamente no combate à criminalidade grave com dimensão transfronteiriça na UE através do empenhamento de militares na componente terrestre e marítima, por intermédio da UCC disponibilizando meios marítimos com vista a efetuar ações de vigilância e fiscalização nas fronteiras marítimas, e por intermédio do GIC através do emprego de binómios cinotécnicos nas fronteiras da União.

Do ponto de vista particular, ou seja, ao que ao GIC diz respeito, a Guarda, tem participado em diversas reuniões, ações de formação, seminários e *workshops* no âmbito da *Frontex*. Participa, desde 2006, nas atividades promovidas pela Agência na elaboração dos *standards* do CCC na área cinotécnica e desde o ano 2007, tem projetado binómios cinotécnicos para as fronteiras da UE.

Como referimos no subcapítulo 1.6., as equipas cinotécnicas do GIC, têm sido solicitadas e têm participado anualmente nas diferentes operações conjuntas da *Frontex* em países como a Espanha, Grécia, Hungria, Roménia, Bulgária, entre outros, tendo até ao momento, segundo os dados fornecidos pelo GIC, impedido que cerca de 2000 migrantes tenham entrado ilegalmente, escondidos em veículos e contentores, nas fronteiras da UE.

Desta forma, podemos afirmar que a Guarda no geral e o GIC em particular, tem desempenhado um papel preponderante no desempenho de tarefas de vigilância e patrulhamento das fronteiras, terrestre e marítima, da UE, garantido desta forma, o controlo e a fluidez do fluxo de veículos e pessoas, acautelando a migração ilegal e combatendo a criminalidade grave com dimensão transfronteiriça na União.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A presente secção representa o término deste RCFTIA, referente ao estudo da implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu. Após a finalização do enquadramento conceitual do capítulo 1, a apresentação da metodologia, métodos e matérias utilizados no decorrer da investigação, após apresentados, analisados e discutidos os resultados obtidos através da realização das entrevistas e após a verificação das hipóteses de investigação e ter sido dada resposta às questões derivadas, encontramos, desta forma, no culminar da investigação.

Seguidamente apresentamos as dificuldades e limitações que surgiram no decorrer da investigação, tecemos algumas recomendações para futuras investigações bem como serão enfatizados os principais aspetos abordados no decorrer da presente investigação e, por fim, damos resposta à questão central que orientou o esforço de pesquisa.

No decorrer do desenvolvimento da presente investigação surgiram algumas dificuldades e limitações. Uma das dificuldades sentidas prendeu-se com a realização das entrevistas, que por motivos de empenhamento operacional de alguns militares, não foi possível realizar a entrevista presencialmente e a mesma teve de ser realizada via correio eletrónico que, apesar de terem respondido na íntegra ao pretendido, julgamos que seria mais proveitoso se a mesma tivesse sido presencial. Como limitação destacamos o facto de existirem poucos estudos na área do treino e formação dos guardas de fronteira da EU, por ser um programa relativamente recente, sendo que, a maioria da informação foi consultada em documentos institucionais da Agência *Frontex*.

Como sugestão para futuras investigações, propomos que seja realizada uma investigação acerca do esforço desenvolvido pelo GIC na implementação dos *standards* da *Frontex*, de forma a compreender as mais-valias que a uniformização cinotécnica europeia trouxe para a Guarda no geral e para o GIC em particular.

No desenvolvimento do presente RCFTIA vimos que, nos dias de hoje, a UE tem assistido a um aumento significativo do número de migrantes e refugiados que procuram, diariamente entrar na UE, através das suas fronteiras externas. Grande parte destes migrantes e refugiados procuram passar dissimuladamente pelos controlos fronteiriços escondendo-se no interior de veículos, contentores, embarcações, entre outros. Vimos também que, associado à pressão dos fluxos migratórios estão outros fenómenos, como o terrorismo, a

proliferação de armas e a criminalidade organizada, que envolve tráfico de estupefacientes, seres humanos, migrantes clandestinos, entre outros.

A preocupação relativamente a esta realidade levou a que, o controlo dos fluxos migratórios fosse considerado, um assunto central naquilo que são as preocupações da política de segurança da Europa. Sendo os movimentos migratórios um dos principais desafios que a Europa enfrenta em termos de segurança considerou-se que a resposta deveria passar por uma ação concertada a nível europeu promovendo-se a cooperação entre os Estados-Membros. No seguimento do supramencionado, a UE criou uma série de medidas com vista a dar resposta a esta problemática.

Entre essas medidas, está a criação da Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia pelo Regulamento (CE) n.º 2007/2004, conhecida como Agência *Frontex* que, como vimos, com o alargamento das suas atribuições, em 2016, o nome foi alterado para Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira pelo Regulamento (CE) n.º 2016/1624, continuando a ser designada por *Frontex* e permanecendo a mesma pessoa coletiva, dando continuidade plena às suas atividades e procedimentos.

A Agência, segundo o regulamento acima referido, foi criada para assegurar uma gestão europeia integrada das fronteiras externas com vista a gerir de forma eficiente a passagem das fronteiras promovendo a cooperação entre os Estados-Membros da UE responsáveis pela vigilância das fronteiras externas.

Surgiu desde logo a necessidade de que os guardas de fronteira de cada Estado-Membro que atuam em operações conjuntas tivessem um padrão harmonizado de trabalho que, não existindo, teria de ser criado, com o intuito de promover a interoperabilidade e facilitar a cooperação. Por esta razão, aquando da constituição da *Frontex*, a formação foi incorporada na sua missão principal pelo que ficou estabelecido que teria de criar um tronco de formação comum para todos os guardas de fronteira.

Vimos no presente RCFTIA que a ideia da formação comum não partiu da Agência *Frontex*. A ideia já estava consagrada nas disposições de Schengen, no entanto, foi a Agência que, na prática, criou uma ferramenta de formação altamente coordenada e padronizada a nível europeu designada por currículo básico comum. Este currículo abrange uma ampla variedade de assuntos estruturantes que devem ser conhecidos e dominados por todos os guardas de fronteiras no geral.

Para além deste, referimos que existem áreas que, pelos excelentes resultados alcançados no controlo do fluxo de pessoas e no combate ao crime com dimensão

transfronteiriça, levou a *Frontex* a criar outras ferramentas de formação. Referimo-nos à área cinotécnica, caracterizada pelo uso de cães de serviço que conseguem ser extremamente eficazes quer pelo seu caráter dissuasor que, como vimos, conferem proteção ao seu tratador e aos restantes guardas de fronteira, quer na deteção de pessoas escondidas, estupefacientes, explosivos, tabaco ou qualquer outro tipo de odor para o qual estejam treinados a detetar. Pela eficácia demonstrada por estas equipas, o desenvolvimento de uma ferramenta de treino e formação comum para binómios cinotécnicos a nível europeu tem estado na vanguarda das prioridades da Agência *Frontex* sendo uma das primeiras áreas para a qual consolidou os procedimentos, certificação e treino a nível europeu.

A ferramenta designa-se por “currículo comum para tratadores cinotécnicos” e, foi criada com o objetivo de standardizar e padronizar a formação, os métodos, as técnicas e os procedimentos, das equipas cinotécnicas destacadas em operações conjuntas nas fronteiras da UE. Esta ferramenta tem sido amplamente aceite e reconhecida pelos Estados-Membros que, cada vez mais, têm aderido e procurado implementar os *standards* definidos pela *Frontex* na sua própria formação de âmbito nacional. Um exemplo do referido anteriormente, é o caso do GIC da GNR que foi um dos primeiros núcleos cinotécnicos a aderir e a implementar a matriz da *Frontex* na sua formação nacional.

Para além do mencionado anteriormente, os binómios da Guarda têm participado em inúmeras reuniões, ações de formação e *workshops* e, têm ainda projetado equipas cinotécnica para teatros internacionais tendo, até ao momento, obtido resultados muito positivos contribuindo assim, para a prevenção e combate ao crime com dimensão transfronteiriça e no apoio às autoridades locais na deteção desses mesmos crimes.

A presente investigação permitiu-nos recolher um conjunto de informação suficiente para dar resposta à QC definida no início da mesma: “De que forma, a implementação de programas de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, contribui para desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia?”.

Consideramos que a implementação de programas de treino e formação comuns permitiram melhorar a qualidade e a competência técnica das equipas cinotécnicas da UE. A partilha de informação, a troca de experiências, a confrontação com realidades totalmente diferentes, o nível de exigência dos padrões estabelecidos pela equipa de peritos que criou o CCC e a necessidade de se adaptarem a um sistema diferente, levou a que os membros destas equipas tivessem que sair da sua zona de conforto o que, segundo o que pudemos apurar junto dos entrevistados bem como na opinião de diversos autores, tem-se manifestado uma

mais-valia e tem dado resultados comprovados desta melhoria, naquilo que são os resultados alcançados no decorrer das operações.

A standardização de procedimentos permitiu acabar com as diferenças culturais entre os Estados-Membros relativamente ao treino de cães, garantindo que no decorrer de operações conjuntas, os guardas de fronteira trabalhem efetivamente juntos e de forma mais eficiente uma vez que possuem a mesma linguagem técnica e os mesmos objetivos.

O treino e a formação conjunta ministrada às equipas cinotécnicas da UE não serve apenas para aumentar e potenciar as suas habilidades técnicas e táticas e para facilitar a cooperação e interoperabilidade. O facto de terem formação conjunta e utilizarem os mesmos materiais e a mesma linguagem produz uma série de outros efeitos que, não estão contemplados no CCC mas foram destacados ao longo deste RCFTIA.

Por um lado promoveu a socialização, isto é, permitiu aos membros das equipas partilhar e debater uma série de questões entre si. Esta socialização levou ainda a que os membros destas equipas passassem a considerar a fronteira de outros Estados-Membros como sendo um problema também da sua responsabilidade levando a que o empenhamento durante as operações fosse superior.

Por outro lado promoveu a profissionalização, ou seja, permitiu alargar o espectro de binómios cinotécnicos certificados segundo os *standards* definidos pela *Frontex*. Esta profissionalização garante à Agência, a certeza relativamente à qualidade técnica dos binómios que estiverem certificados porque, os padrões são elevados e portanto, o nível de qualidade e de eficácia será, consequentemente, elevado.

Concluimos que, ao implementar a nível europeu, um sistema de treino e de formação comum estamos a partilhar valores comuns o que permitirá que possamos empregar equipas cinotécnicas de qualquer país em qualquer lugar da Europa onde sejam necessárias não importando onde, quando e quais as circunstâncias. O nível de aplicação das normas comuns de formação bem como o grau de participação na formação conjunta, como vimos, foi aplicado de forma fragmentada por diferentes Estados-Membros mas, neste momento, a padronização dos cinotécnicos europeus é já bastante elevado. Com a adesão cada vez maior por parte dos Estados-Membros aos padrões da *Frontex* conseguiremos aumentar as capacidades, habilidades, eficiência e eficácia no decorrer das operações permitindo desta forma desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da UE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia Militar. (2016). *Normas para a redação de trabalhos de investigação: NEP 522/I.ª*. Lisboa: Academia Militar.
- Angelescu, I. & Trauner, F. (2018). 10,000 border guards for Frontex: Why the EU risks conflated expectations. Bruxelas, Bélgica: European Policy Centre. Acedido a 14 de março de 2018, em http://www.epc.eu/documents/uploads/pub_8745_frontex.pdf?doc_id=2048
- Araujo, Â. & Brito, G. (2015). *Manual de apoio ao curso europeu para tratadores cinotécnicos Frontex*. Lisboa.
- Barañano, A. M. (2004). *Métodos e técnicas de investigação em gestão*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Bird, R. (1996). An Examination of the Training and Reliability of the Narcotics Detection Dog. 85, 4, 405-433. Boston: Kentucky Law Journal. Acedido a 25 de março de 2019, em <https://uknowledge.uky.edu/klj/vol85/iss2/4>
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de investigacion educativa: Guia práctica*. Barcelona: Ediciones CEAC.
- Branson, N., Cobb, M., & McGreevy, P. (2012). Australian Working Dog Industry Action Plan. Austrália: Australian Animal Welfare Strategy Nation Workshop. Acedido a 01 de abril de 2019, em https://www.researchgate.net/publication/232041718_Australian_Working_Dog_Industry_Action_Plan_2012
- Brito, G. J. (2011). Binómios de Detecção de Odores: Multiplicidade de Valências. *Pela Lei e Pela Grei*. 39-45.
- Bruycker, P. (2016). The Refugee Crisis and European Integration. *The European Border and Coast Guard: A New Model Built on an Old Logic*, 1, 2, 559-569. Bruxelas: European Papers. doi:10.15166/2499-8249/53
- Bryson, S. & Christensen, S. (2000). The role of police dogs as companions and working partners. 190-202. Califórnia: Psychological Reports. doi:10.2466/PR0.86.1.190-202
- Collinson, S. (1993). *Beyond borders: West European migration policy towards the 21st century*. Londres: Royal Institute of International Affairs.

- Comissão Europeia. (2004). Jornal Oficial da União Europeia. *Regulamento (CE) N.º 2007/2004 do Conselho de 26 de Outubro de 2004*. Luxemburgo. Acedido a 13 de março de 2019, em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32004R2007&from=PT>
- Conselho. (2000). Jornal Oficial das Comunidades Europeias. *Acervo de schengen. Convenção de aplicação do acordo de Schengen de 14 de Junho de 1985*. Acedido a 18 de março de 2019, em http://www.refugiados.net/cidadevirtual/legislacao/leis/conv_schengen_decis_com_exec.pdf
- Conselho da União Europeia. (2002). Conclusões da presidência do conselho europeu de Sevilha 21 e 22 de junho de 2002. Bruxelas. Acedido a 9 de março de 2019, em http://europa.eu/rapid/press-release_DOC-02-13_pt.htm
- Conselho da União Europeia. (2004). Regulamento (CE) n.º 2007/2004 do Conselho que cria uma Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia. 1-11. Jornal Oficial da União Europeia. Acedido a 12 de março de 2019, em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=celex%3A32004R2007>
- Conselho da União Europeia. (2016). Regulamento (UE) 2016/1624 do Parlamento Europeu e do Conselho relativo à Guarda Europeia de Fronteiras e Costeira. 1-76. Jornal Oficial da União Europeia. Acedido a 7 de março de 2019, em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/ALL/?uri=CELEX%3A32016R1624>
- Conselho de Ministros. (2017). Resolução do Conselho de Ministros n.º 104/2017: Estratégia Nacional de Gestão Integrada de Fronteiras. *Diário da República n.º 136/2017, Série I de 2017-07-17*, 3760-3789.
- Conselho Europeu [CE]. (2010). Programa de Estocolmo: Uma Europa aberta e segura que sirva e proteja os cidadãos. Jornal Oficial da União Europeia. Acedido a 20 de março de 2019, em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM%3Ajl0034>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências Sociais e humanas: Teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Crowley, D., Saltelli, A., Christine, C., & Hughes, D. (2011). Progress towards the common european objectives in education and training. Commission of the european communities. Acedido a 19 de fevereiro de 2019, em www.eqavet.eu/Eqavet2017/media/Policy-Documents/European-Commission-s-

- [report-on-progress-towards-common-European-objectives-in-education-and-training.pdf](#)
- Cunha, A. (2012). O Tratado de Maastricht: A Europa e Portugal em Mudança. *Debater Europa*, 6, 24-40. Imprensa da Universidade de Coimbra. doi:10.14195/1647-6336
- Eden. (1989). K9 & SWAT Applications. K9 Academy for Law Enforcement For Police and Security. Acedido a 30 de março de 2019, em <http://www.policek9.com/html/k9swat.html>
- Fergusson, J. (2015). Twelve Seconds to Decide. France: Imprensa Ewa Jakubowska-Gordon. doi:10.2819/40814
- FRA. (2013). EU solidarity and Frontex: fundamental rights challenges. Luxemburgo: Publications Office of the European Union. doi:10.2811/39553
- Frontex. (2009). Common standards for service dog handling. (P. Office, Ed.) Varsóvia, Polónia. doi:10.2819/16251
- Frontex. (2012). Common Core Curriculum for EUBG dog handlers. Varsóvia, Polónia: Publication Office. doi:10.2819/26475
- Frontex. (2013). Common Core Curriculum for EUBG Canine Team Team Instructors. Varsóvia, Polónia: Publications Office. doi:10.2819/3227
- Frontex. (2015). Frontex at a Glance. Varsóvia, Polónia. doi:10.2819/35828
- Frontex. (2015a). European Joint Masters in Strategic Border Management. pp. 1 - 52. doi:10.2819/970672
- Frontex. (2015b). Manual de apoio ao curso europeu para tratadores cinotécnicos . Varsóvia, Polónia: Publications Office.
- Frontex. (2016). Management Board Decision 38/2016 of 23 november 2016: Profiles of border guards and other relevant staff to be made available to the European Border and Coast Guard Team. Varsóvia, Polónia. Acedido a 23 de março de 2019, em <https://polisen.se/contentassets/ce37f1910a674fe98a8cdefc73b50f3a/mb-decision-38-2016-ebcgt-profiles.pdf>
- Frontex. (2017). Risk Analysis for 2017. Varsóvia, Polónia. doi:10.2819/250349
- Frontex. (2017a). European Course for Canine Team Instructors in the field of product scent detection. Varsóvia, Polónia: Frontex Training Unit.
- Frontex. (2018). Risk Analysis for 2019. Varsóvia, Polónia. doi:10.2819/86682
- Frontex. (2018a). European course for Frontex canine team instructors in the field of general use. *Trainers handbook*. Varsóvia, Polónia. doi:10.2819/433034

- Gaspar, G. M. (2018). Estruturas Europeias de Segurança: Estruturas federais e o grupo Trevi. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido a 17 de março de 2019, em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2010). Plano de Atividades 2010. Lisboa, Portugal. Acedido a 3 de abril de 2019, em http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2010/PA_20JAN2010.pdf
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2011). Plano de Atividades 2011. Lisboa, Portugal. Acedido a 3 de abril de 2019, em http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2011/RelatorioActividades_GNR_%202011.pdf
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2012). Plano de Atividades 2012. Lisboa, Portugal. Acedido a 3 de abril de 2019, em <http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2012/PlanoActividades2012.pdf>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2013). Plano de Atividades 2013. Lisboa, Portugal. Acedido a 4 de abril de 2019, em <http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2013/PAGNR2013.pdf>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2014). Plano de Atividades 2014. Lisboa, Portugal. Acedido a 4 de abril de 2019, em <http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2014/RelatorioActividadesGNR2014.pdf>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2015). Plano de Atividades 2015. Lisboa, Portugal. Acedido a 4 de abril de 2019, em <http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2015/PAGNR2015.pdf>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2016). Plano de Atividades 2016. Lisboa, Portugal. Acedido a 4 de abril de 2019, em <http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2016/PAGNR2016.pdf>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2017). Plano de Atividades 2017. Lisboa, Portugal. Acedido a 4 de abril de 2019, em <http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2017/PA2017.pdf>
- Guarda Nacional Republicana [GNR]. (2018). Plano de Atividades. Lisboa, Portugal. Acedido a 05 de abril de 2019, em http://www.gnr.pt/InstrumentosGestao/2018/PA_GNR_2018.pdf
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso* (1º ed.). São João do Estoril, Portugal: Princípia.

- Handy, W., Harrington, M., & Pittman, D. (1961). The K-9 Corps: The Use of Dogs in Police Work. 52, 328-337. *Journal of Criminal Law and Criminology*. Acedido a 25 de março de 2019, em <https://scholarlycommons.law.northwestern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5041&context=jclc>
- Hermenegildo, R. S. (2017). A "Segurança Interna" da União Europeia: O Caso da Guarda Costeira e de Fronteiras. Em *Proelium Série VII N.º14* (pp. 147-182). Lisboa: Academia Militar.
- Hirsh, W. (2007). Career development in employing organisations: practices and challenges from a UK perspective. Brighton: Institute for Employment Studies. Acedido a 03 de 29 de 2019, em <https://www.employment-studies.co.uk/system/files/resources/files/hrp1.pdf>
- Horii, S. (2013). It is about more than just training: The effect of Frontex Border Guard Training. 31, 4, 158-177. *Sussex: Refugee Survey Quarterly*. doi:10.1093/rsq/hds015
- Horii, S. (2015). Frontex and the Evolution of Cooperation on European Border Controls. Falmer, Reino Unido: University of Sussex. Acedido a 11 de março de 2019, em <http://sro.sussex.ac.uk/>
- Jamieson, T., Murray, P. J., & Baxter, G. (2017). Identifying suitable detection dogs. Australia: Applied Animal Behaviour Science. doi:10.1016/2017.06.01
- Jorry, H. (2007). Construction of a European Institutional Model for Managing Operational Cooperation at the EU's External Borders: Is the FRONTEX Agency a decisive step forward? doi:10.1.1.456.9506
- Ketele, J. M., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Laureano, A., & Rento, A. (2014). Perspectivas do "espaço Schengen" do continente europeu: Liberdade, segurança, ambas ou nenhuma? *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, 3, 6. (204-227, Ed.) Acedido a 16 de março de 2019, em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78588/2/100694.pdf>
- Leggeri, F. (2018). 2018 in Brief. Varsóvia, Polónia: Publications Office. doi:10.2819/082616
- Léonard, S. (2007). The Securitization of Asylum and Migration in the European Union: Beyond the Copenhagen School's Framework. University of Salford. Acedido a 14 de março de 2019, em

- <https://pdfs.semanticscholar.org/b53e/9bee6d2ad4d668f328331181b9a7559b0dfb.pdf>
- Léonard, S. (2010). EU border security and migration into the European Union: FRONTEX and securitisation through practices. *European Security*, 19, 2, 231-254. doi:10.1080/09662839.2010.526937
- Léonard, S. (9 de Fevereiro de 2011). FRONTEX and the Securitization of Migrants through Practices. Florence: European University Institute. Acedido a 13 de Março de 2019, em <http://briguglio.asgi.it/immigrazione-e-asilo/2011/febbraio/art-leonard-frontex.pdf>
- Lima, Bernabè, Bubbico, Leonardo, & Weiss . (Março de 2016). *Migration and the EU: Challenges, opportunities, the role of EIB*. Acedido a 23 de fevereiro de 2019, em https://www.eib.org/attachments/migration_and_the_eu_en.pdf
- Lowy, A., & McAlhany, P. (2000). Human Remains Detection with Cadaver Dogs: The latest Police Canine Detector Specialty. Flórida, Estados Unidos: Crime Scene Resources. Acedido a 25 de março de 2019, em <https://www.crime-scene-investigator.net/cadaverdogs.html>
- Lutterbeck, D. (2004). *Between Police and Military. The New Security Agenda and the Rise of Gendarmeries*, 39, 45-68. (J. o. Association, Ed.) doi:10.1177/0010836704040832
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodoloia Científica*. São Paulo: Atlas S.A.
- Marenin, O. (2010). Challenges for Integrated Border Management in the European Union. Geneva: Geneva Centre for the Democratic Control of Armed Forces (DCAF). Acedido a 27 de março de 2019, em https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/OP17_Marenin.pdf
- Marin, L. (2011). Policing the EU's External Borders: A Challenge for the Rule of Law and Fundamental Rights in the Area of Freedom, Security and Justice? An Analysis of Frontex Joint Operations at the Southern Maritime Border. 7, 4, 468-487. *Journal of Contemporary European Research*. Acedido a 02 de abril de 2019, em <http://www.jcer.net/ojs/index.php/jcer/article/view/379/305>
- Neal, A. (2009). *Securitization and Risk at the EU Border: The Origins of FRONTEX* (2 ed., Vol. 47). (B. P. Ltd, Ed.) Malden.
- Organização Internacional para as Migrações. (2009). *Glossário sobre migração*. Genebra, Suíça: Organização Internacional para as Migrações (OIM).

- Organization for Security and Cooperation in Europe [OSCE]. (2010). OSCE Border Security and Management National Focal Point Network Newsletter. pp. 1 - 4.
- Parlamento Europeu e Conselho. (2016). Regulamento (UE) 2016/1624 do Parlamento Europeu e do Conselho de 14 de setembro de 2016 relativo à Guarda Europeia de Fronteiras e Costeira. Acedido a 13 de março de 2019, em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=celex%3A32016R1624>
- Parlamento Europeu e Conselho. (2016a). Parlamento (UE) 2016/399 do Parlamento Europeu e Conselho de 9 de março de 2016 que estabelece o código da União relativo ao regime de passagem de pessoas nas fronteiras (Código das Fronteiras Schengen). Acedido a 13 de março de 2019, em <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A32016R0399>
- Pinto, M. C. (2011). A Cinotecnia da GNR na União Europeia: Doutrina, Formação e Emprego Operacional. *Pela Lei e Pela Grei*, 26-59.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- s/a. (2017). A Guarda Nacional Republicana na Frontex. *Pela Lei e Pela Grei*, 40-45.
- s/a. (2018). A Guarda Nacional Republicana na Frontex. *vanGuarda*, 2-8.
- Salvador, Â. D. (1980). *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: Elaboração de trabalhos científicos*. Porto Alegre: Sulina.
- Schmitz, P. E. (2006). Conferring executive powers on Border Officers Operating at the External borders. Bruxelas: Unisys Belgium. Acedido a 21 de março de 2019, em https://ec.europa.eu/homeaffairs/sites/homeaffairs/files/elibrary/documents/policies/bordersandvisas/schengen/docs/study_on_conferring_of_executive_powers_04_2006_en.f
- Solana, J. (2009). Uma europa segura num mundo melhor. *Estratégia europeia em matéria de segurança*. (S. d. Europeia, Ed.) Luxemburgo. doi:10.2860/16255
- Tempier, L. (2016). New edition of the Harmonized System. Bruxelas, Bélgica: World Customs Organization. Acedido a 02 de abril de 2019, em http://www.wcoomd.org/media/wco/public/global/pdf/media/wco-news-magazines/wco_news_81.pdf
- União Europeia [UE]. (1992). Tratado da União Europeia. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias. Acedido a 13 de março de 2019, em https://europa.eu/european-union/sites/europaeu/files/docs/body/treaty_on_european_union_pt.pdf

- União Europeia [UE]. (2010). Estratégia de segurança interna da União Europeia. *Rumo a um modelo europeu de segurança*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia. doi:10.2860/91465
- União Europeia [UE]. (2014). Migração e asilo. Luxemburgo. doi:10.2775/67496
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Wolf, S., & Schout, A. (2012). Fronte as agency: More of the same? *The Governance of Asylum and Migration in the European*. Reino Unido: University of Salford. Acedido a 27 de março de 2019, em https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/20120126_frontex_final_schout_wolff.pdf

APÊNDICES

APÊNDICE A - MODELO DE ANÁLISE DA INVESTIGAÇÃO

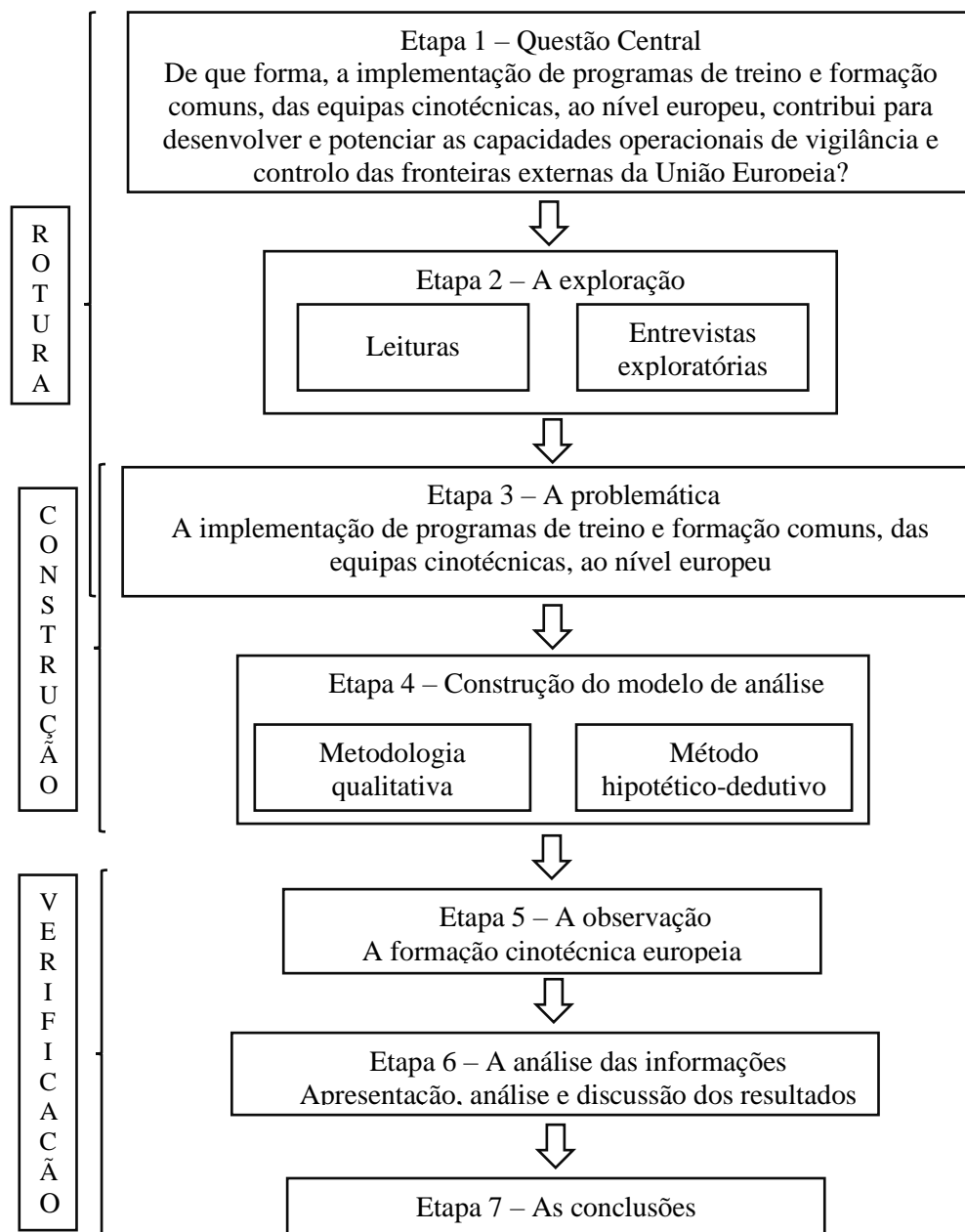


Figura n.º 3 – Modelo de análise da investigação

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO ENDEREÇADA AO GRUPO UM



ACADEMIA MILITAR

A implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu

Autor: Aspirante de Infantaria da GNR Fábio Georges Manso Zuada

Orientador: Major de Infantaria da GNR Reinaldo Saraiva Hermenegildo (Doutor)

Coorientador: Capitão de Infantaria da GNR Gonçalo João Mendes de Brito

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Segurança

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2019

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Excelentíssimo Senhor,

No âmbito do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Segurança, lecionado na Academia Militar, os alunos elaboram o Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada que tem como objetivo geral a aplicação de competências adquiridas e o desenvolvimento de capacidades, em contexto de investigação, nos domínios da segurança e defesa e a comunicação das suas conclusões.

A presente investigação está subordinada ao tema “A implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu”.

A mesma tem como finalidade perceber de que forma a implementação de programas e metodologias de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, do qual o Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR faz parte, contribui como uma ferramenta de apoio aos Estados-Membros da *Frontex* no sentido de desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia.

De forma de recolher informação, relativamente ao tema investigado, e de enriquecer e valorizar o estudo, surgiu a necessidade de realizar diversas entrevistas, atendendo à experiência e ao conhecimento das diversas entidades a que a mesma é dirigida.

Face ao supramencionado, venho por este meio solicitar a V. Ex.^a que me conceda uma entrevista subordinada ao tema em questão, uma vez que o seu contributo será preponderante para que se alcancem os objetivos propostos na investigação em curso.

Grato pela sua atenção e disponibilidade

Atenciosamente,

Fábio Georges Manso Zuada
Aspirante de Infantaria da GNR

APÊNDICE C - GUIÃO DE ENTREVISTA DO GRUPO UM

Quadro n.º 3 - Guião de entrevista

Guião de Entrevista
<p align="center">“A implementação de programas de treino e formação comuns das equipas cinotécnicas a nível europeu”</p>
<p>1 - Caracterização dos entrevistados</p> <p>Identificação do entrevistado: _____.</p> <p>Cargo/Posto: _____.</p> <p>Função: _____.</p> <p>Unidade/Local: _____.</p> <p>Hora de Inicio: ____ H ____.</p> <p>Duração: ____ H ____.</p> <p>Data: ____/____/____.</p>
<p>2 – Enquadramento do trabalho</p> <p>O tema escolhido está relacionado com a implementação de programas de treino e formação comuns, também conhecidos por, <i>educational standards</i>, para o treino e maneo dos meios cinotécnicos a nível europeu.</p> <p>Presencia-se, nos dias que correm, inúmeros problemas ao nível das fronteiras externas da União Europeia, derivados da imigração ilegal e dos crimes transfronteiriços que ocorrem com bastante frequência, pelo que, a resposta deve passar por melhorar e aperfeiçoar o profissionalismo, a eficiência e a eficácia de todos os guardas de fronteiras. Para que se atinja esse nível de profissionalismo e dado que atuam forças de diferentes países na proteção destas mesmas fronteiras, a criação de uma metodologia de trabalho comum é muito importante. Com refere (Gjoncaj, 2013), os fluxos migratórios constituem uma ameaça significativa, que deve ser anulada através da colaboração conjunta e do uso adequado dos meios de vigilância. Derivado deste e de muitos outros fatores, a presente investigação adquire uma importância relevante para que se possa perceber o contributo da aplicação de treino e formação comum aos agentes da Agência europeia, <i>Frontex</i>.</p>

No âmbito desta Agência europeia, a Guarda tem vindo a consolidar a sua atuação no quadro das respetivas operações, participando nas componentes operacionais terrestre e marítima. Além disso, tem participado em diversas reuniões, ações de formação, seminários e *workshops*, com o intuito de criar doutrina e promover métodos e planos de formação comuns ao nível da cinotécnica.

Os padrões educacionais são pedras angulares na construção de competências harmonizadas dentro da educação e treino dos guardas de fronteira, pois promovem os princípios de garantia de qualidade para o desenvolvimento e reconhecimento de aprendizagem a nível nacional e europeu.

A presente investigação irá cingir-se à importância da implementação dos *educational standards* da *Frontex*, na uniformização de procedimentos ao nível do treino e manuseio dos meios cinotécnicos das equipas cinotécnicas europeias bem como, perceber de que forma os mesmos contribuem como ferramenta de apoio aos Estados-Membros da *Frontex* no sentido de desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia.

3 – Entrevista

O resultado da presente entrevista reveste-se de particular importância por ser um contributo essencial para que se possam alcançar os objetivos da investigação. Por sua vez, torna-se fundamental que as respostas às perguntas sejam tão completas quanto possível.

As suas respostas servirão somente como objeto de estudo para a realização da presente investigação pelo que, se assim o entender, serão classificadas.

1. Que formação na área cinotécnica obteve até ao momento na GNR?
2. Que formação cinotécnica, no âmbito da *Frontex* obteve até ao momento?
3. Qual é, na sua opinião, a importância de os militares do Grupo de Intervenção Cinotécnico adquirirem formação segundo os padrões de treino estabelecidos pela *Frontex* para a área cinotécnica?
4. Quais são as principais dificuldades sentidas na implementação dos *standards* da *Frontex* na área cinotécnica?
5. Na sua opinião o que trouxe de novo a implementação dos referidos *standards* na formação dos militares do GIC?

6. Na sua perspectiva qual é a imagem da GNR / GIC no seio da *Frontex*?
7. Que vantagens representam para a Guarda a participação dos binómios do GIC tanto nas ações de formação da *Frontex* como no empenho dos mesmos no controlo das fronteiras externas da União Europeia?
8. Na sua perspectiva, quais são as vantagens do emprego dos binómios cinotécnicos no controlo do fluxo de pessoas e contrabando nas fronteiras da União? E as desvantagens?
9. Tendo em conta a sua experiência, qual é a sua opinião quanto à uniformização do treino e da formação das equipas cinotécnicas ao nível europeu?

Fonte: Elaboração própria

Grato pela sua atenção e disponibilidade

Atenciosamente,

Fábio Georges Manso Zuada
Aspirante de Infantaria da GNR

APÊNDICE D - CARTA DE APRESENTAÇÃO ENDEREÇADA AO GRUPO DOIS



Military Academy

Your Excellency,

My name is Fabio Georges Manso Zuada and I am an Officer candidate of the Guarda Nacional Republicana in Portugal.

I am currently carrying out an investigation named "The implementation of common *standards* for service dog handling in the European Union", since it is my last year of the Officers Training course in the Portuguese Military Academy.

The purpose of this research is to understand how the implementation of common *standards* for service dog handling in the European Union contributes as a tool to support *Frontex* Member States in developing and increasing operational capacities such as surveillance and control of the external borders of the European Union.

In order to collect information related to this topic and to value this study, I am going to interview various entities that belong to *Frontex*, taking into account the experience and knowledge acquired through this program.

In this way, I hereby request that your excellency grant me an interview on the subject in question, since your contribution will be crucial in order to achieve the objectives of this research.

According to your availability, I would like you to answer the four questions I send you.

Thank you for your attention and availability

Best Regards,

Fábio Georges Manso Zuada

APÊNDICE E - GUIÃO DE ENTREVISTA DO GRUPO DOIS

Quadro n.º 4 - Questões endereçadas a entidades da Agência *Frontex*

<p align="center">“The implementation of common <i>standards</i> for service dog handling in the European Union”</p>
<p>Question 1 - What certification do you have, so far, regarding dog training?</p>
<p>Answer:</p>
<p>Question 2 - What are the main difficulties concerning the implementation of <i>Frontex standards</i> in the training of service dogs?</p>
<p>Answer:</p>
<p>Question 3 - In your perspective, what are the main advantages of using dogs to control the flow of people at the EU borders? And disadvantages?</p>
<p>Answer:</p>
<p>Question 4 - Based on your experience, what is your opinion on the standardization of service dog units training in the European Union?</p>
<p>Answer:</p>

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE F - IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Quadro n.º 5 - Identificação dos entrevistados

Grupo	Código (E)	Entrevistado (E)	Função	Questões	Data	Modo
1	E1	Tenente-Coronel Costa Pinto	Comandante (Cmdt) do GIC	1 a 9	01-04-2019	Presencial
	E2	Capitão Sobreira	Cmdt da Companhia (Comp) de Detecção Cinotécnica		04-04-2019	Correio Eletrónico
	E3	Capitão Soeiro	Cmdt da Comp de Intervenção Cinotécnica		22-03-2019	Presencial
	E4	Tenente Pires	Companhia de Detecção Cinotécnica		28-03-2019	Correio Eletrónico
	E5	Tenente Nunes	Companhia de Intervenção Cinotécnica		28-03-2019	Presencial
	E6	Primeiro-sargento Figueiras	Cmdt da secção de deteção de explosivos		25-03-2019	
	E7	Primeiro-Sargento Vale	Companhia de Detecção Cinotécnica		30-03-2019	Correio Eletrónico
	E8	Primeiro-sargento Mendes	Adjunto do Cmdt do pelotão (Pel) de deteção de odor humano da Comp de deteção		18-03-2019	Presencial
	E9	Primeiro-sargento Cipriano	Cmdt do 2º Pel de Intervenção Cinotécnico da Comp de Intervenção Cinotécnica		18-03-2019	Correio Eletrónico
	E10	Sargento Serrano	Companhia de Intervenção Cinotécnica		28-03-2019	
	E11	Cabo Chefe Júlio Silva	Chefe de equipa de Formação e Controlo de Canídeos		18-03-2019	Presencial
	E12	Cabo Silva	Tratador cinotécnico da equipa de busca e salvamento		18-03-2019	
	E13	Cabo Diz	Tratador cinotécnico da equipa de Detecção de Explosivos		21-03-2019	
	E14	Guarda Principal Quintal	Tratador cinotécnico da equipa de busca e salvamento		20-03-2019	
	E15	Guarda Principal Almeida	Tratador cinotécnico da equipa de busca e salvamento		18-03-2019	
2	E16	Juha Passanen	Finlândia - Assessor cinotécnico europeu - <i>Canine Team Assessors</i>	2; 4; 8 e 9	22-03-2019	Correio Eletrónico
	E17	Alevizatos Petros	Grécia - Instrutor cinotécnico europeu - <i>Canine Team Instructors</i>		24-03-2019	
	E18	Berthold Gasser	Áustria - Assessor cinotécnico europeu - <i>Canine Team Assessors</i>		25-03-2019	
	E19	Dimitrios Gkarametis	Grécia - Instrutor cinotécnico europeu - <i>Canine Team Instructors</i>		01-04-2019	
	E20	Georgios Maniatis	Grécia - Instrutor cinotécnico europeu - <i>Canine Team Instructors</i>		28-03-2019	

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE G - RELAÇÃO ENTRE QUESTÕES DE ENTREVISTA E AS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Quadro n.º 6 - Relação entre questões de entrevista e as questões de investigação

Questão Central	Questões Derivadas	Hipóteses	Entrevista
- QC – De que forma, a implementação de programas de treino e formação comuns, das equipas cinotécnicas, ao nível europeu, contribui para desenvolver e potenciar as capacidades operacionais de vigilância e controlo das fronteiras externas da União Europeia?	- QD.1 – Qual a importância da padronização da formação dos guardas de fronteiras?	- HI.1 – Como a criminalidade nas fronteiras da UE tem aumentado gradualmente, então, verificou-se que se tinha de estabelecer normas de intervenção comuns, garantindo a harmonização europeia e a interoperabilidade nas atividades de fronteira.	Tendo em conta a sua experiência, qual é a sua opinião quanto à uniformização do treino e da formação das equipas cinotécnicas ao nível europeu?
	- QD.2 – O que motivou a elaboração de um Currículo Comum de treino e maneo dos meios cinotécnicos no âmbito da <i>Frontex</i> ?	- HI.2 – Por existir um elevado número, diversificado, de equipas cinotécnicas no controlo das fronteiras, verificou-se a necessidade de criar um Currículo Comum de treino e maneo dos binómios cinotécnicos, a nível europeu.	Qual é, na sua opinião, a importância de os militares do Grupo de Intervenção Cinotécnico adquirirem formação segundo os padrões de treino estabelecidos pela <i>Frontex</i> para a área cinotécnica?
			Quais são as principais dificuldades sentidas na implementação dos <i>standards</i> da <i>Frontex</i> na área cinotécnica no geral?
	- QD.3 - Qual o contributo da Guarda no geral e do GIC em particular, no combate à criminalidade grave com dimensão transfronteiriça na União?	- HI.3 – Por se verificar um elevado fluxo de pessoas a circular diariamente nas fronteiras da UE então surgiu a necessidade de empenhar equipas cinotécnicas com a finalidade de detetar e evitar a prática de determinados ilícitos, como é exemplo o tráfico de pessoas ou droga.	Na sua perspetiva, quais são as vantagens do emprego dos binómios cinotécnicos no controlo do fluxo de pessoas nas fronteiras da União? E as desvantagens?
			Qual é, na sua opinião, a importância de os militares do Grupo de Intervenção Cinotécnico adquirirem formação segundo os padrões de treino estabelecidos pela <i>Frontex</i> para a área cinotécnica?
			Na sua opinião o que trouxe de novo a implementação dos referidos <i>standards</i> na formação dos militares do GIC?
			Na sua perspetiva qual é a imagem da GNR / GIC no seio da <i>Frontex</i> ?
			Que vantagens representam para a Guarda a participação dos binómios do GIC tanto nas ações de formação da <i>Frontex</i> como no empenho dos mesmos no controlo das fronteiras?

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE H - PARTICIPAÇÃO DOS BINÓMIOS DA GUARDA EM OPERAÇÕES CONJUNTAS NO ÂMBITO *FRONTEX*

Quadro n.º 7 - Participação dos binómios da Guarda em operações conjuntas no âmbito *Frontex*

Ano	Operação	Local	Meios	Datas	
				Início	Fim
2007	Operação Minerva	Espanha Algeciras	2 Binómios	15Ago	14Set
2008	Operação Minerva	Espanha Almeria	2 Binómios	11Ago	12Set
2009	Operação Uranos	Hungria	1 Binómios	09Jun	24Jun
	Operação Minerva	Espanha Algeciras	2 Binómios	09Ago	11Set
2010	Operação Poseidon	Grécia	2 Binómios	30-Mar	30-Abr
	Operação Minerva	Espanha	2 Binómios	26-Jul	15-Ago
	Operação Minerva	Espanha	2 Binómios	13-Ago	03-Set
2011	Operação Minerva	Espanha	4 Binómios	12Ago	06Set
	Operação Rabit	Grécia	2 Binómios	02Fev	04Mar
	Operação Jupiter	Hungria	2 Binómios	19Abr	18Mai
	Operação Jupiter	Hungria	2 Binómios	09Ago	07Set
	Operação Poseidon	Grécia	2 Binómios	02Mai	31Mai
	Operação Poseidon	Grécia	2 Binómios	29Mar	28Abr
	Operação Poseidon	Grécia	2 Binómios	21Jun	21Jul
2012	Operação Poseidon Land - 1.ª Fase - Alexandrópolis	Grécia	2 Viaturas; 4 Militares; 2 Cães	27-Mar	26-Abr
	Operação Poseidon Land - 2.ª Fase	Grécia	2 Viaturas; 4 Militares; 2 Cães	24-Abr	24-Mai
	Operação Poseidon Land - 3.ª Fase - Alexandrópolis	Grécia	2 Viaturas; 4 Militares; 2 Cães	21-Mai	21-Jun
	Operação Poseidon Land – 4.ª Fase	Grécia	2 Viaturas; 4 Militares; 2 Cães	19-Jun	19-Jul
	JO ⁶⁰ Minerva Algeciras	Espanha	1 Viatura; 1 Binómio	10-Jul	05-Set
	JO Minerva Ceuta	Espanha	1 Viatura; 2 Binómios	10-Jul	09-Ago
	JO Minerva Ceuta	Espanha	1 Viatura; 2 Binómios	08-Ago	06-Set
2013	JO Júpiter - 1.ª Fase	Roménia	1 Viatura; 1 Binómio	10-Jul	03-Ago
	Operação Poseidon Land – Dog Handler - Orestiada	Grécia	2 Militares; 2 Cães	21-Mai	21-Jul
	Operação Poseidon Land – Dog Handler - Orestiada	Grécia	1 Viatura; 4 Militares	20-Jul	08-Set
	JO Minerva Algeviras	Espanha	1 Viatura; 2 Binómios	29-Jul	17-Set
2014	JO Minerva Ceuta	Espanha	1 Viatura; 4 Binómios	29-Jul	17-Set
	JO Poseidon Land Extension 2013 – Dog Handler	Bulgária	1 Viatura; 1 Binómios	16-Jan	27-Mar
2015	JO European Patrols Network Minerva – Dog Handler	Espanha	2 Viatura; 4 Binómios	27-Jul	19-Ago
	JO Focal Points Land - Extension - Dog Handler	Grécia	1 Viatura; 1 Binómio	06-Jan	05-Fev

⁶⁰ Joint Operation (JO)

Apêndices

	JO FOA ⁶¹ 2015 – Land – Dog Handler	Grécia	1 Viatura; 2 Binómios	02-Fev	30-Abr
	JO Focal Points 2015 Land – Dog Handler	Bulgária	1 Viatura; 2 Binómios	03-Mar	30-Abr
	JO Focal Points 2015 Land – Dog Handler	Bulgária	1 Viatura; 2 Binómios	23-Jun	20-Ago
	JO European Patrols Network MINERVA – Dog Handler	Espanha	2 Viaturas; 2 Binómios	27-Jul	10-Set
2016	JO FOA 2016 – land – dog handler	Bulgária	1 Viatura; 2 Binómios	30-Mar	22-Jun
	JO FOA 2016 – land – dog handler	Grécia	1 Viatura; 2 Binómios	20-Jul	14-Set
	JO FOA 2016 – land – dog handler	Bulgária	1 Viatura; 2 Binómios	22-Jun	17-Ago
	JO Minerva – dog handler	Espanha	1 Viatura; 2 Binómios	25-Jul	24-Set
2017	FOA land – western balkans	Bulgária	8 Binómios	04-Jan	11-Out
	Operação Minerva	Espanha (Ceuta e Algeciras)	8 Binómios	14-Jul	15-Set
	Focal Points 2017	Croácia	1 Binómios	13-Set	08-Nov
	Focal Points 2017	Hungria	1 Binómios	21-Jun	16-Ago
	Coordination Points 2017	Macedónia	1 Binómios	27-Jun	22-Ago
	Coordination Points 2017	Montenegro	1 Binómios	01-Ago	29-Ago
2018	FOA Land	Bulgária	3 Binómios	25-Abr	07-Nov
	FOA Land	Grécia	2 Binómios	20-Jun	15-Ago
	JO Minerva	Espanha (Ceuta e Algeciras)	11 Binómios	19Jul	18Set

Fonte: Elaboração própria

⁶¹ *Flexible Operations Activities (FOA)*

APÊNDICE I - QUADROS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS QUESTÕES DE ENTREVISTA

Quadro n.º 8 - Análise da questão n.º 3

<p>Questão n.º 3</p> <p>Qual é, na sua opinião, a importância de os militares do Grupo de Intervenção Cinotécnico adquirirem formação segundo os padrões de treino estabelecidos pela <i>Frontex</i> para a área cinotécnica?</p>		
Código (E)	Resposta	Argumentação do entrevistado
E1	“Foi muito importante porque esta formação veio responder a uma série de necessidades”	<p>“A primeira tem a ver, precisamente com os problemas que vinham do antecedente, com a formação dos oficiais e dos graduados, pois sempre que entrava um oficial novo no GIC ele ia fazer um curso no exterior, normalmente à Guardia Civil e o objetivo era, como nós não tínhamos contacto direto, não tínhamos acesso a orçamento para irmos buscar conhecimento a outras forças, e por isso, íamos buscar indiretamente através da Guardia Civil que tinha esse conhecimento”. (...) “À mediada que as gerações iam avançando, nós trazíamos conhecimento novo, mas não havia uma integração com o que existia até ao momento (...) o que resultavam em várias gerações de técnicas que geravam desentendimentos porque não utilizávamos o mesmo código”.</p> <p>“O outro é que temos acesso direto àquilo que, atualmente é o conhecimento mais recente (...) mais estruturado, melhor trabalhado e mais maturado, ou seja, é difícil reverter aquilo que neste momento a <i>Frontex</i> produziu”.</p> <p>“Trouxe um grau de profissionalismo e de rigor àquilo que era a formação cinotécnica e o emprego operacional dos meios”.</p>
E2	“Permite-lhes operar nos teatros operacionais internacionais”	<p>“Existindo uma linguagem comum, permite aos militares poderem treinar em conjunto e fazer uma análise detalhada utilizando a mesma linha de pensamento” (...) “o que lhes confere a capacidade de atingir resultados que vão ao encontro daquilo que é esperado pela agência <i>Frontex</i> nos teatros operacionais internacionais, nomeadamente na segurança das fronteiras externas da União Europeia”.</p>
E3	“É um fator primordial”	<p>“Nos dias de hoje as nossas missões são maioritariamente no âmbito da <i>Frontex</i> e não faz sentido, se trabalhamos para esta agência, não trabalhar conforme as necessidades dessa mesma agência”.</p> <p>“A nossa linguagem e o nosso trabalho deve seguir os objetivos traçados pela <i>Frontex</i>”.</p>
E4	“A implementação de uma padronização uniforme (...) é bastante positiva”	<p>“Ao implementarmos uma padronização do treino e da formação garante que, independentemente da saída de elementos fundamentais à formação, exista sempre uma linha condutora e unânime a todos os militares”.</p> <p>“Ainda, o facto de implementarmos uma formação padronizada por uma entidade externa, permite a valorização do GIC e por conseguinte da GNR”.</p>
E5	“Ajuda obviamente a resolver problemas no âmbito do treino cinotécnico”	<p>“Fornece aos militares uma ferramenta importante pois permite-lhes resolver problemas que surgem no treino dos binómios dado que se ajudam mutuamente”.</p> <p>“Abriu os horizontes para arranjam soluções. Os <i>standards</i> europeus garantem as mesmas formas de trabalhar e permitem evoluir constantemente”.</p>
E6	“Eu acho que é muito bom”	<p>“Como se está a implementar estes <i>standards</i> a nível europeu, havendo um situação ou um pormenor conseguimos, nós instrutores, ver qual a falha e o que se pode fazer para colmatar essa falha no treino”.</p>

Apêndices

		“Como vários países estão a implementar estes padrões podemos ir a qualquer país e trabalhar ou trabalhar diretamente com eles e podemos ajudar-nos e corrigir-nos uns aos outros”.
E7	“Fundamental”	“Os padrões de treino estabelecidos pela agência <i>Frontex</i> para a área cinotécnica já deram provas de serem de extrema eficácia em contexto operacional”. “É fundamental não só estabelecer um padrão de treino, bem como estabelecer Guide Lines uniformizando não só o tipo de treino, mas também a linguagem praticada pelos militares”.
E8	“Tendo em conta que ingressamos nas missões é importante”	“A linguagem que utilizamos nas missões tem de ser comum assim como os objetivos que se pretendem atingir” “Uma vez que trabalhamos com forças de outros países é importante que tenhamos os mesmos métodos e metodologias de trabalho”.
E9	“Importância extrema”	“Tendo em conta a estratégia de segurança existente por parte da <i>Frontex</i> para as fronteiras externas no geral, e para o trabalho desenvolvido pelas equipas cinotécnicas em particular, torna-se de importância extrema a utilização de padrões iguais nos diversos países”.
E10	“Fundamental”	“Formação uniforme, em relação a métodos, teoria, técnicas e ferramentas.”
E11	“Uma vez trabalhamos conjuntamente com forças de outros países, (...) há toda uma vantagem em uniformizar os padrões”	“Devemos uniformizar os padrões, não só de treino mas também ao nível de exigência”. “No terreno quando trabalhamos com outras forças por exemplo, eles têm de saber o que o nosso cão é capaz de fazer (...) que só é possível por os padrões estão estandardizados”. “Para mim tem um efeito secundário, que a meu ver, mais útil (...) vai brigar a evoluir tecnicamente o que vai fazer com que o serviço que prestamos em Portugal (...) aumente o nível de qualidade”.
E12	“A introdução destes padrões foi essencial (...) e fundamental”	“A formação que era ministrada aqui ao nível dos cães não estava padronizada, ou seja, os militares da companhia de deteção tinham um tipo de treino e formação diferente da companhia de intervenção. Neste momento isso não acontece, a formação base é toda igual”. “Os <i>standards</i> da <i>Frontex</i> trouxeram uma forma de treinar mais atual, exigente e eficaz (...) e demos um salto, em termos qualitativos, muito grande, ao trazermos essa exigência para o GIC”. “Essa exigência a nível operacional nota-se bastante”.
E13	“É importante”	“A <i>Frontex</i> obrigou-nos a sair da nossa zona de conforto e a pensar fora da caixa”. “Permite-nos também ter a capacidade de poder integrar as missões da <i>Frontex</i> ” “Fez com que tivéssemos de pensar o treino do cão e perceber porque que as coisas acontecem de determinada forma e quando surgem os problemas conseguirmos resolver (...) e trouxe uma forma de treinar o cão da forma mais rápida e motivante para o cão”
E14	“Considero que é fundamental”	“Antes de mais, o nível de exigência, a <i>Frontex</i> , a nível de certificação é muito exigente, o padrão é muito alto o que depois nos vai reconhecer internacionalmente.”
E15	“Essencial”	“Quando estamos em missões internacionais e trabalhamos com tratadores cinotécnicos de outros países trabalhamos todos de maneira igual. Entendemo-nos porque todos temos a mesma formação, mesma metodologia de treino e falamos a mesma linguagem técnica”.

Fonte: Elaboração própria

Quadro n.º 9 - Análise da questão n.º 4

<p>Questão n.º 4</p> <p>Quais são as principais dificuldades sentidas na implementação dos <i>standards</i> da <i>Frontex</i> na área cinotécnica?</p>		
Código (E)	Resposta	Argumentação do entrevistado
E1	“Sentiu-se uma grade resistência à mudança” e “a falta de qualidade dos animais”	<p>“Para a maior parte deles, a implementação dos <i>standards</i>, representou uma rotura daquilo que já conheciam na formação que tinham, essencialmente na parte da abordagem genérica ao comportamento animal e ao treino. (...) Encontravam-se na sua zona de confronto, já tinham tido a formação cinotécnica à muito tempo e estavam confortáveis com isso (...) Os militares esperavam uma coisa muitíssimo complicada mas a verdade foi que aquilo que veio foi uma coisa simples. O que exige às pessoas é que encontrem as soluções ”A <i>Frontex</i> trouxe aqui uma abordagem diferente daquilo que era do antecedente (...) descomplicou os conceitos, e a <i>Frontex</i> tem esse mérito. (...) Os militares perceberam que m traços gerais há mais vantagens do que inconveniente e portanto aderiram e mostraram empenho”.</p> <p>“Outras dificuldades que os militares sentiram foram derivadas, não pelo sistema ou pelos conhecimentos mas pelos animais que tinham, ou pela idade, ou pelo que tinha já sido feito, os animais tiveram dificuldades em receber novas informações”.</p>
E2	“Falta de qualidade dos animais” e “sair da zona de conforto”	“Elevado número de cães sem as qualidades necessárias para atingir os padrões mínimos de qualidade e alguma reticência por parte de alguns militares em saírem da área de conforto e adotar novas metodologias”.
E3	“Mudança de mentalidades”	“A grande dificuldade é conseguir dotar os militares que já tinham uma outra metodologia e implementaram essa mesma metodologia durante vários anos conseguir-lhes explicar e fazer-los ver que existem outras formas de fazer as coisas”.
E4	“Resistência de alguns militares mais antigos”	<p>“A confrontação com o sistema anteriormente implementado potenciou a saída da “zona de conforto” de alguns militares e por conseguinte a resistência à aceitação da mudança”.</p> <p>“Atualmente, os militares já se encontram conformados, esclarecidos com a situação e inclusivamente observaram resultados bastante positivos de modo que já não é sentida essa resistência”.</p>
E5	“Sair da zona de conforto”, “mudança de mentalidades”, “os <i>standards</i> da <i>Frontex</i> são muito exigentes”	<p>“Sentiu-se dificuldades sobretudo por exigir que os militares tenham de sair da sua zona de conforto porque habituaram-se a trabalhar de uma certa maneira ao longo dos anos (...). mas conforme vêm no resto dos militares essa mudança e os resultados derivados dessa mudança ficam mais disponíveis para trabalharem de diferentes maneiras”.</p> <p>“Os níveis de exigência da <i>Frontex</i> são muito exigentes no entanto, se conseguirmos atingir essa exigência, os resultados serão melhores”</p> <p>“A mudança de mentalidades também foi uma dificuldade sentida no início da implementação”.</p>
E6	“Resistência à mudança” e “língua inglesa”	<p>“O tempo que as questões do treino e de evolução de treino esteve estagnado faz com que os militares mais velhos fiquem um pouco mais reticentes em mudar e evoluir”.</p> <p>“Para muitos a Língua”.</p>

Apêndices

E7	“Sair da zona de conforto”	<p>“A questão dos <i>standards</i> veio tirar da zona de conforto parte dos militares cinotécnicos, ou porque tinham outros métodos de treino, ou porque, ainda que praticassem de forma muito semelhante aos <i>standards</i> da <i>Frontex</i>, não dominavam a linguagem ou terminologia utilizada”.</p> <p>“No entanto, (...) apercebo-me que a quase totalidade dos militares se mostram bastante recetivos e otimistas (...) em conhecer e praticar novos métodos, os quais podem aliar a todo o conhecimento que já adquiriram ao longo das suas carreiras, por forma a conseguirem obter melhores resultados em contexto operacional”.</p>
E8	“Resistência à mudança”, “níveis de exigência muito elevados”, “falta de qualidade dos animais”	<p>“A formação anterior que os militares têm também condiciona de certa forma porque é difícil de mudar aquilo que se aprendeu anteriormente e que resulta (...) a mudança de mentalidades nota-se sobretudo nos camaradas que estão na Unidade a mais tempo porque existe sempre alguma resistência à mudança, mas apesar disto os objetivos tem sido cumpridos”.</p> <p>“Os <i>standards</i> da <i>Frontex</i> têm níveis de exigência muito elevados o que obriga os militares a sair da sua zona de conforto, obriga-os a exigir mais deles, quer a nível próprio quer como treinador de cães”.</p> <p>“Outra dificuldade sentida prende-se não com o militar mas sim com o cão, porque por vezes o nível do cão condiciona o desempenho do militar uma vez que os cães não são todos iguais”.</p>
E9	“Não há dificuldades”	“Em particular, não tenho registado dificuldades de maior na implementação destes padrões.”
E10	“Mudança de mentalidades”	“Alguns entraves de militares do grupo com muitos anos de serviço, pelos quais já passaram por muitos tipos de formação, dificultando assim a mudança para novas realidades”.
E11	“Falta de cultura canina” e “língua inglesa”	“A principal dificuldade infelizmente, é a falta de cultura canina. Temos de pensar o treino do cão, não temos apenas de executar, temos de pensar. (...) Esta para mim, é e continua a ser a principal dificuldade, mas sobretudo para quem conhecia outra forma de trabalhar”. “Muitos de nós nunca tivemos bases de inglês e por vezes quando queremos expressar os nossos conhecimentos técnicos numa língua que nós não dominamos de todo tornar-se muito difícil e sobretudo receber outra informação técnica nessa língua, (...) isso acabou por criar uma barreira”.
E12	“Língua inglesa” e “falta de qualidade dos canídeos”	<p>“Algumas das dificuldades sentidas pelos meus camaradas foi essencialmente a língua inglesa”.</p> <p>“Também algumas dificuldades ao nível dos cães pois por vezes os cães não estão preparados para os padrões de exigência da <i>Frontex</i> (...) foi um dos principais motivos pelo qual alguns militares não concluíram com sucesso os cursos da <i>Frontex</i>”.</p>
E13	“Adaptação”, “Níveis altos de exigência”	<p>“A fase da adaptação, porque é um sistema novo, não conhecemos e por essa razão temos de nos adaptar e perceber como é que as coisas funcionam”.</p> <p>“Foi o nível de exigência porque os padrões de exigência da <i>Frontex</i> são muito altos, mais do que aquela que era pedida. (...) o facto de ser mais exigente é positivo porque obriga a um empenho maior o que faz com que tenhamos mais resultados e isso reflete-se no nosso trabalho”.</p>
E14	“Sair da nossa zona de conforto” e “exigência alta”	“É uma nova metodologia que nos obriga a sair da nossa zona de conforto e obriga-nos a trabalhar muito mais o que aumenta muito mais a exigência e é por essa razão que a taxa de insucesso é bastante alta”.

Apêndices

E15	“Resistência”	“Os camaradas mais antigos ainda são um pouco fechados a receber nova informação. Existe ainda alguma resistência em alterar a metodologia de treino que os militares estavam acostumados”.
E16	“Processo dispendioso” e “resistência à mudança”	“Quando mudam os padrões é necessário ministrar formação. Organizar formação leva tempo e é necessário dinheiro Por exemplo, não é possível formar os 250 tratadores cinotécnicos da Guarda de Fronteiras da Finlândia de uma só vez, são necessários vários anos”. “E claro, em todas as organizações existem pessoas resistentes à mudança”.
E17	“Processo moroso” e “Resistência à mudança”	“A implementação das normas da <i>Frontex</i> , pelas autoridades nacionais, na formação de cães enfrenta mesmas questões que qualquer outra alteração que uma agência tenha sido solicitada a avaliar e a adotar. Por definição, uma agência do governo é lenta, a burocracia é gigantesca e qualquer mudança leva tempo”. “Quando se tem já um sistema implementado que funciona e com resultados comprovados, por muitos anos que passem, logicamente, os responsáveis por tomar as decisões serão bastante céticos sobre a necessidade de mudança”.
E18	“Forte resistência à mudança” e “sair da zona de conforto”	“Todos os Estados-Membros têm uma longa história de treino de cães de serviço e, claro, de alguma forma, têm diferentes abordagens para o treino e formação dos seus binómios”. “Será um projeto a longo prazo, porque não é fácil, para os instrutores que estão na área à algum tempo, saírem da sua zona de conforto”.
E19	“Qualidade dos cães” e “língua inglesa”	“A mentalidade e a condição física do cão devem estar em um nível alto”. “Algumas pessoas têm baixo nível de inglês”.
E20	“Diversidade entre instituições”	“A história de treino do cão diferirem entre os Estados-Membros da UE. Esta diversidade foi um desafio no início do processo de implementação. A postura defensiva contra a mudança em geral é comum em algumas instituições”. “No entanto com o tempo, cada vez mais forças e serviços de segurança adotam os padrões de treino de cães da <i>Frontex</i> e constroem a unificação”.

Fonte: Elaboração própria

Quadro n.º 10 - Análise da questão n.º 5

Questão n.º 5		
Na sua opinião o que trouxe de novo a implementação dos referidos <i>standards</i> na formação dos militares do GIC?		
Código (E)	Resposta	Argumentação do entrevistado
E1	“Harmonização da standardização”	“A harmonização e standardização da abordagem à aprendizagem canina, hoje falamos todo o mesmo código (...) Tudo o que vier agora, é desenvolvido numa estrutura que é comum e em que os procedimentos são comuns a todos os militares (...) Se tivermos o cuidado de evoluir sempre com este ponto de partida as coisas evoluem como um todo e não apenas sectorialmente como era antigamente”.

Apêndices

E2	“Melhorou em todas as áreas”	<p>“Permitiram à especialidade orientar de forma clara o treino para que se dirija ao encontro daquilo que são os objetivos operacionais e as expectativas dos diversos organismos nacionais e internacionais”.</p> <p>“Introduzir dinâmica de treino de grupo, espírito auto e hétero crítico, no sentido da melhoria coletiva, maior preocupação em atingir patamares de excelência, melhores resultados operacionais, uniformização de linguagem técnica e de treino”.</p>
E3	“Relação homem-cão e qualidade técnica dos militares”	<p>“A grande mais valia está relacionada com a relação homem-cão, com os valores que são inculcados para essa relação funciona”.</p> <p>“A <i>Frontex</i> trouxe-nos um conjunto de ferramentas para nos ligarmos bem com o cão e para podermos utilizar para comunicar com o cão. A comunicação neste momento com o cão é muito mais eficaz do que era antigamente”.</p> <p>“A nível da qualidade técnica dos militares, a diferença é bastante grande”</p>
E4	“Trouxe muitas mais-valias”	<p>“Permitiram uma atribuição concreta e unânime de terminologia, um encadeamento lógico no treino canino e ainda uma ferramenta para por à prova o nível de aprendizagem de cada cão e cada militar.”</p>
E5	“Autonomia e evolução”	<p>“Autonomia no planeamento de treino porque a programação daquilo que vamos fazer é extremamente importante para não decidirmos na altura aquilo que vamos fazer”.</p> <p>“Evolução e resultados mais rápidos”.</p> <p>“Problemas mais facilmente identificáveis”.</p>
E6	“Abrir horizontes”	<p>“Conseguimos através do treino nos moldes da <i>Frontex</i> ter os cães muito mais alegres a trabalhar e ter os cães mais independentes a fazer o trabalho, sem muitas ajudas”.</p> <p>“Antes cada um trabalhava um pouco por si, faziam as coisas à sua maneira, não havia uma linha de trabalho igual para todos e neste momento, agora todos trabalhamos o mesmo com a mesma base e a mesma linguagem”.</p> <p>“Obriga a pensar o treino antes de o começar”.</p>
E7	“Terminologia comum”	<p>“Sinto que os militares se regem por determinadas Guide Lines e praticam uma linguagem comum”.</p>
E8	“Sair da zona de conforto”	<p>“Obrigou os militares a sair da sua zona de conforto e adaptar o treino aos níveis de exigência exigidos pela agência <i>Frontex</i>”.</p>
E9	“Evolução”	<p>“Os militares que têm frequentado a formação da <i>Frontex</i>, apesar de já terem conhecimentos na área cinotécnica, evoluem bastante na capacidade de aplicar as ferramentas fornecidas”</p> <p>“Foi muito útil ao nível profissional, uma vez que me permite desenvolver um trabalho de qualidade”</p>
E10	“Harmonização”	<p>“Formação uniforme, em treino cinotécnico, todos conseguem identificar o caminho que se pretende”.</p>
E11	“Obriga a adaptar e qualidade e capacidade técnica”	<p>“Obrigou os militares a adaptarem-se e a evoluir porque para conseguirem atingir os objetivos tiveram de mudar completamente a forma de abordar o treino dos cães (...) ao tentar trabalhar para conseguir esses objetivos fez com que o nível de qualidade dos militares tenha aumentado substancialmente”.</p> <p>“Melhorou a capacidade técnica individual de cada militar que acaba por se refletir na eficácia”.</p>
E12	“Evolução, exigência e confiança”	<p>“Para mim foram dois saltos que eu dei a nível profissional porque sentia algumas dificuldades na evolução do meu trabalho e da minha cadela (...) com a vinda dos instrutores da <i>Frontex</i> conseguimos estar hoje muito mais capacitados para resolver os problemas com que somos deparados no dia-</p>

Apêndices

		<p>a-dia uma vez que estamos sempre a ser confrontados com novos desafios (...) sentimos que estamos muito mais preparados para dar o passo em frente e isso nota-se inevitavelmente no nosso trabalho”.</p> <p>“Perdemos também o receio de arriscar e sair da nossa área de confronto”.</p> <p>“Trouxe-nos também uma forma de trabalhar mais segura, confiante e sem medos, em que nos ajudamos mais e somos cada vez mais exigentes uns com os outros”.</p>
E13	“Aumentou a capacidade e competência técnica e harmonização de procedimentos”	<p>“Trouxe conhecimento novo, algum que a gente conhecia, outro que não conhecíamos de todo (...) a partir deste momento independentemente da vertente, trabalhamos todos da mesma maneira, o produto final é que é diferente, só no final é que canalizamos o cão para uma determinada área”.</p> <p>“O facto de falarmos todos a mesma linguagem técnica é também um fator muito positivo”.</p>
E14	“Evolução e adaptação”	<p>“Deu-me uma nova perspetiva a nível de treino, vieram novas metodologias o que obrigou a que nos tivéssemos de adaptar ao saber vindo de fora, o que é bastante vantajoso”.</p> <p>“Estarmos a par de outras metodologias que são usadas por outras polícias europeias e isso contribui muito para a nossa formação”.</p>
E15	“Harmonização e evolução”	<p>“Ficamos a conhecer muitos conceitos que ainda não conhecíamos”.</p> <p>“Treinamos todos da mesma forma, falamos todos a mesma linguagem para depois o “produto” final ser todo igual e, tal como já referi, isso vai ajudar-nos a nível internacional”.</p>

Fonte: Elaboração própria

Quadro n.º 11 - Análise da questão n.º 6

<p style="text-align: center;">Questão n.º 6</p> <p style="text-align: center;">Na sua perspetiva qual é a imagem da GNR / GIC no seio da <i>Frontex</i>?</p>		
Código (E)	Resposta	Argumentação do entrevistado
E1	“Imagem de exemplo e muito positiva”	<p>“A opinião que eu tenho é fundamentada naquilo que são os ecos que nos são dados pelos responsáveis da <i>Frontex</i> e até por membros de outras forças”.</p> <p>“Nós fomos a primeira força cinotécnica, ou seja, o primeiro núcleo cinotécnico a dizer, como um todo, que queríamos aderir a esta matriz e queríamos recebe-la”.</p> <p>“A <i>Frontex</i> olhou para a Guarda como um exemplo. Num espaço de dois anos, isso já foi aqui reconhecido, quer em instalações, condições logísticas, entre outros. Eu julgo que neste momento somos a única força em que não tendo sido nada imposto, todos os instrutores neste momento, ou estão certificados pela <i>Frontex</i> ou a caminho de o serem”.</p> <p>“Acho que a imagem que passamos para fora é positiva”.</p> <p>“Agora o “centro de Queluz” como já é reconhecido internacionalmente pela <i>Frontex</i> (...) Há aqui muito potencial neste centro que nos coloca no centro da Europa em termos de treino cinotécnico. O centro cinotécnico da Guarda faz parte dos centros que prioritariamente são escolhido para darem formação a membros de outros Estados-Membros”.</p>

Apêndices

E2	“Uma referência”	“Penso que é já neste momento uma referência a nível europeu por ser uma força pioneira na implementação dos <i>standards</i> da <i>Frontex</i> e com os resultados vistos. Atualmente a GNR conta com o maior número de operadores cinotécnicos europeus certificados pela agência <i>Frontex</i> ”.
E3	“Empenho e dedicação”	“Eu acredito que a imagem que a <i>Frontex</i> tem dos militares da Guarda é uma imagem de militares realmente empenhados e dedicados e que abraçaram esta causa e esta metodologia com unhas e dentes porque se assim não fosse não dariam tantas oportunidades à Guarda de conseguirmos formar os nossos militares ou até conseguirmos formar instrutores da <i>Frontex</i> (...) vêm em nós alguém realmente dedicado e que gosta deste serviço”.
E4	“Positiva”	“A dedicação da GNR por inerência do GIC ao projeto apresentado pela <i>Frontex</i> foi de tal forma positiva que considero ter-mos potenciado a imagem da GNR não só ao nível da <i>Frontex</i> como ao nível de outros países que em conjunto com os militares da GNR frequentaram os cursos de formação”.
E5	“Positiva”	“O feedback tem sido bastante positivo (...) quando vêm cá membros da <i>Frontex</i> são sempre bem recebidos e reconhecem em nós valor e capacidade de organização o que cada vez mais abre as portas para que a Guarda e Portugal se consigam projetar neste tipo de formações e missões”.
E6	“Bastante positiva”	“Tem uma boa impressão nossa principalmente porque tem havido muito trabalho, principalmente do GIC na parte da imigração ilegal e tem tido bons resultados, talvez mais do que os outros todos dos outros países. Têm sido os militares do GIC que têm tido mais resultados positivos em termos de deteção de pessoas”.
E7	“Extremamente positiva”	“Acima de tudo pela determinação e motivação da maioria dos militares em receberem nova formação após largos anos na especialidade, ainda que para isso tenham de sair da sua zona de conforto”.
E8	“Boa imagem”	“Penso que os números falam por si e a verdade é que estes números têm sido bastante satisfatórios, têm desempenhado um excelente trabalho, quer os binómios de deteção como os binómios do uso da força”.
E9	“Positiva”	“A <i>Frontex</i> tem acompanhado nos últimos anos o desenvolvimento do GIC, tanto ao nível Humano, como das instalações e da aplicabilidade dos novos padrões, e a meu ver, tem ficado uma imagem muito positiva da Guarda no geral e do GIC em particular”.
E10	“Positiva”	“Muito boa”.
E11	“Muito positivo”	“O feedback que tenho é bom, somos voluntariosos, não temos problemas com horários e somos profissionais e isso é reconhecido pela <i>Frontex</i> ”. “Fomos dos primeiros a adaptarmo-nos rapidamente à realidade que se pedia nas fronteiras da União Europeia”. “No sul de Espanha, na operação Minerva, o feedback tem sido muito positivo, e por essa razão é que continuam a ir, ano após ano. Creio que se não fossem bons profissionais não seriam solicitados com tanta frequência”.
E12	“Irrepreensível”	“Eu já estive em várias missões e a imagem da Guarda quer na <i>Frontex</i> quer em qualquer outro lado tem uma imagem irrepreensível”. “A <i>Frontex</i> tem o máximo respeito pelo nosso trabalho tanto que, ano após ano continuamos a ser solicitados (...) a nossa imagem na <i>Frontex</i> , daquilo que tenho trabalhado e que é também a minha opinião, é que somos dos melhores militares que a Europa tem”.

Apêndices

		“Em termos de capacidade profissional e técnica estamos ao nível dos melhores e a <i>Frontex</i> reconhece o nosso trabalho”
E13	“Muito boa”	“Quando entidades da <i>Frontex</i> nos ministraram formação, transmitiram que os militares são empenhados e que têm vontade de aprender”. “O feedback dos militares que vêm das missões é muito positivo, até porque os resultados das missões são muito positivos”.
E14	“Muito positiva”	“Fiz parte da operação Posaidon em 2011, a meu ver acho que brilhámos porque temos uma grande capacidade de nos adaptar e o facto de sermos militares mostrou diferença em muitas situações”. “Para além dessa, a operação Minerva que é feita no sul de Espanha, somos, a Guarda/GIC o que tem o maior rácio de deteção de pessoas, fruto também da experiência que já temos”. “Dá-me algum gozo pessoal quando chegamos às missões ver que a nossa fama é reconhecida pelo bom sentido”
E15	“Muito boa”	“A perceção que eu tenho é realmente boa. Todos falam bem dos cães da Guarda e tentam sempre pedir para a missão seguinte os cães da GNR (...) Realmente só tenho ouvido aspetos positivos dos cães da GNR.”

Fonte: Elaboração própria

Quadro n.º 12 - Análise da questão n.º 8

Questão n.º 8		
Na sua perspetiva, quais são as vantagens do emprego dos binómios cinotécnicos no controlo do fluxo de pessoas e contrabando nas fronteiras da União? E as desvantagens?		
Código (E)	Resposta	Argumentação do entrevistado
E1	“Forte componente dissuasora, é uma ferramenta muito eficaz, flexível e dispendiosa”	Vantagens: “Em muitas situações basta a sua presença (...) são muito dissuasores ou provoca no adversário comportamentos suspeitos que poderão evidenciar alguma conduta ilegal”. “Ainda não existe nenhum meio tecnológico que consiga funcionar de forma tão eficaz como os cães (...) e são muito mais flexíveis e mais baratos que a generalidade desses meios” “Permitem que não tenhamos dezenas de pessoa em determinado local podendo ter apenas um cão que será mais eficaz a fazer o trabalho dessas pessoas”. Desvantagens: “Ao projetarmos meios para as fronteiras da União poderemos ficar com a ideia que não os temos em Portugal e estamos a perder recursos. Se olharmos para as fronteiras externas como sendo nossas também estamos a contribuir para a nossa própria segurança e esse fator fica diminuído”.
E2	“Grande capacidade olfativa e permite poupar recursos”	Vantagens: “Permite chegar mais rapidamente à fonte de odor humano e localizar os migrantes irregulares, mesmo em cenários complexos que o olho humano não alcança. Permite ainda poupar recursos humanos, uma vez que um cão substitui vários operadores”.
E3	“Eficácia, permite poupar recursos	Vantagens:

Apêndices

	humanos”, “Desgaste do canídeo”	<p>“A capacidade olfativo do cão é bastante superior à do homem e esta é a forma mais eficiente de trabalharmos porque em vez de empenhar dez militares para fazer uma revista a uma viatura ou a uma área aberta, o cão só utilizando o nariz (...) deteta com bastante facilidade aquilo que as pessoas se calhar demoram cerca de uma ou duas horas a encontrar e isto é trabalho eficiente”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Possibilidade ou não de o desgaste do cão, por questões de saúde ou veterinárias que possam existir lá”.</p>
E4	“Eficácia”, “Reduz o efetivo a nível nacional”	<p>Vantagens:</p> <p>“Por razão dos apurados sentidos que possuem tornam-se uma mais-valia quando conduzidos pelo militar. Permitem com recurso ao olfato e à audição detetar sinais que induzam a deteção de pessoas”.</p> <p>Desvantagem:</p> <p>“Associadas à redução de efetivos em território nacional quando empenhados em missões internacionais e as condições para o canídeo pernhoitar”.</p>
E5	“Melhora a relação tratador-cão”	<p>Vantagens:</p> <p>“Vejo melhoramentos na relação do tratador e do cão porque estão constantemente juntos, o que aqui muitas vezes não acontece”.</p>
E6	“Olfato muito apurado”	<p>Vantagens:</p> <p>“A principal vantagem é que os cães têm uma coisa que nós não temos, é um olfato muito apurado e por vezes conseguem encontrar uma pessoa ou mesmo droga ou seja o que for, em locais que nós nunca iríamos suspeitar que viria ali alguém, (...) se não fossem eles não tínhamos nem metade dos resultados que chegamos a ter”.</p> <p>Desvantagem:</p> <p>“As pessoas têm muito medo dos cães e às vezes pode-se dar um acidente de uma pessoa fugir de uma situação qualquer ou a pessoa se assuste ou faça um movimento mais brusca e o cão pense que é uma agressão, pode dar uma mordida involuntária”.</p>
E7	“Eficaz e dissuasor”	<p>Vantagem:</p> <p>“O binómio (...) revela extrema eficácia, quer seja pela utilização da sua capacidade olfativa na deteção de emigrantes/ refugiados ilegais, quer pelo efeito dissuasor que possa provocar”.</p>
E8	“Menos evasivo, eficaz e poucos recursos”, “muito exigente”	<p>Vantagens:</p> <p>“Na questão dos odores é uma mais-valia e é muito menos evasivo pois (...) não é necessário, por exemplo começar a desmontar um carro, trazemos o cão e o cão confirma. (...) não precisamos de muito material, basta passar o cão e o cão fará o trabalho dele. (...) são muito dissuasores e conferem muita proteção e confiança ao militar que está com o cão”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Tempos de duração das viagens que por vezes são muito longas e também a logística é muito grande. (...) é um trabalho muito exigente e exige muito do tratador, exige muita dedicação”.</p>
E9	“São um complemento”	<p>Vantagens:</p> <p>“Complementam o trabalho humano com a sua capacidade olfativa”.</p>
E10	“Efeito dissuasor”, “participação isolada”	<p>Vantagens:</p> <p>“Muito dissuasor</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Participação isolada de um binómio nas patrulhas em missão. Quantos mais binómios, mais dissuasão se consegue”.</p>

Apêndices

E11	“Capacidade olfativa e muito dissuasores”, “questões de saúde”	<p>Vantagens:</p> <p>“Não conseguimos desenvolver nenhuma tecnologia que tenha a capacidade olfativa do cão. “O cão é visto como um agente de autoridade e é visto como um ser que o cidadão, quer seja ele infrator ou não, não consegue dialogar. Quando o cão está presente existe logo imediatamente uma relação de respeito”.</p> <p>“Eles, se o cansaço não for físico e se as coisas forem bem treinadas, nunca tem um cansaço psicológico, nunca está esgotado, é sempre mais uma oportunidade para se divertir”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“O ambiente nas Fronteiras não é o melhor. Por vezes o meio onde ele desenvolve a sua missão pode eventualmente comprometer a sua saúde e o seu bem-estar”.</p>
E12	“Muito dissuasores e grande capacidade olfativa”	<p>Vantagens:</p> <p>“só com os cães eles conseguem ser eficazes, sobretudo à noite em que á menos visibilidade e a missão torna-se mais complicada e a utilização do cão é uma forma de dissuadir (...) O fluxo é tão grande que se não se fizer uso dos cães o processo torna-se muito mais demorado e a eficácia desce. (...) Existem situações em que se não se fizesse uso do cão seria impossível detetar a pessoa.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Tem a ver com a redução do efetivo disponível em Portugal”</p>
E13	“Grande grau de eficácia”, “O calor e a possibilidade de o cão mexer”	<p>Vantagens:</p> <p>“Têm um bom grau de eficácia, (...) existem locais que não conseguimos abrir ou ter acesso, e havendo libertação de odor, o cão tem a capacidade de nos indicar a presença de uma pessoa ou de estupefacientes, explosivos ou outra coisa do género para o qual o canídeo esteja treinado. Isso para nós é uma grande vantagem e é uma ferramenta muito eficaz, em qualquer área”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“É o facto de os cães mexerem, no caso dos explosivos, o cão pode mexer numa mala e ativar o engenho, (...) nós treinamos para não mexer mas pode acontecer. (...) O calor, os cães trabalham bem quando está frio, mas quando está calor, a frequência de trabalho é muito mais curta e o grau de eficácia reduz”.</p>
E14	“Ferramenta eficaz no combate à migração”	<p>Vantagens:</p> <p>“Para mim a vantagem é que de modo indireto, acabamos por salvar a vida aos migrantes”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Depende do contexto, no caso por exemplo da Grécia ou da Ceuto, o Árabe ou o Muçulmano não tem uma boa relação com o cão, daí que a nossa abordagem é diferente”.</p>
E15	“Muito eficazes”	<p>Vantagens:</p> <p>“É uma mais-valia. (...) já se chegou à conclusão que durante a operação Minerva, o fluxo diminui bruscamente e muito do sucesso é graças aos cães. Estas pessoas vêm escondidas em sítios ocultos como camiões e autocarros e se não fossem os cães provavelmente muitas das pessoas passavam”.</p> <p>Desvantagem</p> <p>“A ter de dizer uma seria o facto de em Espanha pedirem muitos binómios, o que faz com que, a nível nacional, fiquemos reduzidos. O serviço é assegurado mas ficamos reduzidos”.</p>

E16	“São eficazes, poupam recursos e são menos evasivos”, “o calor afeta a eficácia”	<p>Vantagens:</p> <p>“Trabalho mais rápido e eficaz. (...) Podemos encontrar pessoas escondidas em carros, caminhões, contentores nos pontos de passagem das fronteiras sem ser necessário abrir portas ou utilizar aparelhos de raio-x. É fundamental termos cães a operar nas fronteiras da União com várias valências”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Se os cães não são bem treinados, poderão levantar falsas suspeitas o que fará com que percamos tempo e eficácia. Outra desvantagem é que os cães são animais e não são capazes de trabalhar muitas horas seguidas, especialmente em dias de maior calor”.</p>
E17	“É um recurso valioso e muito eficaz com grande efeito dissuasor”, “Tempo e recursos”	<p>Vantagens:</p> <p>“São animais incríveis. Um cão treinado para uso geral é capaz de identificar locais onde as pessoas se encontram escondidas, pistar pessoas na floresta e, se necessário, proteger o tratador e o resto da equipa de uma ameaça letal”.</p> <p>“A ciência humana ainda não conseguiu criar algo que corresponda às qualidades combinadas de uma equipa cinotécnica. A perspetiva esférica e a perceção lógica do tratador combinado com os sentidos aguçados do cão, unidos de maneira única, criam uma ferramenta insubstituível”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“Toda a ferramenta útil é um recurso valioso e um recurso valioso tem custos. Uma agência, a fim de treinar e empregar equipas cinotécnicas, tem que investir tempo e recursos. Tenha sempre em mente que um cão não é uma máquina que pode trabalhar 24 horas por dia, alterando os tratadores”.</p>
E18	“Muito eficaz na deteção de pessoas escondidas”	<p>Vantagens:</p> <p>“Se existir um elevado nível de qualidade nas equipas cinotécnicas certificadas, então teremos uma grande taxa de deteção de pessoas escondidas em meios de transporte e em áreas abertas”.</p>
E19	“Eficaz”, “tempo e dinheiro”	<p>Vantagens</p> <p>“São extremamente eficientes (...) Um cão com um elevado nível de formação pela <i>Frontex</i> é quase infalível em encontrar pessoas ou substâncias”.</p> <p>Desvantagens.</p> <p>“Se houver uma desvantagem, eu direi o tempo e o dinheiro que é necessário gastar para uma equipa cinotécnica esteja bem treinada”.</p>
E20	“São eficazes e poupam recursos”, “logística”	<p>Vantagens:</p> <p>“Apoia os guardas de fronteira, multiplicando a sua eficácia, poupando tempo e acrescentando capacidades táticas”.</p> <p>Desvantagens:</p> <p>“As desvantagens não vêm do próprio uso do cão, mas devido a problemas ocasionais de organização, como recursos / transporte / disponibilidade”.</p>

Fonte: Elaboração própria

Quadro n.º 13 - Análise da questão n.º 9

<p>Questão n.º 9</p> <p>Tendo em conta a sua experiência, qual é a sua opinião quanto à uniformização do treino e da formação das equipas cinotécnicas ao nível europeu?</p>		
Código (E)	Resposta	Argumentação do entrevistado
E1	“É muito positivo mas temos de continuar a melhorar”	<p>“A vantagem que tem é todos falarmos o mesmo código, todos sabermos como se faz e como se chega a um determinado tipo de resultado e todos sabermos qual é a qualidade que todos os meios cinotécnicos que estão certificados têm”.</p> <p>“Temos de perceber que o ciclo tem de ser alimentado porque há sempre coisas a serem melhoradas, porque o crime está sempre a evoluir, o adversário vai mudar de procedimentos e técnicas, vão surgir novas drogas e novos explosivos e isto vai implicar que surjam dificuldades e que sejam introduzidos melhoramentos que terão de se refletir em todo o processo. Mas eu penso que a <i>Frontex</i> está consciente disso e tem uma estrutura na área de treino que permite responder a essas mesmas dificuldades”.</p>
E2	“Uma ótima iniciativa”	<p>“Penso ser o futuro, uma vez que a realidade criminal está a levar a que cada vez mais organismos internacionais colaborem em conjunto, pelo que se todas as equipas tiverem o mesmo tipo de treino e procedimentos, irá permitir aos decisores ter as mesmas capacidades e obter maior sucesso na condução das operações”.</p>
E3	“Fundamental”	<p>“Eu acho que é fundamental toda a gente falar a mesma língua ou pelo menos ter os mesmos conhecimentos” (...) a comunicação é muito mais rápida e eficaz”.</p>
E4	“É uma mais-valia”	<p>“Vem, na minha opinião, potenciar a atividade operacional conjunta entre diferentes forças internacionais. Permite uma aproximação entre militares que se encontrem destacados na mesma missão. Permite eventualmente a realização de treinos conjuntos e um apoio mais aproximado entre os militares destacados”.</p>
E5	“Só tem trazido benefícios”	<p>“Permite uma partilha de conhecimentos com os países com os quais trabalhamos. Uma igual forma de trabalhar e pensar, o que operacionalmente falando, só traz benefícios. (...) garante que eu tenha uma ideia e consiga partilha-la de forma perceptível para quem está comigo, e isso traz muitos benefícios”.</p>
E6	“Tem sido muito útil”	<p>“Utilizar uma só linguagem em termos de treino de cão e que qualquer um consegue ajudar o outro através do treino específico que temos. Conseguimos ver pormenores ou erro que um militar está a fazer e conseguimos corrigir mutuamente em termos de treino de cão que é muito bom. Por exemplo num local onde estejamos dez pessoas de países diferentes, conseguimos falar todos a mesma linguagem de treino e perceber todos aquilo que temos de evoluir num cão ou no outro de forma a levar a um bom porto o treino do cão e continuarmos a ter os mesmos ou melhores resultados”.</p>
E7	“Muito bom”	<p>“Visa a troca de experiência e conhecimento por forma a potenciar ao máximo a capacidade do binómio em contexto operacional, mas acima de tudo, visa padronizar o treino na utilização do binómio em contexto operacional, visto estarmos a falar de um conceito de polícia comunitária, onde as polícias dos mais diversos países interagem e trabalham entres si”.</p>

Apêndices

E8	“É vantajoso”	<p>“Trabalhamos com muitas pessoas diferentes e de forças diferentes e é essencial que tenhamos os mesmos objetivos, as mesmas metas e os mesmos procedimentos. (...) A linguagem técnica é comum e isso é uma grande vantagem porque aquilo que nós fazemos aqui é o mesmo daquilo que se faz na Roménia ou na Grécia ou em qualquer lado”.</p> <p>“A certificação comum dos tratadores cinotécnicos a nível europeu (...) significa que todos têm as mesmas competências. Isto dá uma grande segurança a quem decide empenhar os binómios já que sabe aquilo que pode esperar”.</p>
E9	“Essencial”	<p>“Parece-me que esta uniformização é essencial para garantir a máxima qualidade das equipas cinotécnicas, sendo no entanto necessário rever periodicamente a aplicabilidade destes padrões”.</p>
E10	“Importante”	<p>“Se a nível interno é importante, mais importante se torna, as forças de segurança e outras que participam nas missões <i>Frontex</i>, terem o mesmo tipo de “linguagem”, no que se refere ao treino e aplicação de cães em trabalho operacional”.</p>
E11	“Extremamente importante”	<p>“Garante que em missões conjuntas, os objetivos, a terminologia, o modo de trabalho seja o mesmo e conseguimos efetivamente trabalhar conjuntamente e, sem perguntar, conseguimos saber qual é a capacidade de determinado binómio e quais são as suas limitações porque o treino é o mesmo”.</p> <p>“Penso que melhora e muito o serviço desenvolvido nas fronteiras”.</p>
E12	“Muito importante”	<p>“No início, quando os procedimentos não eram comuns, essa situação causava muito desconforto e havia quase que uma competição para verificar quem é que treinava mais ou melhor e mesmo a nível de métodos existiam muitas divergências. (...) se trabalharmos todos da mesma maneira e com um objetivo comum e soubermos o que cada um de nós está a fazer e o porque que está a fazer, conseguimos detetar, se existir, qualquer problema conseguimos rapidamente resolver e auxiliar-nos mutuamente.</p> <p>A principal vantagem foi colocar-nos todos a falar a mesma língua no que ao emprego operacional dos binómios diz respeito”.</p>
E13	“Importante”	<p>“Treinamos todos da mesma forma com os mesmos métodos e procedimentos e falamos todos a mesma linguagem técnica e se eu trabalhar com uma pessoa de outro país com o mesmo curso e formação, sabemos exatamente o que fazer e como fazer. Essa é a mais-valia tanto a nível teórico quer a nível prática”.</p>
E14	“Fundamental e facilita”	<p>“No caso de a <i>Frontex</i> decidir efetuar mais operações, não tem de existir uma preparação prévia porque todos já sabem o que devem fazer (...) Esta metodologia permite que o trabalho se desenrole de forma muito mais fluída”.</p>
E15	“Nota-se realmente a diferença e tem sido muito vantajoso”	<p>“A vantagem é toda a gente falar a mesma linguagem em toda a Europa. Estamos todos orientados para o mesmo sentido.</p> <p>Eu já faço missões à oito anos e, antigamente, quando não existia este padrão todo orientado para o mesmo sentido, cada um trabalhava de uma maneira e cada um falava, se calhar da mesma coisa, mas de maneira diferente e agora nos últimos dois anos isso não se verifica”.</p>
E16	“Melhora a capacidade, habilidade, eficiência e eficácia”	<p>“Neste momento a padronização dos guardas de fronteira da UE é já bastante elevado. Se cada vez mais os Estados-Membros tiverem capacidade de seguir os padrões da <i>Frontex</i> conseguiremos cada vez mais aumentar a capacidade, habilidade, eficiência e eficácia da Agência <i>Frontex</i> no decorrer das suas operações”.</p>

Apêndices

E17	“Muito importante”	“Ao implementar, ao nível europeu, um sistema de treino comum, reconhecemos que estamos a compartilhar valores comuns, estabelecendo padrões comuns, adotando a mesma terminologia, usando as mesmas formas de treino e formação. Isto permite que possamos empregar as equipas cinotécnicas de qualquer país em qualquer lugar da Europa”.
E18	“É fundamental”	“Na minha opinião deve ser uma filosofia, deve ser comum a todas as equipas cinotécnicas”.
E19	“Deve ser a regra”	“Acredito que todas as unidades cinotécnicas da União Europeia, devem ter o mesmo nível de treino e formação, seguindo os mesmos padrões (...) ainda existem muitas diferenças na formação de cães de serviço entre os países da UE, embora trabalhem sob as mesmas regras e com um “propósito” comum”
E20	“Tem trazido imensos benefícios”	<p>“Os benefícios do presente projeto têm-se vindo a tonar cada vez mais óbvios. Devido ao elevado nível de formação no quadro da <i>Frontex</i>, as equipas cinotécnicas são distintas pela sua eficácia e variedade de capacidades operacionais. (...) Este processo fornece um grande grupo de equipas cinotécnicas disponíveis para serem projetadas nos setores das fronteiras onde sejam necessários, não importando onde, quando e quais circunstâncias. (...) A padronização cria uma rede de profissionais que falam a mesma linguagem de treino, dando mais-valia através da troca de conhecimento e experiências”.</p> <p>“Os Estados-Membros que investiram os seus esforços no sentido de implementar as normas comuns da <i>Frontex</i> conseguiram resolver qualquer falta de formação nos seus cães e obtiveram inúmeros benefícios e, como consequência, mais Estados-Membros seguiram este exemplo e decidiram juntar-se ao projeto europeu”.</p> <p>“Um dos Estados líderes neste procedimento é Portugal através da GNR, com os oficiais superiores que acreditaram no conceito de estrutura europeia comum e apoiaram e deram o melhor de si para serem bem-sucedidos”.</p>

Fonte: Elaboração própria

ANEXOS

ANEXO A - NÚMERO DE MIGRANTES IRREGULARES (MI) DETETADOS PELOS BINÓMIOS DO GIC

Quadro n.º 14 - Número de Migrantes Irregulares (MI) detetados pelos binómios do GIC

Ano	Operação	Local	Período	Total de MI detetados
2007	JO MINERVA	Algeciras/Espanha	15Ago-14Set	21
2008	JO MINERVA	Almeria/Espanha	11Ago-12Set	8
2009	JO URANUS	Roscke/Hungria	09Jun-24Jun	0
	JO MINERVA	Algeciras/Espanha	09Ago-11Set	7
2010	JO MINERVA	Ceuta/Espanha	26Jul-03Set	16
	JO POSEIDON	Kipi/Grécia	30Mar-30Abr	0
2011	JO JUPITER	Vásárosnamény/Hungria	19Abr-28Mai	0
	JO RABBIT	Orestiada/Grécia	01Mar-31Mar	0
	JO POSEIDON	Orestiada/Grécia	29Mar-28Abr	0
	JO MINERVA	Ceuta/Espanha	11Jul-05Set	11
	JO JUPITER	Galati/Roménia	10Jul-03Ago	0
2012	JO POSEIDON	Orestiada/Grécia	27Mar-24Mai	11
	JO MINERVA	Algeciras-Ceuta/Espanha	10Jul-06Set	117
	JO POSEIDON	Alexandropólis/Grécia	21Mai-11Set	7
2013	JO MINERVA	Algeciras-Ceuta/Espanha	29Jul-17Set	289
	JO POSEIDON	Ethelvo/Bulgária	17Jan-26Mar	19
2014	JO MINERVA	Algeciras-Ceuta/Espanha	30Jul-08Ago	40
	JO MINERVA	Ceuta/Espanha	27Jul-17Set	267
2015	JO FOCAL PTS	Andrevo/Bulgária	23Jun-20Ago	80
	JO FOCAL PTS	Orestiada/Grécia	02Fev-18Mar	35
	JO FOCAL PTS	Orestiada/Grécia	06Jan-29Abr	142
	JO FOCAL PTS	Orestiada/Grécia	06Jan-29Abr	142
2016	JO FOA BCU	Sredets/Bulgária	30Mar-22Jun	0
	JO FOA BCU	Sredets/Bulgária	22Jun-17Ago	0
	FOA BCU	Alexandrópolis/Grécia	20Jul-14Set	0
	JO MINERVA	Ceuta/Espanha	26Jul-14Set	45
2017	JO FOA 2017	Kalotina/Bulgária	02Jan-11Ago	47
	JO FOCAL PTS	Roscke/Hungria	19Jun-16Ago	9
	JO MINERVA	Algeciras-Ceuta/Espanha	13Jul-16Set	77
	JO FOCAL PTS	Bajakovo/Croácia	13Set-08Nov	34
2018	FOA LAND	Kalotina/Bulgária	25Abr-07Nov	29
	FOA LAND	Kilkis/Grécia	20Jun-15Ago	334
	JO MINERVA	Algeciras-Ceuta/Espanha	19Jul-18Set	320
TOTAL				1926

Fonte: Dados fornecidos pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico da GNR